

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

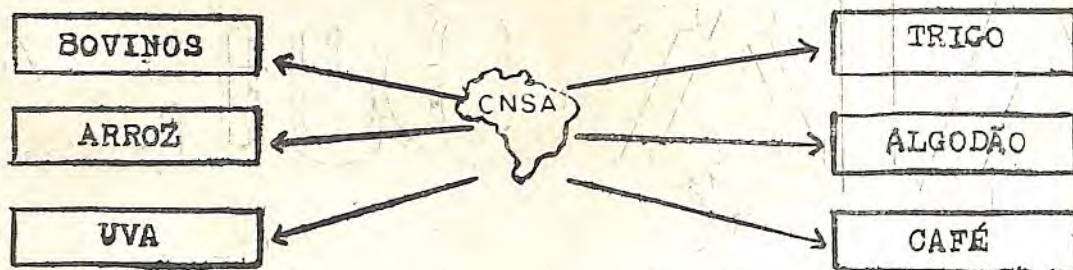
ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA



Terreno já preparado para o plantio das “aranhas” do espargo, observando-se os sulcos em que é posto o esterco e depois feito o plantio.

ANO LVIII

RIO DE JANEIRO — BRASIL
SETEMBRO-OUTUBRO, 1955



O SEGURO AGRO-PECUÁRIO É FATOR DE RIQUEZA

- EVITA PREJUÍZOS IRREMEDIÁVEIS NOS REBANHOS E NAS CULTURAS, CAUSADAS POR DOENÇAS, ACIDENTES E FENÔMENOS METEOROLÓGICOS.
- CONTRIBUI PARA O AUMENTO E MELHORIA DA PRODUÇÃO.
- É FATOR DE AUMENTO DO CRÉDITO DO SEGURADO PARA A REALIZAÇÃO DE SEUS TRABALHOS.
- PROMOVE ENTUSIASMO PELO TRABALHO, CONFIANÇA NO DIA DE AMANHÃ, TRANQUILIDADE E ALEGRIA DE VIVER !

COMPANHIA NACIONAL DE SEGURO AGRÍCOLA

MATRIZ : — Av. Antônio Carlos, 607-7.º — Caixa Postal, 1.229 — Rio

SUCURSAIS

Rua dos Andradas, 1.332-4.º — Pôrto Alegre — Rio G. do Sul
Av. Ipiranga, 1.216-8.º — Caixa Postal, 6.646 — São Paulo
Av. Antônio Carlos, 607-12.º — Caixa Postal, 1.229 — Rio
Avenida Augusto Ribas, s/n.º — Ponta Grossa — Paraná



As "aranhas" já colocadas nos sulcos, aguardando a cobertura dos mesmos e o levantamento dos camalhões de terra onde se desenvolvem os "turiões" do espargo.

sub. out 55

SUMÁRIO

	Pág.
EVOLUÇÃO DA PROPRIEDADE RURAL DO BRASIL — <i>Prof. Arthur Torres Filho</i> — Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura	3
CONFERENCIA DO PROF. ALBERTO BOERGER	5
A CLASSE RURAL — <i>Arruda Câmara</i>	10
COMUNICADO DA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE PELOTAS	15
CAMPANHA DA CULTURA DA SOJA	17
SERVIÇOS ASSISTENCIAIS DO SESI	30
A ENERGIA ATÔMICA POSSIBILITA O AUMENTO DA PRODUÇÃO DE AÇÚCAR	37
O BRASIL PRECISA DE FERTILIZANTES	39
NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES	42
A PROPÓSITO DA PICADA DAS ABELHAS — <i>Eurico Santos</i>	45
VERMINOSE DAS AVES	46
NOTICIÁRIO DA ESCOLA DE HORTICULTURA WENCESLAO BELLO	47
LIVROS E PUBLICAÇÕES	48
SÓCIO CORRESPONDENTE DA S.N.A. NO URUGUAI	52
BIBLIOTECA DA S.N.A.	53
ASSOCIATIVISMO RURAL	56

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 1897

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA
PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo	DR. MIGUEL CALMON DU PIN e ALMEIDA
Presidente Benemérito	DR. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente	—	ARTHUR TORRES FILHO
1.º Vice-Presidente	—	LUIZ SIMÕES LOPES
2.º Vice-Presidente	—	EDGAR TEIXEIRA LEITE
3.º Vice-Presidente	—	ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário	—	FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário	—	ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário	—	EURICO SANTOS
4.º Secretário	—	CINÉAS DE LIMA GUIMARÃES
1.º Tesoureiro	—	KURT REPSOLD
2.º Tesoureiro	—	OTTO FRENSEL
Secretário-Geral	—	LUIZ MARQUES POLIANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
ANTONIO FRANCISCO MAGARINOS TORRES
ENIO LUIZ LEITÃO
GERALDO GOULART DA SILVEIRA
HONÓRIO DA COSTA MONTEIRO FILHO
JOÃO MAURICIO DE MEDEIROS
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
MARIO DE OLIVEIRA

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA PARTICIPA EM CARÁTER PERMANENTE DOS SEGUINTE ÓRGÃOS:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; **Su-
plente**, Luiz Marques Poliano; **Comissão Revisora
de Tarifas** (Ministério da Fazenda) — Dr. Oswaldo
Miguel Frederico Ballarin; **Conselho Consultivo da
E. F. Central do Brasil** — Dr. Altino de Azevedo So-
dré; **Comissão Permanente de Estradas de Rodagem**
— Dr. Raul David de Sanson; **Instituto Brasileiro de
Educação e Cultura** (Ministério das Relações Exterio-
res) — Dr. Luiz Simões Lopes; **Conselho Nacional
de Aplicações dos Empréstimos Rurais** (Ministério da
Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; **Conselho Per-
manente de Associações Americanas de Comércio e
Produção** — Dr. Edgar Teixeira Leite; **Comissão Con-
sultiva de Acordos Comerciais** (Ministério das Rela-
ções Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; **Comissão
de Política Agrária** (Ministério da Agricultura) — Dr.
Luiz Simões Lopes. Suplente: Dr. Alberto Ravache.

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

ANO LVIII

SETEMBRO-OUTUBRO — 1955

Evolução da Propriedade Rural no Brasil

Prof. ARTHUR TORRES FILHO

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

Para um país da extensão territorial do Brasil fracamente povoado, o problema máximo está representado pela ocupação do solo. No entanto, ao invés de cuidarmos da estrutura agrária em bases econômicas e do levantamento do cadastro rural para traçarmos as diretrizes da colonização facilitando o acesso à terra pelo crédito agrícola, proclama-se a necessidade da reforma agrária que teria por finalidade promover a subdivisão da propriedade agrícola em caráter generalizado.

Segundo Lynn Smith, a posse da terra constitui “uma relação social entre a população e o solo”. A chamada pressão demográfica representa, do ponto de vista econômico e social, fator de alta importância a considerar-se nesse capítulo do uso da terra, que deve ser ressaltado pelos cuidadosos estudos da sociologia rural.

No Brasil, com o desbravamento, já vamos alcançando, em muitas regiões, uma estrutura agrária mais evoluída que exigirá programas cautelosos, dentro do panorama geral da economia brasileira, afim de que sejam evitados desajustamentos no Brasil rural.

São merecedores de louvores os esforços do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pelo Serviço Nacional de Recenseamento, pela realização dos censos agrícolas decenais. Os resultados preliminares de 1950 vem de ser publicados, embora ainda sujeitos a retificação. Esse censo oferece elementos valiosos.

Por êle se verifica que os estabelecimentos agrícolas de 1 a 5 hectares representam mais de 25% do total e com “exclusão dos destinados ao consumo doméstico”.

Evidencia-se, pois, que com uma legislação flexível de terras e o Código Rural que regule as relações jurídicas no meio rural, poderemos alcançar uma evolução social e econômica que atenda ao desenvolvimento do País.

De modo muito especial, nesse particular destacamos, o estudo que vem de publicar, em março último, a Conjuntura Econômica, da Fundação Getúlio Vargas, sobre a evolução da propriedade rural no Brasil, tomando por base o censo agrícola de 1950. Dentre as conclusões desse valioso estudo, podem ser destacadas as seguintes :

1) não obstante as naturais reservas que devem merecer, em país carente de cadastro rural, os dados censitários sobre a área dos estabelecimentos agrícolas, tudo parece indicar que, no último período intercensitário, se acelerou consideravelmente o ritmo de ocupação de novas áreas;

2) o censo de 1920 acusou uma área global de estabelecimentos agrícolas de 175,1 milhões de hectares. No censo de 1940 havia ela ascendido a 197,7 milhões de hectares e no de 1950 a 223,7 milhões, ou seja 27,6% da superfície terrestre do Brasil. Em conclusão, de 1920 a 1950 desbravámos a média anual de 1,1 milhões de hectares, e de 1940 a 1950 cerca de 3,6 milhões de hectares;

3) Quanto à concentração da propriedade latifundiária, que é crescente no Brasil, segundo o estudo da Conjuntura Econômica, é observado que o Leste Meridional e o Sul do país, são as regiões de concentração mais baixa, sem atingir, qualquer delas, 0,78 sendo que no Espírito Santo desce ao mínimo de 0,52, ficando bem destacado dos demais Estados, visto que o segundo de menor concentração é Santa Catarina, com 0,66. Convém ressaltar, observa Conjuntura Econômica, que esse Estado, Paraná e o Rio Grande do Sul não aqueles em que a colonização, com base da pequena propriedade, são aqueles em que mais se desenvolvem tanto a concentração como a área média, denotam tendência crescente de área das propriedades desde 1920.

Em suma, verifica-se que se vai processando normalmente a evolução da propriedade agrícola no Brasil e que o Código Rural viria assegurar estabilidade jurídica às classes rurais, concorrendo para o bem-estar rural e preparando a estrutura econômico-social dentro dos interesses da coletividade"

LAVRADOR

Se em teu município não existe associação agrícola, toma a iniciativa e funda uma; pede instrução à secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura.

A PRODUÇÃO TRITÍCOLA NO BRASIL

ASPECTOS TÉCNICOS E ECONÔMICOS

Especialmente convidado pela Sociedade Nacional de Agricultura, o Prof. Alberto Boerger, Diretor do Instituto Fitotécnico y Semillero Nacional "La Estanzuela", Departamento de Colonia, Uruguai, pronunciou, no dia 9 de Agosto do corrente ano, no auditório da Casa da Agricultura, Avenida General Justo 171, 2.º andar, sede da referida Sociedade, uma importante e interessante conferência subordinada ao tema: "A produção tritícola do Brasil: — Aspectos técnicos e econômicos —", perante um auditório constituído de representantes das altas autoridades do país, diretores de serviços técnicos do Ministério da Agricultura, representantes de entidades de classe, diretores da Sociedade Nacional de Agricultura, engenheiros agrônomos, etc.

Foi o seguinte o apanhado taquigráfico das palavras do Dr. Luiz Simões Lopes, 1.º Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, que na presidência da sessão pronunciou, apresentando o conferencista ao auditório.

APRESENTAÇÃO DO CONFERENCISTA

O SR. SIMÕES LOPES, Presidente — Antes de iniciarmos a nossa sessão, tenho o prazer de convidar para fazer parte da Mesa — infelizmente os lugares são poucos — o Dr. Kurt Repsold, representante do Sr. Ministro da Agricultura, o Deputado Daniel de Carvalho, ex-Ministro da Agricultura, o Dr. Edgard Teixeira Leite, Presidente do Conselho Nacional de Economia, o Dr. Heitor Grilo, Presidente em exercício do Conselho Nacional de Pesquisas, o Dr. Iris Meinelberg, Presidente da Confederação Rural Brasileira, o Embaixador Batista Luzardo, Diretor da Caixa Econômica do Rio de Janeiro, o Dr. Quintiliano Marques, Diretor do CNEPA, o Capitão de Mar e Guerra Oscar Luiz Silva, representante do Almirante Fontenele, o Dr. Mário da Cunha Raposo, representante da Confederação Nacional do Comércio e o Dr. Alvaro Rabelo. Quero ainda ter o prazer de ler uma pequena mensagem que



DR. ALBERTO BOERGER

acaba de chegar à Mesa, assinada pelo Dr. Henrique Bandeira de Melo, da Comissão de Estudos Técnicos do Serviço de Alimentação da Previdência Social, dirigida ao Dr. Alberto Boerger: (Lê a mensagem)

Meus senhores, altas autoridades aqui representadas, em particular S. Excia. o Sr. Ministro da Agricultura, o ex-Ministro Dr. Daniel de Carvalho, o Sr. Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, o Sr. Representante da Confederação Nacional do Comércio, o Sr. Presidente da Confederação Rural Brasileira, o Sr. Embaixador Batista Luzardo, o Sr. Representante do Almirante Fontenele e demais autoridades, a Sociedade Nacional de

Agricultura sente-se profundamente honrada com a oportunidade que tem de trazer a uma clientela de elite, daqueles que acompanham de perto os problemas da vida brasileira, a palavra abalizada e consagrada do Professor e grande técnico que é o Dr. Alberto Boerger.

Falando neste recinto de conhecedores e de pessoas que acompanham de perto os altos progressos da ciência agrônômica, é quase ocioso fazer o elogio do Dr. Alberto Boerger. Apenas queremos ressaltar que, integrado no meio sul-americano há mais de 40 anos, desde quando, em 1912, foi convidado pelo governo da República amiga do Uruguai a estudar a solução do

seu então difícil problema tritícola não só naquela República como em vários países do continente, também o Brasil foi alvo das atenções do nosso eminente visitante.

Aqui esteve ele, se não me falha a memória, a primeira vez, a convite do então Ministro Miguel Calmon, Presidente de Honra desta Casa, e daí para cá, por várias vezes, vem o Dr. Alberto Boerger trazendo o concurso de sua opulenta experiência na ma-

tinente e, mais do que isso, do mundo inteiro, autor que é de mais de 500 obras, de trabalhos técnicos sobre assuntos agrícolas, entre os quais alguns de interesse fundamental para a pesquisa agrônômica.

A alimentação humana está ameaçada, de um lado, pelo crescimento tremendo da população do mundo em todos os continentes, graças aos progressos da saúde pública, ao aumento da longevidade e ao natural cresci-

problema humano da mais alta relevância, que a humanidade não pode deixar de sobre ele se debruçar, desde que a previsão é a característica fundamental das civilizações organizadas.

Até bem pouco tempo vivíamos em quase todos os países chamados subdesenvolvidos ao sabor das improvisações, mas também até nós já chegou a ânsia do planejamento, da programação da vida do país nos seus vários setores, para prevenir



Fala, apresentando o conferencista, o Sr. Luiz Simões Lopes, 1.º Vice-Presidente da S. N. A.

téria às autoridades brasileiras, aos serviços públicos brasileiros interessados no assunto, portanto, ao Ministério da Agricultura, às Secretarias de Agricultura, aos Institutos, aos técnicos brasileiros e, particularmente, numa estreita cooperação, à Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, o maior centro produtor de trigo no Brasil e, ao mesmo tempo, região bastante similar àquela onde desenvolve as suas atividades científicas o nosso eminente Prof. Boerger.

Eu não quero cansar o auditório com uma biografia completa deste ilustre cientista que nos honra com sua presença e tanto honra a ciência agrônômica do Uruguai, como de todo o con-

mento vegetativo das zonas menos povoadas, achando-se ainda ameaçada essa população por idéias nefastas que foram trazidas há algum tempo e empolgaram certos espíritos, após os trabalhos tão conhecidos de Malthus. Nesse campo, digamos assim, de ciência aplicada de como vai a humanidade resolver esse problema cada vez mais angustiante de alimentar milhões de seres humanos que crescem em proporção desmedida em todos os recantos do mundo, a colaboração dada pelo Dr. Boerger é das mais preciosas e interessa, portanto, não só à ciência agrônômica mas às ciências sociais de um modo geral, porque é, muito mais do que isso, um

grandes desastres, como esse, por exemplo, com que nos ameaçam alguns de que em futuro próximo não será possível alimentar a humanidade dado o seu tremendo crescimento nos últimos anos em números e, mais do que isso e tanto quanto isso, em nível de consumo, porque não se trata apenas de mitigar a fome, mas de dar um nível de consumo compatível com a dignidade humana.

Esse é talvez um dos aspectos menos conhecidos entre nós da obra do Prof. Boerger. Ele não é, portanto, apenas — ou nem cabe a palavra apenas — ele não é só o professor conhecedor do problema tritícola é, pelo menos no meio sul-americano, a voz

mais abalizada pela sua longa experiência, ele é também um estudioso dos grandes problemas humanos, dos grandes problemas que preocupam a humanidade de hoje.

Eu não me quero alongar mais, embora me sinta um pouco traído pelo desejo incontido de falar ainda sobre a obra do Prof. Boerger, bastante conhecido em nossos meios, nos meios do Ministério da Agricultura, onde tive a honra de trabalhar durante alguns anos, e particularmente no meu Estado, o Rio Grande do Sul, onde, como eu disse, ele tem trazido ininterruptamente, quase que anualmente, contribuições novas e decisivas para o progresso da nossa triticultura.

A Estação de Estanzeola, onde há longos anos pontifica o nosso eminente visitante, é por assim dizer um prolongamento da rede de estações experimentais voltadas à pesquisa do trigo no Rio Grande do Sul, assim como, podemos dizer com orgulho nós brasileiros, as nossas estações experimentais, particularmente as sediadas no Rio Grande do Sul, são também um prolongamento, uma extensão dos trabalhos de Estanzeola, tal a cordialidade que sempre reinou entre as direções desses serviços técnicos uruguaios e brasileiros, tal o acerto de pontos de vista entre os seus mais destacados técnicos, no Brasil chefiados pelo grupo do Instituto Agrônomo do Sul, no Uruguai sob a alta direção da Estação de Estanzeola.

É, portanto, com profunda satisfação e com orgulho mesmo que, na impossibilidade de ver esta sessão presidida pelo nosso querido amigo e grande Presidente desta Casa que é o Dr. Arthur Tôres Filho, eu, na qualidade de 1.º Vice-Presidente, tenho o prazer e a honra de dar a palavra ao Dr. Alberto Boerger (PALMAS).

RESUMO DA CONFERÊNCIA

O orador começou recordando que com o tema de sua conferência se sentia familiarizado desde 1923, ano em que atendendo a um convite do então Ministro da Agricultura Dr. Miguel Calmon de Pin Almeida, percorreu os Estados do Sul do Brasil, para estudar as possibilidades da produção tritícola.

Naquela oportunidade dissertou em torno de suas impressões.

Posteriormente, em 1940, no II Congresso Riograndense de Agronomia realizado em Porto



Fala o conferencista, Dr. Alberto Boerger

Alegre, voltou a falar sobre o tema.

Finalmente, em 1947, em uma conferência pronunciada na Escola de Agronomia "Eliseu Maciel", de Pelotas, abordou também diversos aspectos do problema.

Assinalou o conferencista, que tanto seus prognósticos de 1924 como os de 1940 constituem hoje fatos positivos que se comprovam na prática produtiva do trigo, em rápido aumento.

Sob o ponto de vista retrospectivo, o Dr. Boerger indicou a seguir as principais causas técnicas nas quais repousa o êxito alcançado.

Na parte inicial de sua dissertação abordou, também, outros aspectos.

Expressou que todas as informações sobre a produção tritícola no Brasil atribuem importância primordial ao problema variedade.

Nesse sentido particulariza que semear variedades adaptadas às condições ambientais tão diferentes das respectivas regiões tritícolas, preferentemente trigos precoces, e desde logo resistentes às afecções parasitárias que põem em perigo todo o resultado do trabalho, entre elas a Puccinia graminis, continua sendo ponto fundamental para obter êxito nas sementeiras de trigo.

Destaca a importância das raças locais de trigo perfeitamente adaptadas às condições ambientais.

Relata seus trabalhos no Uruguai em genética vegetal desde 1912 e declara que na informação apresentada em 1924 ao Governo do Brasil, por ocasião da viagem citada anteriormente, havia

salientado a importância das raças locais brasileiras para cimentar sobre uma base segura, as realizações fitogenéticas projetadas.

Constituiu motivo de íntima satisfação — expressou o Dr. Boerger — poder declarar hoje que não se equivocara no caminho acertado.

Em seguida comenta a documentação bibliográfica brasileira, sobre o trigo.

A obra de seleção tritícola, assinala, está dando resultados altamente satisfatórios em virtude de estar alicerçada em bases sólidas no patrimônio genético do trigo do Brasil, formado mediante a separação de formas entre as raças locais perfeitamente adaptadas.

Quanto à questões agrotécnicas, salienta que as mesmas abrangem, entre outros, a aplicação do sistema de rotação; a preparação do solo, inclusive o uso de fertilizantes; trabalhos culturais e questões complementares.

Refere-se a mecanização agrícola e ao uso de adubos, como pontos de especial interesse.

Salienta a importância da rotação para o plantio do trigo, lembrando que é louvável a inquietação dos lavradores progressistas, que desistem da monocultura conforme as condições.

Em relação à região serrana das matas, lembrou que as sementeiras de trigo podem ser alternados com o milho, a mandioca, a batata-doce, a batatinha, o linho, as forrageiras, etc.

Na região pastoril do Rio Grande do Sul e outras zonas de campos abertos os prados submetidos durante algum tempo à

exploração agrícola, são devolvidos ao pastoreio.

Dessa maneira, fica estabelecido um entrosamento entre ambos os ramos básicos da exploração agropecuária do solo, tecnicamente, plausível e benéfico para ambos.

Refere-se a seguir às indagações fitopatológicas destacando a criação de variedades de trigo resistentes à ferrugem negra.

A obtenção de variedades resistentes a esta afecção, como também a outras enfermidades micro parasitárias em unção com o fator "precocidade" permitem a realização de uma obra fitogenética que constitui um marco de honra e de orgulho para o Brasil.

Como problema tipicamente brasileiro da fitopatologia do trigo, menciona, de passagem, o "crestamento", destacando os trabalhos realizados neste sentido através de investigações no Brasil.

Igualmente, refere-se ao carvão ou cárie de trigo, uma das formas da *Tilletia*, que é uma séria ameaça sobre a produção do trigo no Rio da Plata e em certas zonas do Brasil.

Destaca vários trabalhos em torno desta questão, recalçando sua importância também para o Brasil.

Em seguida o Dr. Boerger assinala que em regiões trigueiras como as do Brasil, cuja colheita se destina totalmente ao consumo interno, os estudos qualitativos a primeira vista podem parecer como questões de menor importância frente à premente necessidade de resolver-s satisfatoriamente às de produção em si: adaptação, rendimento unitário, sanidade, etc.

Sem embargo, o problema qualitativo deve incluir-se como assunto digno de atenção.

Depois de referir-se aos trabalhos encaminhados nesse sentido na Argentina e no Uruguai, consigna que no Brasil a mistura de farinha de trigo com certa quantidade de outras farinhas constitui um problema técnico digno de atenção.

A riqueza do Brasil em produtos amiláceos utilizáveis para a panificação, constitui um ponto digno de atenção.

Quanto aos aspectos econômicos o orador os analisa na segunda parte de sua exposição.

Depois de referir-se ao protectionismo em geral, detem-se em uma exaustiva informação sobre a obra de fomento do plantio de trigo no Brasil, que encheria as páginas de um livro.

Limita-se pois a assinalar diversas fontes bibliográficas, e lembrar cifras concretas que destacam o progresso havido desde 1953.

A respeito dos resultados de interesse nacional, manifestou o Dr. Boerger que o plantio de trigo mediante uma política protectionista dos governantes do Brasil deu resultados auspiciosos em relação à economia nacional.

Nesta ordem de idéias, expressa que o Brasil está progredindo com rapidez no cumprimen-

Finalmente, destaca que no Brasil existem possibilidades singularmente favoráveis para o cultivo de plantas que em comparação com o trigo se destacam por uma elevada eficácia assimiladora da energia solar, fonte comum de matéria orgânica formada mediante o processo da fotossíntese.

Sob este ponto de vista consigna a batata-dóce e a mandioca como plantas produtoras de elevadas qualidades unitárias de substância amilácea.



Na mesa, além do Presidente, os Srs. Batista Luzardo, Iris Meinberg, pres. da C. R. B., Daniel de Carvalho, ex-ministro da Agricultura, Kurt Repsold, diretor do D.N.P.V., Teixeira Leite, pres. do Conselho Nacional de Economia e Heitor Grilo, pres. do Conselho Nacional de Pesquisas.

to da nobre aspiração de oferecer a todos e a cada um dos habitantes "o pedaço de pão" elaborado de trigo nascido em terra brasileira.

Por último, o Prof. Boerger salienta que os dados apresentados sobre a área cultivada com trigo em diversos Estados do Brasil se destacam como um fato muito significativo não só para a economia brasileira, senão também para o problema alimentar do globo.

Lembra a seguir o avanço do plantio de trigo em direção à linha equatorial, sucesso comparável ao avanço para o polo, no Hemisfério Norte, uma das conquistas mais notáveis da Genética Vegetal moderna.

Desta forma, o plantio do trigo na zona tropical do Brasil como Bahia e Goiás, fato bem recente, significa um acontecimento digno de ser destacado sob o ponto de vista da economia mundial.

Sua plantação merece, portanto, atenção, sem que isso signifique descuido com o cultivo do trigo.

Mencionando o livro de Josué de Castro sobre a alimentação no Brasil, o Dr. Boerger assinala a contribuição do Dr. Grober, catedrático de Medicina Interna da Universidade de Jena (Alemanha do Este), que publicou há pouco um trabalho intitulado "Triennium Bioclimaticum Tropicale".

Termina o Prof. Boerger sua magnífica conferência salientando ao Brasil uma grande missão no seio das grandes nações do futuro.

DEBATES

O SR. SIMÕES LOPES, Presidente — Tem a palavra qualquer dos presentes que queira fazer perguntas ou pedir esclarecimentos ao Dr. Boerger, que tão gentilmente se pôs à disposição de todos nesse sentidos.

O SR. ASDRUBAL ULISSEIA — Dr. Boerger, a região onde tem sido no Brasil cultivado o trigo oferece ou poderia oferecer condições de maior rendimento. Assim pergunto porque sabemos que o trigo é realmente plantado em áreas planas, que permitem uma grande mecanização. Entretanto, no Brasil parece que tal não ocorre, pelo menos vindo do Rio Grande do Sul para cá encontramos esse obstáculo.

Eu gostaria de um esclarecimento de V. S. a esse respeito.

O SR. ALBERTO BOERGER — O trigo é uma gramínea realmente há maior facilidade de mecanização quando ele é plantado em áreas planas. Mas não é por isso que os brasileiros devem perder a esperança de também cultivar trigo nas regiões montanhosas, pois isso sucede em outros países do mundo e não somente neste continente. É claro que temos de buscar as regiões planas, as lareiras, como dizemos nós em castelhano.

Na Alemanha existem várias ondulações e se está plantando trigo ali por toda parte. O Brasil, entretanto, não há de chegar a esse ponto, porque aqui há abundância de terras, há abundância de toda espécie e a questão é fazer a plantação no lugar devido. Para isso, existem as investigações do Instituto Agrônomo do Sul. Pior é o caso da Venezuela e da Colômbia, que não se pode comparar de maneira alguma ao daqui.

A grande solução para o problema trigueiro do Brasil é encontrada no Rio Grande do Sul. Agora, se mais tarde houver necessidade, então iremos também plantar trigo nas alturas.

Na Suíça não há nenhuma planície, só planaltos e no entanto, durante a guerra, ali havia produção de trigo. De maneira que nas alturas também é possível a produção de trigo.

O SR. SIMÕES LOPES, Presidente — Alguém mais tem perguntas a fazer ao Dr. Boerger?

O SR. GABRIEL ARBIZA — Vou fazer uma pergunta com respeito à produção do Uruguai: não é contraproducente o fomento à produção trigueira no que se refere ao preço mínimo, já que o trigo se conserva necessariamente, não se degenera, e com esse fomento todo mundo irá passar a plantar trigo?

O SR. ALBERTO BOERGER — No Uruguai, este é um problema muito sério e que atualmente os governantes querem ver resolvido.

No Uruguai, houve uma proteção à produção trigueira muito

benévola e hoje todo mundo está plantando trigo, por toda parte só se vê trigo. Hoje em dia, o trigo é o cultivo mais bem remunerado no Uruguai.

Surge, então, o problema da rotação, não para ter uma influência de momento, mas constituindo matéria de difícil solução. Não é uma questão técnica, mas dos governantes. O técnico poderá solucionar a questão da colheita do trigo, do descanso da terra etc., mas não especular. Se houver especulação, o técnico nada mais tem a dizer. E sempre cala muito mal, a meu ver, quando o homem quer fazer especulação com um pedaço de pão destinado à alimentação de seus semelhantes.

A pergunta, entretanto, está muito bem feita com referência ao problema uruguiano. Já no caso do Brasil é outra a política trigueira.

TÉRMINO DA SESSÃO

O SR. SIMÕES LOPES, Presidente — Não havendo mais nenhum dos presentes que queira fazer perguntas ao Dr. Boerger, antes de encerrar esta sessão, eu queira agradecer mais uma vez em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, em nome de todos os presentes, esta interessantíssima palestra do nosso eminente visitante, precisa e conclusiva como devem ser as palavras de especialistas numa assembléia de conhecedores do assunto, como é essa que aqui reunimos na Sociedade Nacional de Agricultura.

O Dr. Boerger, em rápidas pinceladas, abordou os pontos fundamentais do problema trigueiro do Brasil, com a sua experiência não só de Diretor de Estanzuela, mas de quem vem acompanhando há alguns decênios o desenvolvimento da política trigueira no mundo e particularmente no Brasil, país vizinho e amigo e país de adoção de S. S.

Em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, quero ainda ter o prazer de oferecer ao Prof. Boerger o título de sócio correspondente no Uruguai desta entidade. É, sem dúvida, homenagem muito modesta, mas para nós desta Casa, que há longos anos nos dedicamos ao seu progresso, à sua vida, à sua atuação no meio brasileiro, é a mais alta recompensa que poderíamos dar, na nossa modéstia, a um visitante ilustre e eminente como o Prof. Boerger.

Tenho, assim, o prazer de oferecer ao Prof. Boerger esse título, em nome do nosso Presi-

dente, o Dr. Arthur Tórres Filho, que infelizmente não pôde presidir a reunião de hoje.

Antes de encerrar, quero ainda comunicar aos presentes, quase todos ou todos interessados nos problemas rurais do Brasil e, consequentemente, nos seus aspectos sociais, uma notícia que me foi transmitida agora pelo ilustre Presidente da Confederação Rural Brasileira, o Sr. Iris Meinberg: acaba de ser aprovada, no Parlamento Brasileiro, a lei que cria o Serviço Social Rural. (PALMAS) E mais ainda: essa lei foi aprovada dentro dos termos gerais em que foi aconselhada aos poderes públicos pela Confederação Rural Brasileira, que vem há longo tempo trabalhando pela sua concretização. É um ideal não só dos lavradores, não só dos agricultores brasileiros, mas um ideal nacional, porque todos nós, dos campos ou das cidades, não poderíamos mais continuar indiferentes a esse aspecto desolador do abandono em que viviam e vivem até hoje os nossos homens do interior, que são, finalmente, em última análise, a alavanca real do nosso progresso e da felicidade do país.

Penso que todos nós devemos nos congratular por esse ato com o Congresso Brasileiro e com o Presidente da Confederação Rural Brasileira, a entidade máxima das Associações Rurais do Brasil, que vem, como eu disse, se batendo, desde a sua constituição, pela concretização desse ideal de todos os brasileiros.

Agradeço a presença das autoridades que nos honraram com seu comparecimento, agradeço às instituições interessadas no problema que aqui mandaram seus representantes e agradeço a todos aqueles que, privando-se dos seus minutos de lazer e descanso, aqui vieram não só homenagear o nosso eminente amigo Prof. Boerger, mas demonstrar o seu interesse profundo por um dos problemas certamente mais importantes para a vida do país, como assinalou o ilustre conferencista, que é o abastecimento dos brasileiros com pão brasileiro, feito de trigo plantado no Brasil.

Está encerrada a sessão. (PALMAS)

Conclusão da pág. 12

indicando às suas federações os estabelecimentos que podem ser incluídos nos planos turísticos de excursões, e esclarecendo quanto ao acesso, distâncias e condições de hospedagem.

À Classe Rural

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CAMARA

XII

Crédito rural — Sistema, entrosamento e colaboração

Velha aspiração do agricultor brasileiro o Banco Rural que, apesar de tentativas várias ainda não foi satisfeita. Numerosos estudos e pro-

sados reunidos em cooperativas de crédito e mistas.

Imprescindível é que se articulem e entrossem, num sistema ligado ao Banco Rural pelos laços de estreita colaboração ao estabelecimento, inclusive sociedades cooperativas, que operam em crédi-

importação a que somos abrigados, inclusive por "conveniências da nossa política comercial".

Nas zonas serranas e nas de média altitude, de clima ameno sobretudo das regiões leste meridional e sul, julgamos de bom aviso desenvol-



Escola Provisória — Belterra.

jetos, — viáveis uns e outros não —, ocuparam a atenção de estadistas, banqueiros e economistas, tanto no regime republicano como no que lhe precedeu.

Não foram, entretanto, perdidos os esforços. Alguma coisa se fez em benefício do crédito de que tanto necessitam a lavoura, a pecuária e as indústrias rurais, devendo-se referência especial à contribuição e aos esforços da iniciativa particular, inclusive dos próprios interes-

to rural nas suas diferentes modalidades.

XIII

Maçãs, peras, uvas e outras frutas de clima temperado

Não é só uvas, também maçãs, peras e outras frutas de clima temperado, podemos produzir para o abastecimento do mercado interno.

Um pouco de esforço e boa vontade, — assistidos e orientados os produtores —, livrar-nos-á da necessidade da

verem as associações rurais persuasivo interesse pela intensificação da fruticultura de clima temperado.

A comercialização das frutas não oferecerá, em bases cooperativas, dificuldades.

XIV

Azeitona, azeite doce e oliveicultura

Aos amigos que, em conversa, manifestam dúvidas sobre a possibilidade de desenvolvimento de cultura da

oliveira, temos afirmado não ser exagerada, como poderá parecer a alguns, a campanha que vem sendo feita.

A propaganda desenvolvida, conquanto em termos gerais, refere-se, como é natural, às zonas onde a exploração, pela ocorrência de fatores favoráveis, seja econômica.

Esperem e terão oportunidade de ver, dentro de poucos anos, azeitonas e azeite doce, de produção nacional, concorrendo em o nosso mercado com o artigo de procedência estrangeira.

XV

Cooperativismo

Ao ensejo da comemoração, pelo Centro Nacional de Estudos Cooperativos, do XXXII dia cooperativo internacional, tivemos oportunidade de formular, em mensagem generosamente acolhida, apelo no sentido da igualdade de trato às sociedades cooperativas.

A propósito, assim noticiou ARCO-IRIS, ano IV, n. 25:

— Estando há tempo inscrito para falar na solenidade, infelizmente o nosso companheiro sr. Antonio de Arruda Câmara não pôde comparecer pessoalmente, por guardar o leito em uma casa de saúde. Entretanto, para não fugir ao compromisso, quis espontaneamente enviar a sua palavra autorizada, ditando no leito a sua mensagem, que a digna esposa escreveu, e que no ato foi lida pelo nosso consócio sr. Osvaldo Nery da Fonseca. Divulgamo-la a seguir:

“Receíamos não conseguir, com a necessária clareza e precisão, dizer o que temos em mente. Não dispomos, infelizmente, de fácil maneira de expressão.

Em todo caso tentaremos... É nosso propósito expor, apenas, o que nos parece, face das observações de longos anos, mais acertado.

Não temos preferências quanto a categoria ou espécie de cooperativa. Para nós tem o mesmo peso a cooperativa de consumo, de crédito ou de “produção”. Entendemos não estar uma delas mais sujeita que as outras a deturpações. O nosso ponto de vista todas merecem o mesmo tratamento e qualquer delas está igualmente exposta a um de-

feituoso funcionamento, sobretudo em consequência de deficiências na administração.

O que precisamos, temos real necessidade, é afastar o espírito mercantilista nas operações das sociedades cooperativas. Uma cooperativa mercantilizada, no sentido em que empregamos o termo, é uma cooperativa que tende a se deturpar. Transformar-se-á, depois, é quase certo, em uma “falsa cooperativa”, embora tenha sido fundada com os melhores e mais sadios propósitos.

Não devemos julgar mal uma cooperativa por haver prosperado, e nem tão pouco considerar boa, — modelo cooperativo —, a que não conseguiu razoável desenvolvimento.

Devemos, entretanto, nos pôr em guarda quanto a resultados espetaculares, sejam eles positivos ou negativos.

Não temos, insistimos, preferências, e nem consideramos melhor ou pior a sociedade cooperativa de determinada natureza ou de diverso objetivo.

Variam, naturalmente, as possibilidades. A rigor, a constituição de uma socieda-

de cooperativa é sempre motivada e deve, antes, ser planejada.

Os sortimentos nas cooperativas de consumo e nas de compras em comum obedecem às exigências da procura, e quando assim não acontece as coisas não correm bem.

Formulamos um apelo, visando que os cooperativistas brasileiros dispensem igualdade de trato às diferentes espécies de sociedades cooperativas (crédito, consumo, agro-pecuárias, culturais, etc.) e transmitimos aos companheiros do CNEC o nosso fraternal abraço”.

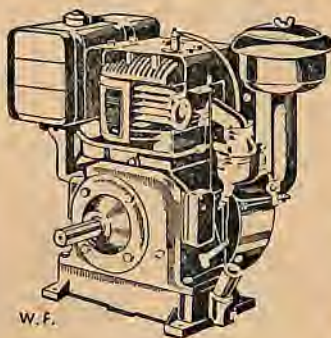
XVI

As hortaliças e a melhoria da alimentação no meio rural

Em cada estabelecimento rural tantas hortas domésticas quantas as famílias residentes, — eis uma bandeira que poderia nortear a ação educativa das associações rurais.

O consumo de hortaliças precisa e deve ser intensificado, tanto nas cidades, vilas e povoados, como no meio rural, onde a higiene alimentar, melhoradas suas condições, realizará milagres.

PARA O CAMPO E A INDÚSTRIA



W.F.

MOTORES
À GASOLINA
DE 1 À 8HP
4 TEMPOS
REFRIGERADOS À AR



A FONTE
DE
POTÊNCIA
PREFERIDA
EM
TODO MUNDO

SERVIMO-LO COM PRAZER
Borghoff S.A.
COMERCIO E TECNICA

RIO DE JANEIRO: RUA RIACHUELO, 243
SÃO PAULO: AV. GEN. OLÍMPIO DA SILVEIRA, 63/77



SAL DE MACAU

TODOS OS TIPOS PARA TODOS OS FINS



**É O MELHOR
SAL DE
COZINHA E PARA
SALGA DE MANTEIGA**



**CONDOR
FINÍSSIMO SAL
— PARA MESA —**



Henrique Lage Comércio e Indústria S. A.

Avenida Marechal Câmara, 350-3.º — Sala 301 — Telefone : 32-7557

Telegramas : Lage — RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL, 1032

A horta doméstica auxilia o sustento da família, entretém e dá ocupação sadia e proveitosa às pessoas de idade, senhoras e crianças.

XVII

Hortaliças silvestres

Há um bom número de plantas nativas apreciadas como "verduras". Algumas delas passaram a ser objeto de cultura e outras como plantas espontâneas, a constituir "pragas" nas hortas, e nas rocas ou roçados.

Estamos interessados em relacionar umas e outras, ou melhor, as plantas nativas utilizadas como hortaliças para, oportunamente, considerá-las, em um trabalho planejado e em preparo.

Agradeceríamos informações, inclusive sobre as diferentes maneiras de preparo para o consumo.

XVIII

Habitações Rurais

Inquérito realizado há anos, sob nossa orientação, apurou que a natureza do material não impede que as construções satisfaçam o mínimo de requisitos indispen-

sáveis a moradias higiênicas e relativamente confortáveis.

A afluência de famílias às plantações de Fordlândia e Belterra obrigou, tanto à Empresa Ford como ao I. A. N., que lhe sucedeu, a construções de emergência que foram, aos poucos, sendo substituídas por construções definitivas. As de emergência, tanto para residência como para escolas, além de ar e luz solar, caracterizavam-se pela boa exposição, acabamento cuidadoso, serventia d'água para fins domésticos e instalações sanitárias.

Ar, luz do dia, racional exposição, boa situação, escoamento das águas e... fossa asseguram condições as mais favoráveis.

Voltaremos ao tema.

XIX

Enriquecimento das pastagens naturais

Em referência à sugestão I, relativa à produção do leite e a alimentação do rebanho leiteiro, recebemos de um velho amigo, criador na Zona da Mata (Minas Gerais) atenciosa carta sobre as dificuldades encontradas

para o enriquecimento das pastagens em sua fazenda.

Deverá ele, não obstante, enfrentá-las, procedendo a sementeira, nos pastos, de leguminosas forrageiras e, quando possível, a distribuição de adubos, o que poderá ser feito anualmente, por parcelas.

O essencial, indispensável mesmo, é agir, dentro de um plano, sistematicamente.

A queima de um pasto para a obtenção do "verde tenro" oferece oportunidade que não deve ser perdida.

XX

Turismo Rural

Desenvolveu, nestes últimos anos, a indústria hoteleira no meio rural, não o turismo na sua verdadeira acepção.

Precisamos criá-lo, promovendo excursões às zonas de interesse turístico, com visitas às empresas rurais (sítios, fazendas, engenhos, usinas, etc.) que, pela situação, instalações e natureza das explorações, mereçam ser conhecidas e visitadas.

Lembramos às associações rurais o exame da sugestão,

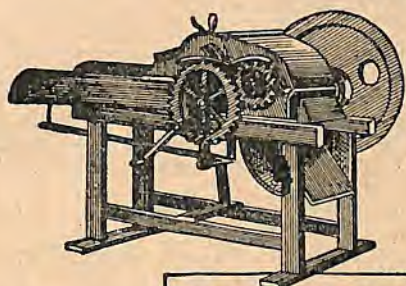
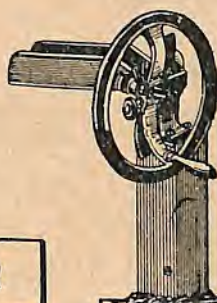
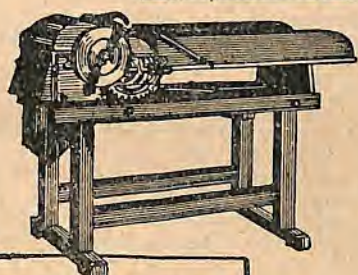
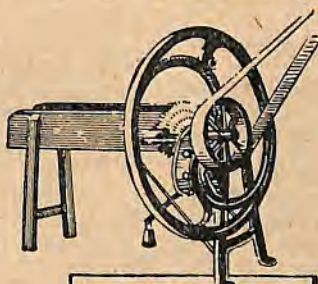
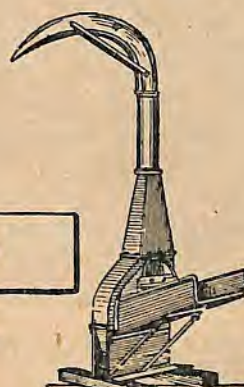
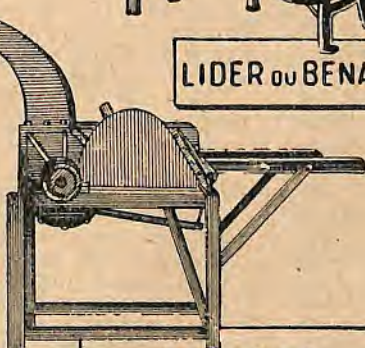
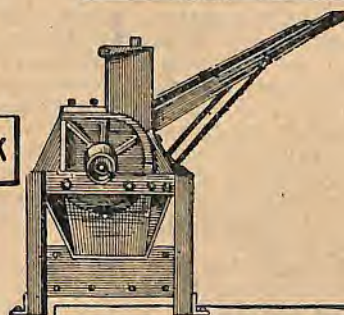
(Continua na pág. 9)

MÁQUINAS PARA FORRAGENS

15 MODELOS DIFERENTES
PARA PICAR MOER, TRI-
TURAR OU DESFIBRAR.



*DESDE A POSSANTE ENSILADEIRA
AO PEQUENO CORTADOR MANUAL*

**DESFIBRADOR****LIDER****JUNQUEIRA****LIDER ou BENACK****SKYLINE****GARÇA****TEPIRES****CORTADOR-DESINTEGRADOR
CONJUGADO**

RIO DE JANEIRO R. Teófilo Otoni, 81/83
SÃO PAULO Rua Florêncio de Abreu, 828
PORTO ALEGRE Av. Júlio de Castilhos, 30
BELO HORIZONTE Rua Tupinambás, 364

CIA. FÁBIO BASTOS
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

JUIZ DE FORA - Rua Halfeld, 399 — CURITIBA - Rua Dr. Murici, 249/253

UMA COOPERATIVA AGRÍCOLA COM GRANDE ACÊRVO DE BONS SERVIÇOS

As realizações da Cooperativa Agrícola de Cotia — O Relatório apresentado à XXVII Assembléia Geral Ordinária — O Dr. Manuel Carlos Ferraz de Almeida, um grande administrador

É sempre com satisfação que se lê um relatório da Cooperativa Agrícola de Cotia, sem dúvida uma das mais expressivas demonstrações do que pode realizar o cooperativismo quando bem orientado.

A Cooperativa Agrícola de Cotia em seus vinte e sete anos de atividades tem realizado uma obra notável, digna de ser observada.

A leitura do relatório apresentado à XXVII Assembléia Geral Ordinária da Cooperativa, pelo seu presidente, Dr. Manoel Carlos Ferraz de Almeida dá bem uma idéia do quanto de bom e de útil tem ela realizado, arregimentando lavradores sob a bandeira da solidariedade e auxílio mútuo que é o cooperativismo.

O relatório do ano social de 1954/1955 é uma demonstração da força que representa os pequenos agricultores quando, com elevados propósitos se unem em uma cooperativa rural.

Iniciando suas atividades com um capital de duzentos e noventa mil cruzeiros, tem hoje um movimento que atinge à expressiva cifra de mais de dois bilhões de cruzeiros, com um aumento, portanto, de 3.100 vezes o movimento do ano de sua fundação.

O capital social é hoje cerca de 700 vezes maior que o capital social inicial.

Sómente esses dados bastariam para consagrar qualquer entidade, porém mais se acentua ainda o seu elevado alcance, quando essa entidade é constituída de pequenos agricultores.

Vale aqui transcrever as palavras do Sr. Emil Lusting, Diretor da Federação das Cooperativas Suecas que, em sua visita ao Estado de S. Paulo, após ter visitado e observado atentamente as realizações desta grande cooperativa assim se manifestou: "considero a Cooperativa Agrícola de Cotia como um modelo de trabalho solidário, tendo observado estar nela implantada uma verdadeira democracia econômica; é um movimento de imenso trabalho e pode servir como modelo às cooperativas de todo o mundo".

Ressalta salientar, que são palavras de um grande líder cooperativista; do dirigente máximo do cooperativismo em um país onde tal organização atingiu um grau de pujança digno de registro em qualquer estudo sobre cooperativismo.

Um paralelo entre a situação da cooperativa no ano social de 1954/1955 e a sua situação no ano social 1953/1954, dá bem uma idéia de seu desenvolvimento de ano para ano.

Com 4.746 associados e um capital de Cr\$ 200.793.023,00 acusou um acréscimo de 41,3% em relação ao ano 1953/1954 (aumento de Cr\$ 58.569.679,40 sobre o ano anterior).

As imobilizações totais consignadas no balanço atingem a Cr\$ 242.694.597,70, com um aumento, portanto de 55,4% sobre o consignado no balanço do ano anterior.

Um aumento da ordem de 27,70% em relação ao ano anterior acusou a sua receita que atingiu, em 1954/1955 a Cr\$ 142.329.036,20.

A arrecadação de taxas foi a seguinte:

- a) pelo serviço de vendas, Cr\$ 46.699.930,90;
- b) pelo serviço de compras, Cr\$ 46.327.478,70;
- c) juros dos empréstimos efetuados pela Cooperativa: Cr\$ 10.709.804,00;
- d) taxas dos serviços de utilização mútua: Cr\$ 38.892.813,70.

São, portanto, expressivos, os dados numéricos.

Digno de registro é que deliberou a 26.^a Assembléia Geral Ordinária da Cooperativa realizada em Julho de 1954 com relação à destinação da sobra de Cr\$ 14.829.932,30 verificada no balanço:

- 1 — Para o Fundo de Reserva Legal; 10% ou sejam Cr\$ 1.482.953,30.
- 2 — Para o Fundo de Reserva Especial, 10%, ou sejam Cr\$ 1.534.657,50.
- 3 — Para o Fundo de Construção de Residências para os funcionários, juros de 10% sobre o capital de Cr\$ 6.233.900,00.
- 4 — Para Fundo de Construção de um internato para filhos de lavradores — Cr\$ 1.500.000,00.
- 5 — Para os festejos do IV Centenário de S. Paulo, Cr\$ 500.000,00.
- 6 — Adicional para gratificações aos funcionários: Cr\$ 273.250,00.
- 7 — Para indenização de contas de devedores duvidosas Cr\$ 965.771,20.
- 8 — Para gratificações abonadas aos membros do Conselho de Administração e aos do Conselho Fiscal, Cr\$ 1.040.000,00.

O quadro social da Cooperativa abrange 4.746 lavradores cooperados representando uma comunidade de 30.327 pessoas, com uma média, por família de 6,39 pessoas.

Dos inquéritos realizados, em relação aos cooperadores resultaram, em 1954/1955 dados interessantes, tais como:

- a) o número de assalariados aumentou ligeiramente (15.510 para 15.852 elementos);
- b) quanto ao sexo, continua a grande preponderância de homens;
- c) quanto à instrução continua prevalecendo a instrução primária;
- d) quanto à origem (28 nacionalidades dos cooperados), continuou o aumento crescente de cooperados brasileiros;
- e) 65,44% dos cooperados trabalham em glebas próprias (são proprietários), com um aumento de 80 agricultores novos proprietários.

Dois fatos destacam-se e merecem referência especial:

- a) de ano para ano tem aumentado o número de cooperados com terras próprias enquanto vem diminuindo o de cooperados com terras arrendadas, o que reflete, sem

dúvida, melhoria das condições econômicas dos cooperados.

- b) O número de cooperados brasileiros vem aumentando de ano para ano, revelando assim que o cooperativismo é bem recebido pelo nosso lavrador, quando bem orientado e dirigido.

A área pertencente aos cooperados sofreu um aumento de 6.524 alqueires, enquanto que as áreas arrendadas sofreram uma redução de 458 alqueires em relação às áreas exploradas do ano anterior.

O aumento da área cultivada no ano social de 1954/1955 foi de 3.864 alqueires.

No domínio das culturas, ocupou o primeiro lugar a da batata, seguindo-se a do algodão e o milho.

A área das pastagens ocupou 23%.

Vale também assinalar aqui outros dados interessantes:

- a) o movimento de vendas, atingiu, no ano social, à expressiva cifra de Cr\$ 766.911.280,30, com um aumento de 35,15% sobre o ano anterior;
- b) a distribuição aos lavradores associados, no setor de compras subiu a Cr\$ 398.247.608,30, com um aumento, portanto, de 46,1%;
- c) o movimento global do serviço de crédito foi de Cr\$ 846.939.610,10, com um aumento de 43,38% sobre o ano anterior;
- a) no setor de serviços de utilização mútua (secções de Transportes, Mecânica, Assistência Social, Incubação, Carpintaria, Serralheria, Estação Experimental do Moinho Velho, Chácara Pirajussara, Mecanização Agrícola e Engenharia) os resultados igualmente expressivos atingiram a Cr\$ 95.164.649,90, com um aumento, portanto, de 79,38% sobre o ano anterior.

Os dados acima transcritos são, altamente expressivos.

O Dr. Manoel Carlos Ferraz de Almeida, dinâmico e operoso Presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia, está, portanto, de parabéns.

Os seus longos anos de trabalho, inteiramente dedicados ao cooperativismo não tem sido infrutíferos e a Cooperativa Agrícola de Cotia, sob sua sábia direção caminha, de ano para ano, em marcha sempre ascendente, dando assim aos agricultores do Brasil uma demonstração do que eles podem conseguir sob a bandeira do cooperativismo.

LAVRADOR

Se em teu município não existe associação agrícola, toma a iniciativa e funda uma; pede instrução à secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Comunicado da Estação Experimental de Pelotas

CULTURA DO ESPARGO



Colocação das "aranhas" nos sulcos

O espargo constitui cultura de grande valor econômico no Estado do Rio Grande do Sul, graças à facilidade que sua produção que encontra ali, para ser industrializada, dado o grande número de estabelecimentos industriais que preparam conservas destas planta, apreciável mercado de consumo.

O Município de Pelotas, naquêle Estado sulino, já produz apreciável quantidade de espargos de excelente qualidade.

A ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DE PELOTAS, dependência do Ministério da Agricultura, ali sediada, executa com esta cultura diferentes trabalhos, já há alguns anos, procurando difundir as melhores variedades adaptadas àquela região.

Essas variedades são a MARY WASHINGTON, MARTHA WASHINGTON, ARGENTUIL PRECOCE, COLUMBIA MAMMOTH WHITE e a VIOLETA DE HOLANDA, das quais aquela Estação Experimental vem fazendo farta distribuição de "aranhas" (mudas), anualmente aos agricultores registrados no Ministério da Agricultura.

Sobre elas é, igualmente, mantido um experimento de competição de variedades, em blocos ao acaso, com três replicações, instalado em 1946, o qual vem apresentando interessantes resultados.

CAMPANHA DA CULTURA DA SOJA

Relatório do ano agrícola 1952-1953 — Plano de trabalho para a safra de 1953-1954

1. INTRODUÇÃO

Reconhecendo o, poder público, pela sua Secretaria da Agricultura, a necessidade de promover o desenvolvimento da Soja, cultura que representa a solução de três importantes problemas de São Paulo (rotação, óleo e proteína), foi elaborado um programa de trabalho que recebeu a colaboração financeira do Sindicato da Indústria de Azeites e Óleos Alimentícios do Estado de São Paulo.

Esse planejamento foi efetuado por diversos técnicos do Departamento da Produção Vegetal e, depois de apreciado pelo Senhor Secretário da Agricultura, recebeu a aprovação do Senhor Governador do Estado.

Resumidamente, o esquema elaborado (anexo 1) visava quatro pontos principais:

- a) Levar a soja ao lavrador ensinando-o executar a sua cultura economicamente;
- b) Multiplicar o estoque de sementes selecionadas, produzindo material suficiente para a execução de um programa de maior amplitude;
- c) Ampliar os trabalhos experimentais de modo a aumentar o rendimento da cultura e resolver os seus diversos problemas;
- d) Promoção de medidas visando criar bases para o desenvolvimento da cultura dentro do regime da livre iniciativa.

Conforme se verá neste relatório, o plano elaborado na parte que não dependia de fatores incontornáveis, foi inteiramente cumprido, item por item. Para que isso fosse possível, contou a Campanha da Soja, além da rede de agrônomos regionais da Divisão de Fomento Agrícola, com o concurso direto de quatro engenheiros agrônomos, dois auxiliares de agrônomo, três escriturários e um contínuo. Colaboraram ativamente no programa diversas repartições: Seção de Cereais e Leguminosas da Divisão de Experimentação e Pesquisas, Divisão de Mecanização e Ensaios de Máquinas Agrícolas do D. E. M. A., Seção de Fomento Agrícola da Anderson Clayton & Cia. Ltda.

2. FOMENTO DA CULTURA DA SOJA

O estoque de sementes de que dispunha a Divisão de Fomento Agrícola, no início da safra, era suficiente para o plantio de uma área de cerca de 850 alqueires. Para conseguir lavradores que dispusessem a cultivar aquela área em campos que pudessem servir como núcleo de fomento, foram percorridas

as regiões do Estado mais recomendáveis à cultura, em companhia do agrônomo da região e do técnico encarregado de coordenar o fomento da soja nos setores agrícolas mais importantes. Para facilitar esses contactos, foi feito um levantamento de todos os proprietários de combinadas, uma vez que sabíamos da importância do fator "colheita mecânica" para produção econômica da soja. Isso resultou em uma maior concentração de campos nas zonas que dispunham de maior número daquelas máquinas principalmente na Alta Mogiana, Sul do Estado e na região de Barretos (mapa 1).

O anexo 2 contém uma relação dos campos que foram instalados. Procurou-se conseguir a cooperação de bons lavradores e líderes rurais cujas culturas pudessem ter a maior repercussão possível, mas em muitos casos não foi possível evitar que lavradores não aparelhados e que não dispunham de condições para cultivar soja, viessem a plantar essa leguminosa.

Foi coberta uma área de 805 alqueires, abrangendo um total de 96 campos, com área de 8,38 alqueires. Para que os lavradores se dispusessem a se iniciar na nova cultura, foi preciso garantir a aquisição de suas produções ao preço fixo de Cr\$ 150,00 por saco de 50 quilos, FOB estação ferroviária mais próxima, livre de sacaria.

Essa garantia de preços foi possível, considerando-se todas culturas como campos de cooperação para produção de sementes, e amparando-as sob contrato.

2.1. ASSISTÊNCIA AOS CAMPOS DE COOPERAÇÃO — Os campos de soja tiveram assistência constante dos agrônomos regionais e dos técnicos da Campanha da Soja, desde o plantio até a colheita. Foram realizadas cerca de 812 inspeções (média de mais de 8 inspeção por campo), com uma quilometragem percorrida de 135.956 quilômetros, o que dá uma média de 167 quilômetros por visita e por campo.

Todos os campos adquiriram sementes da Secretaria da Agricultura, recebendo o necessário inoculante gratuitamente. Antes do plantio foram reguladas quase todas as plantadeiras dos cooperadores, para que o plantio processasse dentro do "stand" recomendado. Idêntica assistência foi prestada durante a colheita, com a regulação das combinadas de propriedades dos cooperadores.

Para atender os plantadores que não dispunham de maquinário para a colheita foram tomadas as seguintes providências:

- 1.º Gestões junto aos representantes de máquinas agrícolas para que equipassem convenientemente as colheadeiras de propriedades particular;

- 2.º Compra de 5 trilhadeiras no Rio G. do Sul;
- 3.º Reforma de uma combinada pertencente à Divisão de Experimentação e Pesquisas;
- 4.º Empréstimo de 11 trilhadeiras "Turner" pertencentes ao Ministério da Agricultura;
- 5.º Gestões junto ao D. E. M. A., para colocar a disposição da Campanha, 6 combinadas e 8 trilhadeiras de sua propriedade;
- 6.º Gestões junto às Patrulhas Motome-

canizadas para a utilização de 4 de suas combinadas.

2.2. RESULTADO DOS CAMPOS — O quadro 1, contém os resultados de 29 campos que foram rigorosamente medidos após a colheita. Expressam portanto a realidade final da cultura, com base em dados levantados com todo o rigor.

O quadro 2, contém os dados relativos a 32 outros campos, evidentemente mais fracos, e cujas áreas não foram medidas.

Os resultados médios finais dessas duas séries de campos podem ser assim resumidos:

<i>Campos de Coop.</i>	<i>N.º</i>	<i>Área alq.</i>	<i>Produção scs. 50 k</i>	<i>Custo de Cr\$/alqueire</i>	<i>Renda liq. Cr\$ a 12</i>	<i>Custo saco</i>	<i>Perdas %</i>
Campos medidos	29	9,52	62,34	5.080,00	4.634,00	89,42	11
Campos não medidos	32	4,65	38,8	4.110,00	1.875,40	122,5	13,5

Os numeros acima permitem tirar diversas conclusões:

- a) É possível produzir soja economicamente em São Paulo, ao preço de Cr\$ 3,00 por quilo de grão;
- b) As produções entre os melhores lavradores podem ser consideradas boas (3.117 quilos por alqueire) e fracas entre os classificados no segundo grupo (1.940 quilos por alqueire), resultante em renda líquida satisfatória e pequena, respectivamente;
- c) As perdas na colheita, devido ao atraso na operação e diversas dificuldades no trabalho das máquinas, têm sido muito elevadas nas nossas condi-

ções, exigindo especial atenção para o futuro;

- d) É possível diminuir o custo de produção, mediante o barateamento do combate às pragas (que foi feito geralmente com inseticidas compostos usados para o algodão) e a redução do custo da colheita;
- e) Será possível melhorar o rendimento por alqueire durante um ano agrícola normal. De fato, a safra 1952-53 caracterizou-se por apresentar uma das piores secas dos últimos anos, reduzindo o rendimento de todas as culturas, inclusive o da soja. Os números abaixo mostrando a inclemência da seca de 1952-53 em face da normal para um número grande de anos, em várias localidades.

DADOS DE CHUVAS DURANTE A SAFRA DE SOJA DE 1952/53

<i>Localidade</i>	<i>Novembro a Maio (1)</i>		<i>Janeiro a Fevereiro (2)</i>	
	<i>Normal</i>	<i>1952/53</i>	<i>Normal</i>	<i>1953</i>
Ribeirão Preto	1.211	917	491	339
Campinas	1.102	859	457	323
Araçatuba	1.012	692	448	416
Pindorama	1.089	641	456	307
Baurú	741	806	375	366

(1) O período de novembro-maio, refere-se a todo o ciclo da soja em São Paulo.

(2) Janeiro-Fevereiro, é o período do florescimento, época em que as chuvas são mais importantes para a cultura da soja.

REUNIÕES DE LAVRADORES E AGRÔNOMOS — Com o objetivo de informar perfeitamente todo o corpo técnico da Secretaria a respeito dos detalhes da Campanha da Soja foram realizadas cinco reuniões em diferentes pontos do Estado. Posteriormente, durante o

transcorrer da cultura e por ocasião dos trabalhos de colheita, tratou-se de trazer aos campos de cooperação o maior número possível de lavradores a fim de esclarecê-los, "in loco", sobre os diversos aspectos da cultura. Essas reuniões vão abaixo relacionadas:

LOCAL	COMPARECIMENTO	OBJETIVO
1 — Araraquara	46 agrônomos	Esclarecimento sôbre a Campanha da Soja.
2 — Campinas	37 agrônomos	Esclarecimento sôbre a Campanha da Soja.
3 — Baurú	43 agrônomos	Idem, idem.
4 — Avará	31 agrônomos	Idem, idem.
5 — Taubaté	23 agrônomos	Idem, idem.
6 — São Paulo	48 técnicos do DEMA., M. A. Secretaria Agr. e firmas agrícolas	Planejar colheita mecânica da soja.
7 — Ribeirão Preto	Lavadores e membros da Associação Rural	Palestra sôbre a cultura da soja.
8 — Orlândia — Fazenda Agudo	129 agrônomos e 300 lavradores	Esclarecimento sôbre a cultura da soja.
9 — São Joaquim da Barra — Fazenda Cachoeira	40 lavradores	Informações sôbre a soja.
10 — Mirandópolis — Fazenda Aliança	65 japoneses da Cooperativa Aliança	Cultura da soja.
11 — Pereira Barreto — (coop. faz. Tietê)	50 lavradores	Visita a campo de soja.
12 — Barretos, Fazenda Buracão	Agrônomos e lavradores	Palestra sôbre a soja; visita a uma cultura.
13 — Baurú, Fazenda Yanase	Lavradores da Região	Visita ao campo da Faz. Yanase.
14 — Fernandópolis	Cêrca de 80 japoneses e agrônomos do setor de S. José do Rio Preto	Palestra no campo n. 76.
15 — São Joaquim da Barra, Fazenda São Luiz	Fazendeiros e Cooperadores	Demonstração de colheita mecânica.
16 — Guaíra, Fazenda Sta. Rosa	Fazendeiros e Cooperadores	Demonstração de colheita mecânica.
17 — S. José do Rio Preto, Fazenda S. Dulce	Autoridades, agrônomos e lavradores	Demonstração de colheita pelo DEMA.
18 — Ribeirão Preto	Agrônomos do Setor	Debates sôbre problemas da próxima safra.
19 — Araçatuba	Agrônomos do Setor	Financiamento para aquisição de máquinas para colheita.

"FOSFATO OU ESCÓRIA THOMÁS"

ADUBO UNIVERSALMENTE CONHECIDO

Agentes em S. Paulo e Rio :

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal, 3572 — Endereço Telegráfico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO

2.4. PUBLICIDADE — A Campanha da Soja despertou considerável interesse, levando a imprensa da capital e do interior a ocupar-se sobre o assunto em diversos editoriais e notícias. Deve-se mencionar os seguintes órgãos pelo destaque que têm dado ao noticiário sobre soja:

- 1.º "Folha da Manhã" que publicou três reportagens sobre a cultura da soja e sua colheita. Atualmente está promovendo interessante inquérito a respeito da mistura da farinha de soja à farinha de trigo.
- 2.º "O Correio Paulistano"
- 3.º "Diário de São Paulo"
- 4.º "O Estado de São Paulo"
- 5.º "A Gazeta"
- 6.º "O Mundo Agrícola", "Mundo Agrário" (do Rio) e a "Hora da Lavoura" da Rádio Tupi e Rádio Difusora.
- 7.º "A Última Hora"
- 8.º "São Paulo Shimbu" e "Jornal Paulista" (diários japoneses).

Em outros Estados, principalmente em Minas Gerais e Espírito Santo, houve também interesse pela iniciativa de São Paulo, a julgar pelas consultas recebidas e noticiário da imprensa.

2.5. DIVULGAÇÃO — Diversos folhetos e circulares foram impressos e distribuídos no meio rural visando esclarecer devidamente o lavrador e o produtor a respeito da soja. Além de artigos diversos publicados em jornais agrícolas e revistas, foi impresso pela Campanha da Soja o seguinte material de divulgação:

1. "Instruções para Cultura da Soja" — Boletim 32 do Instituto Agrônomo.
2. Idem, tradução em japonês.
3. "Colheita Manual e Mecanizada da Soja".
4. "Aspectos Culinários da Soja" autoria do Professor Afrânio Amaral.
5. "Instruções sobre a Cultura da Soja" — Publicação da Divulgação do Fomento Agrícola.

2.6. CONCURSO ENTRE COOPERADORES — Com a finalidade de estimular o lavrador no aprimoramento de práticas culturais referentes à soja, foi organizado um concurso entre os melhores campos de soja do Estado. Dentre os 80 campos cujo controle estiveram à cargo da Companhia da Soja, foram premiados 10 lavradores e os agrônomos regionais das respectivas regiões, tomando-se como base de julgamento os seguintes elementos:

- 1.º Rendimento por alqueire
- 2.º Custo de produção
- 3.º Qualidade do produto colhido
- 4.º Valor do campo como elemento de fomento.

Os prêmios consistiram em calcáreo, cultivadores, medalhas e diplomas, tendo o lavra-

dor melhor classificado recebido prêmios no valor de Cr\$ 23.000,00.

3. MULTIPLICAÇÃO DE SEMENTES SELECIONADAS

Os campos de cooperação, além de servirem como áreas de interesse e de fomento, foram ainda utilizados para a multiplicação do estoque de sementes existentes.

Dos 96 campos plantados, 80 terminaram a safra, tendo os restantes o seguinte destino:

Cancelados por infringirem cláusulas contratuais	5
Abandonados	5
Destruidos por pragas	1
Campos que não entregaram as produções	5

Deduzindo esses campos, a área plantada ficou reduzida a 611 alqueires com uma produção de 25.023 sacos de sementes para plantio que permitirão notável expansão no programa da safra de 1953-54.

A produção de sementes selecionadas de soja em relação às safras anteriores foi a seguinte:

Ano Agric.	N.º de Campos de Coop.	Área (alqs.)	Produção (Sacos 50 kg.)
1950-51	2	6	240
1951-52	13	44	2.200
1952-53	80	611	25.023 (*)

(*) antes do benefício.

4. TRABALHO EXPERIMENTAL

A intensificação dos serviços do fomento da soja foi acompanhado por uma expansão dos trabalhos experimentais com a preciosa leguminosa. Na Divisão de Experimentação e Pesquisas, novos ensaios foram instalados, visando estudar novos problemas.

Nas estações experimentais de Monte Alegre do Sul, Mocóca, Tatui e Tietê procedeu-se à multiplicação da variedade "455" que vêm sobrepujando a "Abura" nos ensaios de competição de variedades. Em Jaú, aumentou-se algumas linhagens promissoras de Abura, enquanto em Capão Bonito plantou-se, pela primeira vez, uma cultura extensiva de duas variedades precoces ("Avaré Precoce e "Paraná Precoce"), que poderão despertar interesse na zona sul onde a possibilidade de cultivar soja e trigo num mesmo ano agrícola, está condicionada à utilização de uma variedade menos tardia que a "Abura".

Os agrônomos da Campanha da Soja tiveram a seu cargo, além das atribuições já especificadas, todos os trabalhos relativos ao plantio, desbaste e colheita de 22 ensaios de variedades de soja, localizados junto aos campos de cooperação de suas respectivas zonas.

Dêse total, 19 germinaram satisfatoriamente, sendo aproveitados os dados finais de 15 que, juntamente com os ensaios instalados nas Estações Experimentais de Ribeirão Preto, Mocóca e Pindamonhangaba, completam o quadro 3.

QUAD

ENSÁIOS REGIONAIS DE NO

VARIEDADES	ROXA E ROXA MISTURADA									MÉDIA
	Miguelópolis	Guaíra	Orlândia	Rib. Preto	Gaturamo	Campinas	Bretas	Piracicaba	Terra Roxa	
455	2.500	1.145	2.708	1.951	1.368	2.266	877	1.789	1.079	1.743
Abura	1.690	1.111	2.056	812	1.502	2.303	808	1.615	613	1.390
Pereira Barreto	2.565	1.037	2.514	1.916	1.583	2.286		1.657	1.273	1.854
La. 41-1219	751	1.301	2.944		1.159	2.286	1.041	1.519	822	1.478
Acadian	1.066	1.319	1.819	1.599	1.711	2.266	822	1.368	500	1.386
Seminole						2.200				2.200
C.N.S.	1.093	502		1.755			787	1.556	461	1.161
Yolnando						2.753				2.753
Rio Grande	738	1.326	2.167	1.624	347		659			1.144
Edna	1.269	1.215	2.667		1.152				315	1.324
Nova Granada	2.430	1.090	3.222		1.526	2.303				2.121
Paraná Tardia						2.745				2.745
Morro Agudo	1.086	1.194	2.958	1.766	798					1.428
Paraná Precoce						1.183		997	381	1.087
Avaré Precoce	1.208	1.127	1.708		780	878	722			1.237

As cifras do quadro mencionado mostram que a simples substituições da variedade "Abura" pela "455" poderá determinar um aumento de 20% na nossa produção de soja. Entre a "Abura" e a "Pereira Barreto" a diferença é de ordem de 40%, o que vem mostrar a grande importância do trabalho de introdução e ensaios de variedades em larga escala.

No sentido de apressar a substituição da variedade "Abura" por outras mais produtivas, cuidou-se de localizar lotes uniformes da variedade "Pereira Barreto". Para isso foi realizado um "Survey" entre os plantadores de soja da Cooperativa Aliança em Mirandópolis; efetuou-se a eliminação, no campo, de todas as plantas de tipo padrão da variedade, em cerca de 5 alqueires que irão fornecer perto de 300 sacos de sementes para a multiplicação no ano agrícola entrante.

Numerosas introduções foram feitas de variedades e tipos de soja cultivadas pelos japoneses no interior. Diversas amostras fo-

ram também recebidas do exterior, principalmente dos Estados Unidos.

Visita do Dr. L. F. Willians — Afim de orientar os trabalhos de melhoramento relativos à soja e emitir opinião sobre as possibilidades dessa cultura entre nós, esteve no Brasil durante o período de 10-12-52 a 8-4-53, o Dr. L. F. Willians, técnico do U. S. Regional Soybean Laboratory do U. S. Department of Agriculture.

A visita dessa autoridade em soja (o Dr. Willians é o responsável pela criação de variedades de soja que atingem hoje uma produção de mais de 70 milhões de sacos) foi das mais proveitosas. De fato, o Dr. Willians desdobrou-se em serviços, percorrendo o nosso Estado de ponta a ponta; ministrou um curso rápido sobre soja, realizou conferências e orientou a fase inicial do programa de melhoramento, treinando para isso o engenheiro agrônomo que cuidaram desse trabalho.

DRO N.º 3

VAS VARIEDADES DE SOJA

ARENOSA				M É D I A	GLACIAL		M É D I A	SALMOURÃO MASSAPÉ			M É D I A		M É D I A G E R A L
Baurú	Tupã	Rio Preto	Pres. Prudente		Itapéva	Itararé		S. José dos Campos (morro)	Pindamo- nhangaba	Moóca			
1.423	2.315	1.494	782	1.494	860	826	843	956	1.072	1.611	1.213	18	1.499
1.544	1.780	1.220	312	1.220	970	930	950	747	2.238	1.204	1.062	18	1.249
	2.197	1.631	799	1.542							854	11	1.769
256	2.319	888		1.154	576	833	755	984	995	583	1.180	16	1.210
1.176	2.388	981	399	1.236	670	791	731		1.009	1.350	1.179	17	1.540
					952		952	740			740	2	1.297
1.072	2.544	662		1.426								9	1.249
					1.298		1.238	763		763	763	3	1.605
								727		926	827	10	1.015
1.208		423		816								7	2.225
1.402		555		979								5	2.121
					989							2	1.867
1.124		666		895						1.111	1.111	9	1.274
	2.180		261	1.221	971	1.076	934	690	1.231	1.086	1.002	10	1.058
1.291		725		1.008		447	447	643	1.138		891	11	1.067

5. DESENVOLVIMENTO DE UTILIZAÇÕES PARA A SOJA

O plano da soja, sendo um trabalho de introdução de uma cultura inteiramente nova, não podia descuidar da parte relativa às aplicações do produto, uma vez que a soja foi aqui considerada como matéria prima para a indústria.

Ademais, seria preciso diligenciar no sentido de que essas utilizações, pelo menos na primeira fase da cultura, fôssem de ordem a permitir ao lavrador obter um bom preço pelo seu produto.

Encarando o problema "soja" em toda a sua extensão, a Secretária de Agricultura pleiteou junto ao Governo Federal, a autorização para a adição de 3% de farinha de soja à farinha de trigo. Essa medida foi autorizada, em caráter experimental, trazendo como consequência o interesse das indústrias particulares que, pagando a soja à preço satisfatório, proporcionarão a necessária base econômica para que a cultura possa se de-

envolver naturalmente sem necessidade de proteção oficial.

Para conhecer detalhes dessa medida, foi realizada em São Paulo, uma reunião com o Sindicato da Indústria do Trigo.

Diversas autoridades manifestaram-se sobre o assunto, ressaltando a importância da medida para a alimentação pública.

6. AMPARO ECONÔMICO AO COOPERADOR DE ALGODÃO QUE PLANTAR SOJA

Considerando o aspecto agrícola de culturas e a importância que a soja poderá ter na estabilização de algodão, a Secretaria da Agricultura, efetivou para esta safra, a medida de amparo econômico ao cooperador de algodão que plantar soja em sua propriedade.

Assim sendo, foi estabelecido um sobre preço de Cr\$ 5,00 por saco de sementes de algodão, proveniente de campos de cooperação que satisfizerem duas condições:

- a) Plantarem uma área de soja não inferior a 20% da área cooperada de algodão;
- b) Plantarem uma área de soja não inferior a 5% do total da área cultivada com algodão na propriedade.

7. ATIVIDADES DIVERSAS

Além dos principais pontos mencionados no programa, o desenvolvimento da Campanha exigiu outras atividades necessárias ao ajustamento de diversos problemas. Citam-se entre outras:

7.1. FACILIDADES DE CRÉDITO PARA AQUISIÇÃO DE MÁQUINAS PARA A COLHEITA E BENEFICIAMENTO DA CULTURA — Com a finalidade de conceder aos produtores de soja, facilidades para o seu aparelhamento com máquinas para a colheita de soja, foi estudado com a Carteira Agrícola do Banco do Estado, um plano especial de financiamento.

No programa de importações de máquinas agrícolas pelo Banco de Desenvolvimento Econômico (Empréstimo de 18 milhões de dólares), foram incluídas 46 combinadas para plantadores de soja.

No momento, estão sendo preparadas instruções para os lavradores afim de que possam usufruir dessas facilidades, bem como utilizar os financiamentos concedidos pelo Banco do Brasil e Banco do Estado.

7.2. AQUISIÇÃO DE TRILHADEIRAS E MÁQUINAS DE BENEFÍCIO NO RIO GRANDE DO SUL — Com o objetivo de estudar no Rio Grande do Sul, Estado onde a cultura da soja está consolidada, os melhores tipos de trilhadeiras usadas pelos pequenos lavradores, e os diversos modelos de máquinas de benefício utilizadas pelos exportadores de soja, foi feita uma viagem àquele Estado em fins de Julho deste ano.

Procurou-se interessar os fabricantes de trilhadeiras a enviar máquinas para São Paulo.

Por outro lado, cuidou-se da compra de máquinas de benefício necessárias ao aparelhamento dos Postos de Sementes que irão receber, no futuro, grandes quantidades de soja e outras sementes.

7.3. MÉTODOS E ANÁLISES DE SEMENTES DE SOJA — A procura de sementes de soja, de boa qualidade exigiu uma revisão nos padrões vigentes, bem como no método de análise utilizado.

Foi preparado um novo método de análise de sementes, que depois de experimentado começou a ser utilizado ainda nesta safra.

Essa medida, aliada ao beneficiamento prévio das sementes que são recebidas diretamente do produtor, possibilitou o fornecimento de sementes de alta qualidade aos lavradores que irão plantar soja em 1953-54.



8. DESPESAS EFETUADAS E UTILIZAÇÃO DAS VERBAS

A Campanha da Soja contou, durante o ano agrícola de 1952-53, com recursos financeiros de três fontes diferentes:

- a) Verbas normais da Secretaria da Agricultura;
- b) Cr\$ 900.000,00 doados pelo Sindicato da Indústria de Azeites e Óleos Alimentícios do Estado de São Paulo;
- c) Recursos provenientes do Aviso 8088 (adiantamento para pronto pagamento).

Os dois últimos itens proporcionaram a Campanha da Soja extraordinária mobilidade de trabalho, permitindo pagar à vista diversas despesas, adiantar diárias a funcionários, manter veículos em constante operação, efetuar rapidamente reparos em máquinas de colheita, e transportá-las sem demora para pontos distantes do Estado.

Da doação inicial do Sindicato de Óleos, foi destinada a importância de Cr\$ 100.000,00 ao Fundo de Pesquisas do Instituto Agrônomico; essa importância foi movimentada diretamente por essa entidade.

No quadro 4, estão todas as despesas efetuadas com recursos provenientes daquelas três fontes. Sob "Verba da Secretaria da Agricultura" estão mencionados apenas os gastos diretos com a Campanha não se incluindo a participação nestes trabalhos proporcional da repartição.



"E agora...
vamos tomar um cafèzinho?"

*Antes, durante
ou depois de
um bom negócio,
êste é o convite
bem brasileiro*

O cafèzinho é um traço marcante de cordialidade e o fecho feliz de muitas transações comerciais! Ao homem de negócio, cuja preocupação é distinguir os seus amigos e clientes, nada melhor que lhes oferecer em seu próprio escritório um gostoso cafèzinho *feito num instante*. Nescafé - tão fácil de preparar - tem o verdadeiro gôsto do café porque é feito com café da mais alta qualidade.

**Nescafé... feito num instante
e em qualquer lugar!**



DESPEZAS DA CAMPANHA DA SOJA NO ANO AGRÍCOLA DE 1952-53

QUADRO 4

Item	Verba Sindicato Óleos	Verba Sec. Agricultura	Aviso 8088	Total
1. Salários	419.415,00	452.400,00	—	871.815,00
2. Transportes, diárias e viagens	188.987,30	87.200,00	63.617,90	339.805,20
3. Publicidade e Divulgação	16.450,00	79.600,00	99.720,00	195.770,00
4. Compra de máquinas e veículos	254.358,50	—	—	254.358,50
5. Compra de sementes	—	3.335.500,00	—	3.335.500,00
6. Eventuais e diversos	20.789,20	—	75.614,00	96.403,20
TOTAL	900.000,00	3.954.700,00	238.951,90	5.093.651,90

9. RESUMO, CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Sendo o plano de desenvolvimento e utilização da soja, um esquema essencialmente dinâmico que se modifica com os resultados do ano agrícola, com as perspectivas da próxima safra, com as experiências obtidas e, sobre tudo, com os ajustamentos que o próprio desenvolvimento do programa possa exigir, é natural que as linhas básicas do esquema original sofram modificações num novo planejamento.

Assim é que, se, por um lado os resultados não muito favoráveis de um ano agrícola dos mais adversos aconselham moderação, por outro lado existem um conjunto de fatores que justificam o aceleração do programa e recomendação do plantio da soja na maior escala que for possível. Citam-se entre outros, os seguintes fatores:

- A diminuição da produção de algodão que se prevê para 1953-54 irá criar uma crise no abastecimento de óleos vegetais comestíveis, com a consequente valorização das outras oleaginosas;
- A decisão do Ministério da Agricultura, autorizando a adição da farinha de soja às farinhas panificáveis, veio criar base econômica segura para o agricultor que poderá, agora, plantar essa oleaginosa fora do regime de campos de cooperação;
- Os lavradores já estão mais familiarizados com a cultura e os agrônomos mais capacitados a orientá-los; se tivermos um ano normal, é de se esperar significativa melhoria na produção por área;

d) A Secretaria da Agricultura, pelas providências que tomou junto aos estabelecimentos de crédito, e pelos atrativos que está oferecendo, está apresentando a cultura de soja como um bom negócio para o produtor;

e) A recente geada que atingiu todo o Estado irá provocar uma "corrida" para as culturas anuais; os cafezais atingidos irão receber o máximo possível de culturas intercalares, principalmente aquelas que poderão ser produzidas com sucesso na fazenda de café — e a soja está neste caso.

10. PLANO DE TRABALHO PARA A SAFRA DE 1953-54

10.1. ZONAS PRODUTORAS — Os resultados obtidos, mostram que há uma tendência para a expansão da cultura da soja em certas zonas do Estado. De fato, há diversos fatores que fazem que se possa prever um maior desenvolvimento em certas áreas, justificando então, uma correspondente intensificação do trabalho de fomento. Assim é, que na Alta Mogiana, por exemplo, a soja "vai indo bem" pelas seguintes razões:

- Zona de lavradores adiantados que estão dispostos a praticar rotação de culturas;

LEIA

"A LAVOURA"

- b) A região, devido às grandes lavouras mecanizadas de arroz, dispõe de grande número de máquinas combinadas que barateiam muito o custo da produção da soja;
- c) As produções têm sido satisfatórias e com boas coberturas experimentais.

O item segundo recomenda também a região de Barretos e a zona tritícola de Itapêva — Itaberá; nesta região, há necessidade de um trabalho especial de divulgação dos métodos de combate à lagarta das folhas, fator que está limitando a expansão da cultura na região.

Na Alta Noroeste há grande interesse pela soja, como resultado dos bons rendimentos obtidos e de presença de grande número de lavradores japoneses.

Nessas quatro zonas irá ser concentrado o maior esforço de fomento, na próxima safra. Nas outras regiões, o trabalho será mais cauteloso, fazendo-se a seleção dos melhores lavradores e intensificando o trabalho somente quando os resultados justificarem.

10.2. PLANO BÁSICO DE TRABALHO

— O plano básico de trabalho a ser desenvolvido durante o ano agrícola de 1953-54, terá dois objetivos principais: fomento para o plantio de 6.000 alqueires (com a provável produção de 300.000 sacos de 50 quilos) e a expansão de trabalho experimental.

10.2.1. FOMENTO PARA O PLANTIO DE 6.000 ALQUEIRES — O plantio dessa área terá como objetivo a produção de 300.00 sacos de 50 quilos, dos quais 100.000 serão reservados para semente, e o restante poderá ser encaminhado à indústria. A Secretaria da Agricultura, promovendo o plantio dessa área de soja em regime de campos de cooperação, atuará como órgão garantidor de preços uma vez que as suas necessidades de semente para plantio serão, como já vimos, de apenas 100.000 sacos. Se, por ocasião da colheita, a indústria pagar ao produtor o preço de Cr\$ 3,00 (três cruzeiros) o quilo (preço estabelecido nos contratos da Secretaria) ou se o lavrador, por qualquer motivo, preferir vender sua soja a outrem, a Secretaria abrirá mão de uma parte de seus contratos, ou de 2/3 da cota dos mesmos, permitindo que o produto seja encaminhado diretamente à indústria.

O estabelecimento de contratos torna-se indispensável ao trabalho de fomento, uma vez que a soja não tem ainda comercialização organizada em São Paulo.

Os 200.000 sacos destinados à utilização industrial, poderá ser transformados em 160.000 sacos de farinha de soja e 1.600 toneladas de óleo comestível. Aquela quantidade de farinha será suficiente para atender às necessidades dos moinhos paulistas para cumprir a determinação da adição dos 3% durante o espaço de 6 meses. Para completar as necessidades dos moinhos de trigo, as indústrias de óleo poderão recorrer a soja do Rio Grande do Sul, até que aumente a produção paulista.

Caso haja interesse para o plantio de uma área maior, seja em campos de cooperação,

seja por própria iniciativa do lavrador, aquela área poderá ser elevada para 8 ou 10 mil alqueires, dependendo das disponibilidades de semente.

Orientação do trabalho de fomento — A área de 6.000 alqueires será dividida entre os diversos setores agrícolas, proporcionalmente à área que foi cultivada durante a safra de 1952-53, tomando a seguinte distribuição:

Setor Agrícola	%	Área para 1953-54 em alqueires
Ribeirão Preto	30	1.800
Itapetininga	25	1.500
Araçatuba	10	600
Bebedouro	6	360
Pirassununga	5	300
Piracicaba	5	300
São José do Rio Preto	4	240
Campinas	3,5	210
Jaú	3	180
Marília	3	180
Presidente Prudente	1,7	102
Avaré	1,5	90
Bauri	1,0	60
Bragança Paulista	0,6	36
Taubaté	0,3	18
Catanduva	0,3	18
Araraquara	0,1	6
	100,00	6.000

Os quatro primeiros setores contarão com o concurso de Engenheiros Agrônomos especializados que coordenarão o trabalho de fomento da soja na zona, cuidando ainda, dos ensaios que aí foram instalados.

Os agrônomos regionais deverão orientar os plantadores de soja durante toda a safra, desde a escolha de terra até a colheita. Para fomentar o estabelecimento de lavouras de soja independentes das proteções oficiais, os agrônomos regionais deverão orientar os agricultores na compra de máquinas para a colheita, usando para isso as facilidades de crédito conseguidos pela Secretaria da Agricultura. Os pequenos produtores (até 30 alqueires) serão orientados na compra de trilhadeiras, através do financiamento da Carteira Agrícola do Banco do Estado; e os maiores lavradores, que necessitam de combinadas, poderão recorrer às facilidades do chamado "empréstimo dos 18 milhões de dólares", pelo qual o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico financia a aquisição de máquinas pelo prazo de três anos.

Terão prosseguimento as medidas usuais de fomento como distribuição de folhetos e cartazes, concentrações de lavradores, concurso entre cooperadores, etc.

10.2.2. EXPANSÃO DO TRABALHO EXPERIMENTAL — Até a consolidação da cultura da soja no Estado, haverá necessidade da ampliação dos trabalhos experimentais, para resolução dos seus diversos problemas agrônômicos e a melhoria do rendimento por alqueire.

Desde o início dos trabalhos relativos à tentativa da implantação da soja como cultura comercial em São Paulo, experimentação e fomento têm sido encarados em conjunto e os seus problemas enfrentados pela mesma equipe de técnicos onde quer que apareçam. Essa unidade funcionou sem entraves burocráticos de qualquer espécie, merecendo a confiança dos responsáveis por aqueles dois importantes setores, foi na nossa opinião, responsável pelo volume apreciável de serviço apresentado. Na opinião do Dr. L. F. Williams que recentemente nos visitou, nenhum estado americano (mesmo Illinois com seus

80 milhões de sacos de soja) chegou a instalar um número tão grande de ensaios de variedades como o que foi realizado pelo pessoal da "Campanha da Soja" (ver mapa 1). Para que esse trabalho possa prosseguir, seria indispensável que fôsse mantida aquela equipe, com o indispensável agrupamento do pessoal responsável pelos seus trabalhos.

Para a rápida solução das diversas questões agronômicas da cultura da soja e para a criação das variedades mais produtivas e mais adequadas no menor espaço de tempo que fôr possível, torna-se necessário executar o seguinte programa experimental:

1. Ensaios de variedades tipo de solo N.º		Localidades
Terra roxa e roxa misturada	5	Miguelópolis, Guairá, Orlandia, Ribeirão Preto, (E. E.) e Campinas.
Arenito de Botucatu	6	Barretos, S. J. R. Preto, Pindorama, (E. E.) Pereira Barreto, Mirandópolis e Araçatuba.
Arenito de Baurú	5	Baurú, Marília, Tupã, Presidente Prudente e Paraguaçu Paulista.
Glacial	5	Tatui, (E. E.), S. Miguel Arcanjo, Itapéva e Itararé.
Massapé, Salmourão	3	Mocóca, (E. E.) Pindamonhangaba, (E. E.) e S. J. Campos.
2. Ensaios de variedades N.º		Localidades
Resistente a nematóide	3	Campinas, (E. E.) Laranjal Paulista e Terra Roxa.
3. Ensaios de espaçamento N.º		Localidades
Com variedade "455"	5	Ribeirão Preto, (E. E.) Pindorama, (E. E.) Campinas, (E. E.) Tatui (E. E.) e Mocóca (E. E.).

4. *Prosseguimento dos ensaios conduzidos pela Secção de Cereais e Leguminosas da D. E. P. adaptando-os diante das novas informações disponíveis.*

5. *Condução de um programa de melhoramento genético.*

10.3. RECURSOS FINANCEIROS — Conforme está relacionado no quadro 5, para dar cabal cumprimento ao programa da Campanha da Soja no ano agrícola de 1953-54, a Secretaria da Agricultura terá que inverter, somente em dinheiro diretamente aplicado nesse programa (não levando em conta a manutenção normal da repartição e sua participação proporcional nos trabalhos), a elevada soma de Cr\$ 56.934.000,00 (quase 60 milhões de cruzeiros).

Para dar maior mobilidade a aumentar o aproveitamento desse capital considerável, seria importante para a Campanha da Soja poder contar novamente, em 1953-54, com a verba que lhe foi destinada em 1952-53 pelo Sindicato de Óleos. A maneira de utilizar esses fundos que representam menos de 2% no total da inversão feita pela Secretaria da Agricultura, está também detalhada no quadro 5.

10.4. PROVIDÊNCIAS URGENTES — Para que a Campanha da Soja não sofra qualquer solução de continuidade, a Secretaria da Agricultura deverá tomar as seguintes providências imediatas:

- a) Dar solução ao pedido de compra de 40.000 unidades de inoculantes para soja, atualmente dependendo de licença de importação da CEXIM e da liberação da verba pela C.P.A.P.;

- b) Instalação da Campanha da Soja em Campinas, centralizando em uma única repartição os trabalhos de experimentação e fomento;
- c) Aquisição de 200 trilhadeiras nacionais para empréstimo e revenda aos plantadores de soja;
- d) Aparelhamento com máquinas de benefício de soja, dos Postos de Semen-

tes de Ribeirão Preto, Itapetininga, Araçatuba, Campinas e provisoriamente, (até a construção do Posto de Sementes), do moinho de Itapéva.

5. Concessão, pelo D. E. M. A. de prioridade para a utilização de suas combinadas na colheita da soja, e de um desconto de 20% sobre os preços vigentes.

RECURSOS FINANCEIROS PARA A CAMPANHA DA SOJA DURANTE A SAFRA DE 1953-54

QUADRO 5

<i>Item</i>	<i>Verba Sindicatos de Óleos</i>	<i>Verba Secret. Agricultura</i>	<i>Total</i>
Salários	378.000,00	576.000,00	954.000,00
Despesas de viagens	60.000,00	336.000,00	396.000,00
Instalação da Secção em Campinas :	200.000,00	100.000,00	300.000,00
Máquina de cálculo, aparelho Steinlite para óleo, máquina fotográfica, etc.			
Transporte : Fundo rotativo para adiantamento de diárias, despesas de jeeps, etc.	172.000,00	—	172.000,00
Experimentação : Aquisição de cegadeira e trilhadeira para experiências	50.000,00	84.000,00	134.000,00
Publicidade e concurso entre lavradores	50.000,00	188.000,00	238.000,00
Veículos : Aquisição de uma camionete	90.000,00	—	90.000,00
Aquisição de Sementes	—	49.000.000,00	49.000.000,00
Aquisição de 80.000 unidades de inoculantes para soja	—	400.000,00	400.000,00
Compra de 200 trilhadeiras nacionais	—	6.000.000,00	6.000.000,00
Verba para pagamento de sobre-preço de sementes de algodão	—	250.000,00	250.000,00
TOTAL	1.000.000,00	56.934.000,00	57.934.000,00

"SELEÇÕES AGRÍCOLAS"

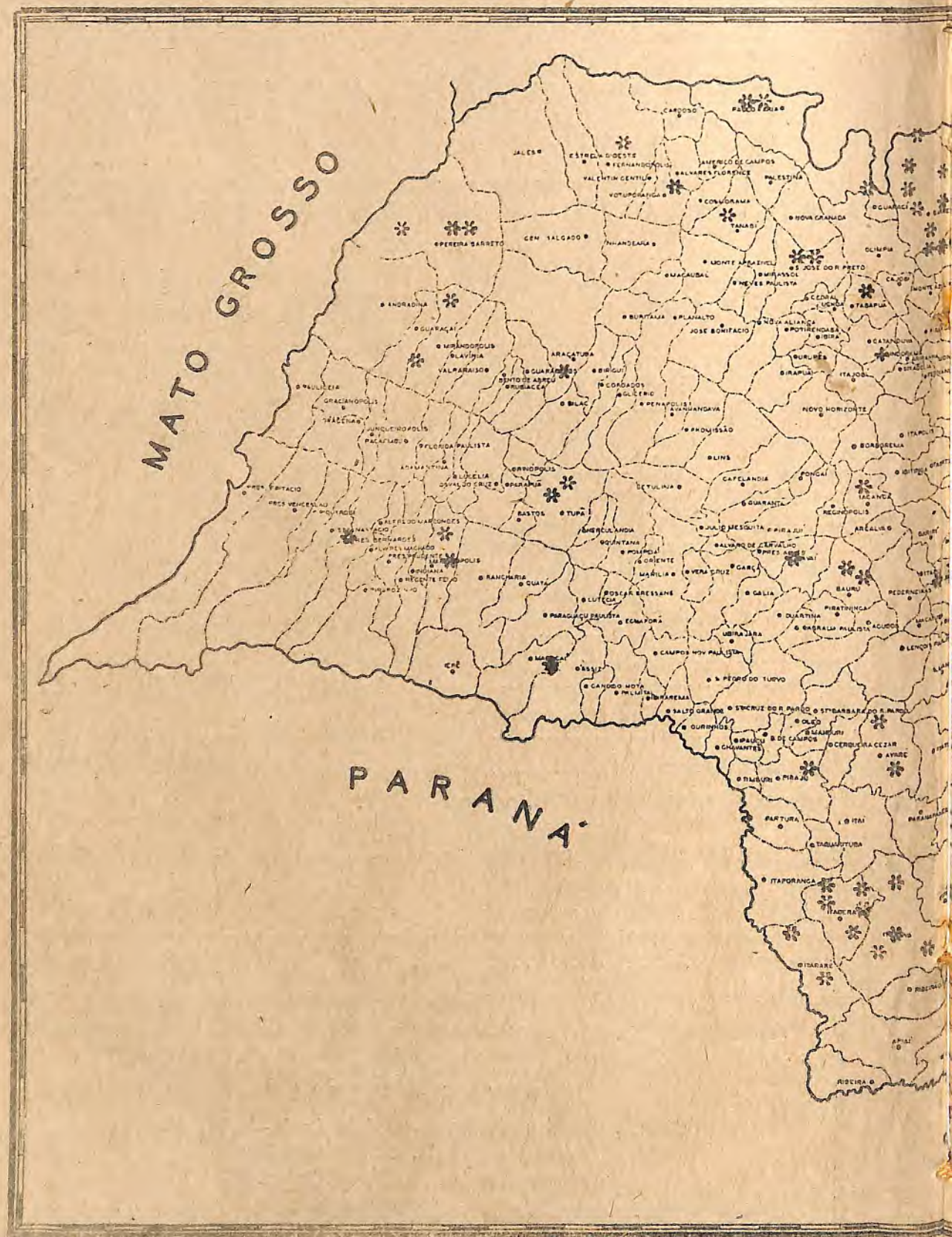
REVISTA MENSAL

Direção : **Eurico Santos — Sylvio Leal — M. Nunes**

Assinatura anual Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00

Avenida Nilo Peçanha, 26-12.º — Tel.: 32-6163 — Rio de Janeiro — Brasil



MINAS

LEGENDA

- * Campos Cooperação
- *- Ensaios Regionais
- + Ensaios em Esta-
ções Experimentais

GERAIS

RIO DE
JANEIRO

ATLANTICO

OCEANO

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE
S. PAULO (MUNICÍPIOS) DE ACORDO COM
A LEI 233 DE DEZEMBRO DE 1948
VIGORANTE ATÉ 1953
DEALCADO DO MAPA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E
GEOLÓGICO DO ESTADO
USO PRIVATIVO DO D. S. A. - INSTITUTO BIOLÓGICO DE S. PAULO.
DIREITOS DE REPRODUÇÃO RESERVADOS
JOVENCINA DOS SANTOS DEL. MARÇO 1949

SERVIÇOS ASSISTENCIAIS DO SESI

Conferência do Dr. Helvidio Martins, Presidente do Conselho Nacional do SESI, na Confederação Rural Brasileira



Fala o Dr. Helvidio Martins, presidente do Conselho Nacional do SESI. Preside a sessão o deputado Iris Meinberg, presidente da C. R. B.

A Assistência Social constitui, hoje, um dado não apenas das obrigações, mas da própria sobrevivência do Estado Moderno, como exigência constante do ritmo normal de desenvolvimento das atividades humanas, para cuja marcha vertiginosa nem todos os indivíduos se encontram preparados, ameaçados, assim, de permanecer à margem e à cauda das condições de vida impostas pelo avanço implacável do progresso.

Esta exigência constante assume caráter dramático nos momentos episódicos de transição econômica, nas horas do flagelo e diante dos incontáveis desequilíbrios sociais, resultantes de uma conjuntura crônica ou de um fenômeno inesperado, muitas vezes deflagrado à distância do ambiente atingido. É o caso das guerras, das revoluções políticas ou econômicas que, em nosso século, afetam, praticamente, todos os povos, cujos interesses estão, por assim dizer, sujeitos a um único epicentro universal. Assim é que o surto da cultura da borracha, por exemplo, nos confins da Malásia, despedaça, de repente, toda a economia da Amazônia, da mesma forma que os milhões de deslocados de guerra da Europa, afetando o parque industrial do velho Continente, configuram inesperados processos econômicos e sociais em nosso País.

A Assistência Social tem, pois, uma dupla função:

- 1) — assegurar, em tempos normais, o preparo do indivíduo para a sua integração na sociedade;
- 2) — armar-se de recursos para ampará-lo quando a adversidade dos acontecimentos ameaça esmagá-lo.

Senhores:

Como Presidente do Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria, e, pois, conhecedor da vastidão dos problemas assistenciais de nosso povo; como antigo Diretor da Divisão de Delegacias Regionais do SESI e fundador em 9 Estados de suas unidades de serviços; como brasileiro, que tem consumido uma vida modesta e apagada no estudo dos problemas de nossa gente, como homem do campo, que também sou, filho da sacrificada zona rural do Nordeste, não poderia escamotear-me à emoção e ao entusiasmo de debater nesta Confederação, presidida por um líder ruralista da categoria do deputado Iris Meinberg, cuja magnífica eficiência e exemplar devotamento na defesa dos problemas agrícolas do País, se

testemunha em sua brilhante atuação no Congresso Nacional — não poderia, repito — ocultar o meu entusiasmo, ao tratar, com os ilustres membros desta Confederação, das perspectivas que se abrem para o nosso povo, com a próxima criação do Serviço Social Rural. A promulgação da lei que o instituirá, dentro em breves dias, pelo Presidente Café Filho, há de representar, sem dúvida, uma das mais fecundas páginas de seu honrado Governo e um marco capital na história de nossa vida agrícola.

★

Não serei eu, senhores, quem vos venha ensinar o que deveis fazer, nem mesmo lembrar as graves responsabilidades que ides assumir, certo de que nenhuma providência seria mais acertada e feliz do que aquela que coloca, nas mãos experientes e limpas da Confederação Rural Brasileira, os destinos da assistência social rural no País.

Ao atender ao honroso convite que me endereastes, outra coisa não poderei fazer, senão expor à vossa consideração a minha modesta experiência sobre a organização e o funcionamento do Serviço Social da Indústria e sobre os resultados de seus esforços no campo sócio-assistencial.

★

O Serviço Social da Indústria, como sabeis, foi criado por inspiração do grande líder das classes industriais, o saudoso Roberto Simonsen, que com ele sonhava constituir, além de um instrumento de recuperação do operariado, uma ponte, ligando o patrão ao trabalhador da indústria, para que a questão social não viesse assumir, em nosso País, as proporções de conflito e de tragédia que a caracterizam em outras partes do mundo. Longe, pois, de representar uma dádiva patriarcal, os fundos descontados pela Indústria, em favor da assistência social ao operariado, incorporaram-se ao capítulo do Direito Social, como um legítimo processo de Justiça Social — quase, mesmo, como um prelúdio ao instituto da participação nos lucros — talvez, inclusive, atendendo à maneira mais prudente de estabelecer esta participação, numa economia imatura e pantanosa como a nossa.

★

Com suas atividades circunscritas ao âmbito da população industrial, os serviços do SESI estão localizados, praticamente em sua quase totalidade, nas áreas urbanas e suburbanas.

De acordo com os dados do último recenseamento geral do País, a população urbana do Brasil é de 12.957.543 habitantes, contra cerca de 5.800.000 das zonas suburbanas e 33.161.506 do quadro demográfico rural.

Estas simples cifras demonstram a imensidade do campo em que há de operar o Serviço Social Rural, com relação àquele em que trabalha o Serviço Social da Indústria.

Se a população urbana do País representa 40% dos índices gerais, enquanto os habitantes da zona rural constituem os 60% restantes, deve-se ainda salientar que, dos 40% da área urbana, apenas, uma pequena parcela trabalha no setor da indústria — numa proporção quase atingida pela plebeia do pessoal de prestação de serviços e administração pública. Enquanto isto, dos 60% localizados na área rural, a quase totalidade é composta de trabalhadores do campo e seus dependentes.

Na verdade, para uma população industrial de menos de 2 milhões e meio de operários, temos uma

população rural de 10 milhões, consoantes fontes divulgadas em 1953 pelo IBGE, relativas ao Recenseamento Geral de 1950.

A proporção de dependentes dos trabalhadores da indústria e de trabalhadores do campo, é, também, inteiramente diversa, com aspectos graves para o quadro rural. Para isto contribui, não apenas a maior facilidade de emprego na cidade, como a frequência da taxa de natalidade da família camponesa.

Neste sentido, o Brasil oferece, talvez, a maior réplica rural do mundo ao "disguised unemployment" denunciado por Keynes no parque industrial. No Brasil, há uma grande massa camponesa de desempregados, desempregados disfarçados. São 33 milhões de camponeses, produzindo para uma população urbana de cerca de 18 milhões. Quase dois homens trabalhando para o sustento de um — o que é o índice mais baixo de produção agrícola do mundo.

O desemprego disfarçado, o sub-emprego rural é uma verdadeira evidência entre nós, aos olhos do mais ligeiro observador, a quem não podem escapar as provas de nossa debilidade agrícola, diante dessa famílias de camponeses com seis, oito ou dez pessoas válidas, empenhadas no cultivo de um roçado de que um só homem deveria dar conta. É por isto, aliás, que o êxodo rural, mesmo procedido em "rush", como tem acontecido durante as últimas secas do Nordeste, não trouxe consequências mais desastrosas à produção rural.

★

Outro aspecto grave da paisagem rural do País é o desequilíbrio em que se situam as diversas regiões. O Nordeste, por exemplo, prodigiosa área de sacrifícios e milagres, com 18 milhões de habitantes, ou cerca de 33% da população nacional, o Nordeste, cuja massa camponesa proporciona, somente ao Estado de São Paulo, à indústria paulista, um saldo anual de dois bilhões de cruzeiros, tem uma economia rural de valor regressivo no quadro da riqueza do País, à qual corresponde o irrecorrível aumento da riqueza.

Na verdade, no período 1947-51, com relação ao período 1931-35, o Nordeste aumentou sua área cultivada na proporção de 110%, enquanto o crescimento médio em todo o País foi de apenas 39%. A área cultivada da região, que equivalia, antes, a 12% da de todo o País, passou a corresponder a 19%. Quer dizer: o camponês nordestino trabalhou mais a terra, aumentou o volume de sua produção, entretanto, o seu trabalho passou a valer menos — o valor de sua produção que era, antes, de 15% da renda agrícola nacional, passou a ser de 13%. E mais: no primeiro período, o valor médio da produção agrícola nordestina era 17% mais do que o obtido pelo valor médio da produção de todo o País, mas, no quinquênio 1947-51, representava apenas 70% deste, numa queda, pois, de 47% em seu valor!

E é no Nordeste, ainda, que se assinalam os índices relativos de mais numerosa população rural do País: quase três camponeses, para cada habitante da área urbana e suburbana.

★

Embora menos extenso, não vos poderei dizer que era mais promissor o quadro da população industrial com que se defrontou o SESI, ao iniciar as suas atividades.

Fundador da Divisão de Delegacias Regionais, entendi, desde logo, ao contacto com as primeiras

unidades de serviço instaladas, que a obra assistencial seria nula, prestando-se apenas à validade dos relatórios e da publicidade, se não estivesse assentada em sólidas bases científicas, de acordo com as modernas técnicas de Serviço Social.



Por precária que seja ela, ainda, com relação às nossas necessidades assistenciais, a obra do SESI constitui, sem dúvida, o maior esforço de saneamento social empreendido neste País, onde ainda hoje continua válida aquela melancólica observação de Miguel Pereira, de que o Brasil é um vasto hospital.

A própria criação do Serviço Social Rural pode ser uma decorrência da inspiração do SESI, no qual o patronato industrial há de ter contribuído para alertar o patronato rural, a cujas portas a inquietação dos problemas sociais também começa a bater.



Quando o Serviço Social da Indústria iniciou atividades, o Brasil, oferecia o seguinte quadro: uma população de 52,6 milhões de habitantes, distribuídos pelos 1.893 municípios, então existentes.

Desses municípios, 627 unidades — cerca de 33% — não possuíam qualquer recurso de assistência médica, nem mesmo a presença de um único médico. Essas 627 unidades, compreendem uma população aproximada de 9,6 milhões de habitantes, disseminados numa área de 2,3 milhões de quilômetros quadrados.

Entre aqueles municípios, seis estavam compreendidos na relação das 1,67 comunas que possuíam população superior a 50 mil habitantes: Condeúba e Morro do Chapéu, na Bahia; Itapipoca, Anaceta e Cascavel, no Ceará; e Picos no Piauí.

Os municípios que possuíam recursos médico-sociais consistentes ao menos em centro de saúde, postos de higiene ou ambulatórios, eram apenas 538, e cobriam a área de 2,6 milhões de quilômetros quadrados, com 11,5 milhões de habitantes.

Em conjunto, eram 1.165 municípios, ou 61% do total, abrangendo 4,9 milhões de quilômetros quadrados, 58% da área total do País, na qual é quase nula a assistência para uma população superior a 21 milhões de habitantes, cerca de 40% da população nacional.

Os municípios restantes, em número de 728, cobriam cerca de 3,6 milhões de quilômetros quadrados e continham 60% da população, ou 31,6 milhões de habitantes. Essa era a parcela da população, que dispunha, nos seus próprios municípios, de residência, de estabelecimentos aparelhados a internar doentes, os quais ainda serviam à população de áreas vizinhas, desprovidas de tais recursos.



Estabelecendo-se relação entre o número de habitantes das zonas urbanas, suburbanas e rurais, com o número de municípios sem assistência médica, o número de médicos localizados nas capitais estaduais e no interior, as conclusões são simplesmente lamentáveis, resultando óbvio:

- 1.º — a insuficiência quantitativa de médicos existentes no País;
- 2.º — a precariedade da distribuição de médicos e de serviços médicos nas diversas áreas.

Na verdade, se a insuficiência do número de médicos não chega a ser alarmante, encontrando-se, mesmo, em termos de solução satisfatória próxima, com o simples crescimento vegetativo da formação anual de profissionais, o mesmo não ocorre com a precariedade da distribuição, sujeita a um complexo de condicionantes, sobretudo de ordem econômica — condicionantes insanáveis a curto prazo e que dizem respeito às lamentáveis contingências de vida vigentes no interior do País.

O número total de médicos existentes no Brasil, de acordo com o último censo oficial, é de .. 20.905. Este número, em relação à população geral — 52 milhões — dá a média de 1 médico para cada 2.484 pessoas.

Este índice não seria tão grave, se não houvesse o tremendo desequilíbrio na distribuição dos profissionais, aglomerados aqui nos arquipélagos urbanos do litoral e rarefeitos ali na rala densidade demográfica do "hinterland".

Dos 20.905 médicos existentes no País, 13.763 estão localizados nos municípios-sede das Capitais estaduais e da Capital Federal, servindo a uma população de 8.259.830 habitantes — 1 médico para cada 600 habitantes — enquanto que, nos demais municípios, para uma população de 43.684.567, existem apenas 1.142 — 1 médico, praticamente, para cada 6.116 habitantes, disseminados, via de regra, em áreas territoriais as mais diversas e extensas, ressentidas ainda, da notória precariedade de nosso sistema de transportes.



O exame da conjuntura aqui exposta, parece-nos, deve constituir o primeiro passo para o planejamento da assistência a ser prestada através do Serviço Social Rural — primeira tentativa de empreendimento sólido neste sentido, de vez que os serviços existentes, dos quais o mais importante, até aqui, era o do Ministério da Educação, têm apenas caráter pioneiro, de educação e desbravamento, funcionando, geralmente, como uma espécie de "comandos", sem finalidades de fixação e formação.



Nossa experiência na instalação dos serviços assistenciais do SESI ensinou que a primeira preocupação não se deve dirigir à pretensão de uma cobertura do problema em sentido horizontal. Sua extensão absorveria os recursos, sem resultados eficientes. Abrir um posto médico simplesmente para fornecer receitas aos assistidos, não vale nada. O trabalhador que entrara no consultório com um problema, o de sua doença, sai de lá com dois ou três: a receita para aviar e o exame de laboratório para fazer...

A constatação da inocuidade de serviços, assim, instalados, apenas para enfeitar os relatórios de fim de ano, determinou o planejamento que levei a efeito, quando tive a honra de dirigir a Divisão de Delegacias Regionais do SESI, estabelecendo uma consolidação no sentido de profundidade, tendo em vista a melhoria de qualidade, mediante o aperfeiçoamento dos serviços já existentes e a implantação de novos apenas quando era possível fazê-lo sob os mesmos rigorosos critérios.



É absolutamente necessário sacrificar a quantidade à qualidade. E no conceito de qualidade, não se deve esquecer a capacidade de duração da efi-

ciência dos serviços instalados. Dispunhamos, por exemplo, de certa unidade que prestava, em 1949, serviços de assistência médica cujos índices subiam a 24 mil casos anuais.

Esta unidade estava exemplarmente aparelhada, para a frequência vigente à época de sua fundação. Ao fim de um quadriênio, porém, em 1952, a frequência subira para cerca de 100 mil casos, num aumento de mais de 400%, que veio anular completamente a eficiência dos serviços. O reequipamento exigido, em tais circunstâncias, costuma ser total, o que constitui tarefa penosa e esbanjamento de recursos financeiros.



Da mesma forma, uma assistência médica que se limitasse a receber doentes nos consultórios desaparelhados, fornecendo-lhes um diagnóstico superficial e uma receita inaplicável e fora do alcance econômico do interessado — constitui atividade inócua, incapaz mesmo de corresponder aos ônus da instituição com o pagamento de um médico.

Tendo em vista esta realidade, tomei a providência, quando Diretor da Divisão de Delegacias Regionais, de instalar, em todas as sedes de serviços, e mesmo em alguns núcleos, exames complementares para diagnóstico. Nos locais que não comportavam esta melhoria por meios próprios, foi efetuada a adoção de contratos com serviços locais já existentes, públicos ou privados. Em todas as Delegacias estaduais, foram instalados aparelhos de Raio-X, com abnegrafia. Para a maioria das cidades em que se criaram tais serviços, eles representam o primeiro passo no sentido da medicina preventiva, especialmente no combate à tuberculose.

E aqui caberia, talvez, uma modesta sugestão: o Serviço Social Rural e o SESI poderão estabelecer uma íntima colaboração, estabelecendo uma permuta contratual de serviços, pelo menos no setor da assistência médica, de molde a ampliar a quantidade de unidades assistenciais, com os recursos assim racionalizados.



Para melhoria da qualidade de seus serviços, desdobrou-se o SESI em três etapas fundamentais:

- 1 — ampliação de seus instrumentos assistenciais, na forma a que me acabo de referir;
- 2 — aprimoramento na formação de seu pessoal técnico;
- 3 — a formação dos próprios assistidos.

Cada uma dessas etapas desenvolveu-se em várias outras, visando a concretização dos objetivos planejados. Assim é que a ampliação dos instrumentos assistenciais, aparelhando o serviço com todos os recursos de laboratório, farmácia e ambulatório, pôde oferecer, no ano de 1952, uma prestação de serviços da ordem de 320.394 casos, assim distribuídos por unidades homogêneas:

Serviço Médico	94.947
Serviço Farmacêutico	98.625
Serviço de Ambulatório	54.799
Serviço Dentário	72.023

No quadro da assistência médica, merece registro especial o esforço do SESI no combate à

tuberculose, nas unidades especializadas, desde o diagnóstico, compreendendo a radiografia e os exames de laboratório, até a terapêutica, que inclui medicamentos e pneumotorax. Destarte, vários casos foram atendidos, evitando-se a deflagração do terrível mal e muitos outros recuperados.



A formação de técnicos constitui, igualmente, preocupação preponderante no planejamento de melhoria na qualidade dos serviços assistenciais. Neste sentido, conseguiu a Divisão de Delegacias Regionais obter do Departamento Nacional várias Bolsas de Estudo na Escola de Serviço Social do Rio Grande do Norte, ficando os bolsistas contemplados obrigados a um estágio na Delegacia do SESI, em Natal.

O preparo dos técnicos constitui, a nosso ver, um dos pontos fundamentais a ser atacado. Os técnicos do SESI foram selecionados e recebem preparo intensivo, tendo em vista as quatro linhas em que se abre o leque de atividades da instituição, cujos serviços ficaram, assim, constituídos:

- a) — administrativos, referentes à parte burocrática;
- b) — assistenciais, compreendendo serviço dentário e médico, com gabinetes de clínica geral, pediatria, gineco-obstetrícia e urologia;
- c) — jurídico, abrangendo o estudo e solução dos casos da vida do industriário, em que se requer o concurso do advogado;
- d) — educacionais, compreendendo, cursos de corte e costura, economia doméstica, higiene, educação sanitária e alimentar, horticultura e avicultura, abrangendo cinema educativo e recreativo.

Na prestação de serviços sociais, uma experiência nos foi proveitosa, desde o início: dentro das modernas técnicas, o SESI abandonou a sedução do serviço social de casos para adotar a prática do serviço social de grupos, evitando, assim, transformar-se numa agência filantrópica, distribuidora de paliativos.

De fato, em nosso meio, dada a desorganização social reinante, o serviço social de casos tende, sempre, a crescer numa curva assustadora, exigindo um número cada vez maior de trabalhadores especializados e, conseqüentemente, uma elevação incalculável de despesas.

De resto, o serviço social de grupo, através dos cursos educativos, dos clubes de mães, dos levantamentos sanitários coletivos, constituem a melhor terapêutica preventiva contra os casos individuais.

As associações e os clubes dos mais variados tipos parecem hoje o melhor instrumento de assistência grupal. Para eles o SESI voltou o melhor de suas atenções, conseguindo, já em 1952, um índice de matrículas de mais de 1.500 interessados, filiados aos clubes de mães e aos cursos domésticos. Nestes cursos, como nos clubes, instalados alguns deles nas próprias casas dos sócios, as aulas práticas encontram sempre correspondência na realidade ambiente. Assim é que, numa aula de culinária, por exemplo, utiliza-se o próprio fogão da casa do trabalhador, bem como os seus utensílios de uso habitual. E é muito mais educativo que o indivíduo aprenda a cozinhar na lata improvisada, do que num fogão a gás, com bateria inoxidável, cuja aquisição está fora de seu alcance.

No mesmo estilo devem ser conduzidos os rudimentos de higiene dietética. Não adianta ensinar a mulher do trabalhador a receita de uma rara mayonnaise, de um soufflé de perdizes ou de vol-au-vent de galinha. O que mais importa é ensinar-lhe a alimentar-se bem com aquilo de que ela dispõe. Explicar-lhe, por exemplo, que ela não deve mais vender uma dúzia de ovos na feira, para comprar uma cuia de farinha, pois está trocando um alimento valioso, por outro inferior.



A assistência jurídica, trazendo solução a problemas fundamentais da vida social, representa, também, uma das grandes preocupações do SESI. Sobre o alcance desse serviço, bastaria referir aqui um fato quase pitoresco: somente no Estado de Alagoas, o SESI promoveu, no ano passado, o casamento de quasi mil pessoas.

Este setor compreende ainda o aconselhamento jurídico em todos os assuntos de interesse do indústriário e a assistência total nos casos concretos que o afetam, desde as ações judiciais, até os atos jurídicos de direito comum, como os registros de nascimento ou de óbito.



Um dado a ser calculado e fixado, previamente, para o planejamento de uma boa prestação de serviços é o custo médio da assistência "per capita". Evidentemente, as condições ecológicas, as incidências episódicas no espaço e no tempo e administração local das unidades assistenciais, tornam este cálculo complexo e difícil. Tomando por base, porém, os exercícios executados, tornar-se possível estabelecer uma estimativa honesta. Confesso que só agora, ao assumir a presidência do Conselho Regional do SESI, suscitei à entidade a presença deste problema, que reputo da mais alta importância e iniciei os estudos preliminares para o seu levantamento. Encontrei a maior disparidade orgamental que se possa imaginar. Assim é que, enquanto no Estado de Sergipe, a prestação de serviços "per capita" — uma excelente prestação de serviços, diga-se de passagem — sai à razão de 220 cruzeiros por ano, há estados em que a mesma coisa está contabilizada à razão de 2 mil cruzeiros — e não sei se com melhor eficiência.

Neste sentido, levando em consideração a arrecadação nacional do SESI em 1950, que foi de 323 milhões, quatrocentos e vinte e um mil e 261 cruzeiros e 60 centavos, para uma população industrial de 2 milhões 714 mil e 214 indivíduos (excluídos os seus dependentes), chegamos à conclusão de que o preço da assistência "per capita", incluindo as despesas de administração, foi de cerca de 1 mil e 200 cruzeiros.

Diante dessa cifra, podeis bem imaginar as responsabilidades que pesam sobre o Serviço Social Rural, para o atendimento assistencial dos milhões de camponeses e seus dependentes — muitos deles — todo o grupo das agro-indústrias, retirando agora do âmbito das atribuições do SESI.



Senhor Presidente e meus Senhores:

Estas eram as considerações que julguei oportuno trazer ao nosso primeiro e para mim tão honroso encontro. Peço perdão pela fadiga que vos

causei e pelo panorama geral de pessimismo com relação à nossa pobre conjuntura, que ressalta dos dados enumerados.

Só me resta, agora, agradecer à vossa desvanecedora atenção. E dizer-vos que, por maior que seja o nosso pessimismo, mais forte há de ser a tônica de nossa esperança nos destinos deste País prodigioso, cujas classes trabalhadoras, quer as assalariadas, quer as patronais, estão de qualquer forma, ao péso de todos os sacrifícios, empreendendo a construção de uma grande Pátria.

Lembremo-nos, porém de que o Brasil nasceu à sombra da Cruz: mais tarde, em torno da capela, se criou e se desenvolveu a civilização.

Dadas as dificuldades da localização dos beneficiários do Serviço Social Rural, disseminados pelo vasto "hinterland" brasileiro, parece-nos acertada a sugestão de seguirmos, na prestação de assistência aos trabalhadores do campo, a lição do passado: voltemos à capela que reunirá a população agrícola e, por ocasião desses ajuntamentos — próprios das desobrigas paroquiais, agirá a equipe de técnicos, integrada de médico, dentista, agrônomo e assistente social, desempenhando o seu papel, no setor de educação e de assistência de que tanto carecem os homens de campo. Assim, — mais uma vez, a Igreja realizará obra altamente patriótica na formação cultural do Brasil.

E no dia, Senhores, em que se escrever a histórias desses sacrifícios e dessa construção, não tenho dúvida de que aos homens do campo é que caberá a página de honra.

Congratulando-me convosco pela tarefa de redenção do homem do campo, em que estais empenhados; rendendo minhas homenagens ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Dr. João Café Filho, pela carta de alforria que se apresta a assinar, em favor do camponês de nossa terra, com a criação do Serviço Social Rural — faço votos a Deus para que todas as classes, neste País, saibam ter a generosidade e o patriotismo que caracteriza os líderes agrícolas desta Casa, a fim de que a nossa possa ser, sem a luta insensata e mesquinha entre o Capital e o Trabalho, uma Pátria feliz, próspera e cristã!

LEIA

"A LAVOURA"

Assinaturas anual:

(RIO) Cr\$ 60,00

ESTADOS " 80,00

EXTERIOR ... " 100,00

SERVIÇOS ASSISTENCIAIS — PRESTADOS NO ANO DE 1954

SERVIÇOS PRESTADOS	Pará	Mara-nhão	Piauí	Ceará	R. G. Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	E. Santo
SERVIÇOS MÉDICOS											
Pessoas atendidas	31.211	10.473	11.855	15.101	10.972	36.227	26.047	8.675	2.667	99.132	19.787
Centro torácico { Positivos	529	—	711	2.285	1.396	411	—	—	114	—	2.449
Exames	110	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Exames de Laboratório	1.664	1.805	824	2.518	20	2.121	4.607	651	1.277	4.799	645
Fisioterapia	334	210	801	461	107	1.334	975	193	—	2.416	1.042
SERVIÇOS ODONTOLÓGICOS											
Pessoas atendidas	9.087	3.437	5.302	1.660	8.003	14.870	24.377	9.087	3.378	16.494	5.831
- Assistência Farmacêutica Gratuita	+	n/c	+	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c	15	n/c
Postos de Abastecimento	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Assistência Jurídica	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

(1) — Serviços Farmacêuticos Gratuitos em Cr\$ 485.444,60

+ — Existência de Serviços

N/C — Não consta nos relatórios das Delegacias Regionais.

SERVIÇOS ASSISTENCIAIS — PRESTADOS NO ANO DE 1954

SERVIÇOS PRESTADOS	Rio de Janeiro	D. Federal	São Paulo	Paraná	S. Catarina	R. G. Sul	Ama-zonas	Goiás	Minas	TOTAL
SERVIÇOS MÉDICOS										
Pessoas atendidas	63.434	75.219	378.822	24.769	8.737	118.731	4.255	6.405	84.913	1.043.062
Centro torácico { Exames	182	6.735	625.484	3.155	—	86.807	12	—	16.874	747.144
Positivos	—	252	9.332	—	—	1.285	—	—	—	10.869
Exames de Laboratório	303	17.963	114.927	12.365	—	4.732	177	82	33.856	205.531
Fisioterapia	62	1.314	10.330	1.799	171	594	494	—	—	23.337
SERVIÇOS ODONTOLÓGICOS										
Pessoas atendidas	27.879	22.354	115.879	30.051	25.313	291.566	2.484	1.625	163.378	784.504
- Assistência Farmacêutica Gratuita	+	—	—	—	—	+	n/c	n/c	n/c	308
Postos de Abastecimento	+	44	133	25	27	+	+	+	+	+
Assistência Jurídica	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

(1) — Serviços Farmacêuticos Gratuitos em Cr\$ 485.444,60

+ — Existência de Serviços

N/C — Não consta nos relatórios das Delegacias Regionais.

CONSELHO NACIONAL DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
CENSO INDUSTRIAL DE 1952 (1)

ESTADOS	Estabeleci- mentos	Total de salá- rios pagos em Cr\$ 1.000,00	Total de empregados
Pará	456	90.387	9.275
Maranhão (2)	1.003	34.164	8.581
Piauí	294	11.247	1.377
Ceará	987	96.168	14.385
Rio Grande do Norte	518	92.024	11.683
Paraíba	677	127.497	73.382
Pernambuco	1.536	768.899	17.549
Alagoas	437	156.286	19.065
Sergipe (2)	1.346	59.877	14.668
Bahia	1.183	302.373	32.552
Espírito Santo	442	58.653	6.789
Rio de Janeiro	1.801	1.887.302	93.744
Distrito Federal	3.636	4.094.818	175.143
São Paulo	12.786	11.945.370	563.090
Paraná	2.153	669.876	47.088
Santa Catarina	1.724	604.693	45.851
Rio Grande do Sul	721	563.012	3.302
Amazonas	150	41.007	30.907
Mato Grosso	162	34.417	2.470
Goiás	299	49.862	3.435
Minas Gerais (2)	11.346	804.029	110.477
Acre	6	1.313	108
Guaporé	8	984	97
TOTAL GERAL	43.671	22.494.358	1.285.559

(1) — Dados fornecidos pelo I.B.G.E. Conselho. Nacional de Estatística

(2) — Dados do recenseamento de 1950.

SNR. CRIADOR:

VACINE SEUS ANIMAIS COM AS

Vacinas Manguinhos

- contra a peste da manqueira (carbúnculo sintomático)
- anticarbunculosa (carbúnculo hemático, verdadeiro)
- contra a pneumo-enterite dos bezerros
- contra a pneumo-enterite dos porcos



PEÇA AO SEU REVENDEDOR

PRODUTOS VETERINÁRIOS MANGUINHOS LTDA.

C. P. 1420 — RIO DE JANEIRO

O Havai registrou, nestes dois últimos anos, produções "records" de açúcar, fato que está intimamente ligado aos estudos que estão sendo feitos por cientistas norte-americanos para o aproveitamento da energia atômica em fins pacíficos.

Desde há nove anos, a Associação Havaiana de Plantadores de Cana de Açúcar, uma organização sem finalidades lucrativas, vem patrocinando pesquisas ligadas ao emprego da radioatividade na cultura de Cana de açúcar. Onze diferentes tipos de radioisótopos, manufaturados em Oak Ridge, onde está localizado o reator atômico da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos, foram empregados nestas observações, e os resultados das mesmas estão sendo aplicados em 28 plantações nas ilhas havaianas.

Entre os projetos estudados, um dos mais importantes é o ligado à distribuição de água nos campos de canaviais. A absorção da água das valas de irrigação foi estudada cuidadosamente, adicionando-se rubídio (metal alcalino, análogo ao potássio) ao líquido e seguindo-se o seu curso através do solo, por meio de medidores Geiger, que registram a radiação atômica. Estes testes habilitaram os agricultores a desenharem melhores sistemas de irrigação, e aprimorarem os cálculos relativos à extensão das valas e graus de escapes de água. Igualmente, estas pesquisas tornaram possível a melhor distribuição de amônia pela irrigação, ao mesmo tempo que possibilitaram obser-

A ENERGIA ATÔMICA POSSIBILITA O AUMENTO DA PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

Exclusivo e especial para A LAVOURA

vações quanto ao aproveitamento das melhores épocas e dos meios mais apropriados para irrigação. Graças a essas correções na aplicação de fertilizantes e nos planos de construções de sistemas de irrigação, o aproveitamento da terra plantada, por hectare, aumento sensivelmente.

Outro notável progresso registrado na cultura da cana de açúcar, graças à energia atômica, é a possibilidade que hoje se apresenta, por meio de apurados cálculos de medição, de se conhecer a quantidade de açúcar em cada pé de cana, antes de cortado o mesmo. Estes cálculos são feitos com o emprêgo



Empregando o medidor Geiger, este cientista calcula a infiltração dos radioisótopos neste pé de cana, possibilitando assim avaliar com exatidão as quantidades de fertilizantes necessárias para assegurar o bom crescimento da planta.

de radiocobalto, e as informações assim apuradas são de grande valor no processo de avaliar-se as possibilidades da colheita em relação ao mercado.

Radioisótopos também têm sido empregados no estudo das diversas fases da produção açucareira, em relação à temperatura e à luz solar. Estes estudos têm proporcionado valiosas informações práticas aos plantadores. Da mesma forma, por este meio, estão sendo adquiridos maiores conhecimentos a respeito da foto-síntese, ou seja, o processo pelo qual a planta utiliza a água, o gás dióxido de carbono e os raios de sol, transformando-os em energia nutritiva. A ciência vem se dedicando com afinco às pesquisas relacionadas com a fotosíntese, pois nelas estão baseadas as esperanças de aumento total da produção de alimentos em todo o mundo, eliminando-se assim o flagelo da fome da face da Terra.

Os cientistas que no Havaí, dedicam-se a estas pesquisas, estão sobretudo demonstrando de maneira prática, as possibilidades de aproveitamento da ciência atômica em empreendimentos benéficos à espécie humana.

(International Press Service.)

LEIA A
A LAVOURA



Este aparelho está revolucionando o trabalho nas plantações de cana de açúcar. O engenho determina a quantidade de açúcar em cada pé da planta, proporcionando desta maneira meios de avaliar-se a produção em relação ao mercado, antes da colheita.



Fazendeiro!
NÃO PERCA TEMPO!
EXPERIMENTE HOJE
EM SEU CAFESAL O FAMOSO
adubo CADAL 14
(MULTIPLICA AS COLHEITAS)

UM PRODUTO COM "CADAL" CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
A GARANTIA DA
AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE
PARA O DISTRITO FEDERAL, ESTADOS DO RIO E ESPÍRITO SANTO
ESCRITÓRIO: PRACA MONTE CASTELO, 22 - SOB - TE. 43-7092
FABRICA: AV. AUTOMÓVEL CLUBE, 4200 - ACARI - RIO DE JANEIRO

A situação alimentar reinante com o crescimento demográfico do Brasil está a pedir a atenção dos poderes públicos e dos proprietários rurais para a restauração da fertilidade dos solos agrícolas, com a adoção de práticas conservacionistas recomendadas pela técnica agrônômica para o emprego de fertilizantes. Depois de mais de quatro séculos, em que as florestas têm sido destruídas, fazendo-se uma agricultura predatória, diante da queda dos rendimentos culturais das explorações agro-pecuárias, temos de realizar as explorações com o emprego de adubos orgânicos e fertilizantes de nosso próprio País, mediante a exploração de nossas jazidas minerais. As estações experimentais deverão proporcionar orientação econômica e técnica aos agricultores, de acordo com as suas terras.

As terras cansadas em consequência de exploração continuada sem restituição devem voltar a produzir em condições rendosas, desde que recuperadas por processos eficientes.

A agricultura brasileira está exigindo um programa de aproveitamento permanente e racional das terras em exploração e de preferência das servidas por meios fáceis de transporte e que disponham de mercados. A indústria poderá prestar inestimável auxílio à agricultura do País, explorando as jazidas minerais para fornecer fertilizantes à agricultura em bases econômicas. Observa-se em todos países verdadeira corrida em matéria de fertilizantes, razão bastante para que estejamos atentos na exploração de nossas jazidas. O progresso agrícola brasileiro está na dependência da exploração econômica e racional de seus recursos em fertilizantes. A iniciativa do inesquecível agrônomo Fernando Costa deve-se a exploração industrial os fosfatos de Ipanema, em São Paulo, com a ocorrência de muitas jazidas no País: no Estado de S. Paulo nos Estados da Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Norte, etc., a agricultura nacional pode hoje suprir-se de fertilizantes fosfatados, sem precisar recorrer à importação.

Em relação aos fertilizantes potássicos, ainda não possuímos jazidas, mas podemos contar com o aproveitamento do potássio proveniente das salinas e

O BRASIL PRECISA DE FERTILIZANTES

da leucita, como em Minas Gerais.

Quanto aos adubos azotados, se não contamos com jazidas de nitratos, contamos com grandes centrais elétricas e principalmente a de Paulo Afonso que poderá produzir fertilizantes sintéticos. Já a Companhia Siderúrgica Nacional está fornecendo o sulfato de amônia e o Conselho Nacional do Petróleo irá fabricar, nas destilarias que estão sendo montadas, fertilizantes azotados, de inestimável valia para as diversas culturas.

A utilização de fertilizantes pelos agricultores do País exige orientação adequada, cabendo ao poder público, por meio de

seus estabelecimentos experimentais e seus técnicos, propiciar essa orientação, fazendo a análise dos solos, fiscalizando o valor dos fertilizantes e promovendo facilidades de crédito e de transporte.

Seria recomendável que os Estados realizassem uma campanha intensiva de ensino e estímulo, para o aproveitamento, nas propriedades rurais, de todos os resíduos vegetais e animais, sob a forma de "compostos", assim como do lixo das cidades, por processos adequados.

Dentre os grandes problemas para o aumento da produção agro-pecuária deve ocupar lugar de destaque o da produção e utilização de fertilizantes.



Distribuidora de Produtos Suínos, Ltda.

SUCESSORA DE:

PRODUTOS SUINOS IGNACIO NUNES, LTDA.



ESPECIALISTAS EM
Presuntos, Salames,
Mortandelas e

LINGUIÇAS DE
TÓDAS AS
QUALIDADES

TELEFONE 43-1483

RUA PEDRO ALVES, 273

RIO DE JANEIRO

ABATEDOURO MODELO BRASIL S. A. — “BRASILAVES”

BALANÇO GERAL DE 1 DE JANEIRO A 31 DE DEZEMBRO DE 1954

A T I V O		P A S S I V O	
Imobilizado	Cr\$	Não exigível	Cr\$
Imóveis	3.517.108,50	Capital realizado	26.117.200,00
Máquinismos e rouparia	1.072.195,40	Capital a realizar	3.882.800,00
Móveis e utensílios	1.138.581,90	Fundo de reserva legal ..	1.177.716,90
Obras e instalações	3.568.851,20	Reservas estatutárias	4.080.425,40
Caixas e engradados	3.329.484,70	Titulos depositados	35.000,00
Despesas de instalação	91.429,40		
Material rodante	3.369.323,50		
	16.086.974,60		35.293.142,30
Disponível		Exigível	
Caixa	1.754.676,70	Contas Correntes	1.468.699,10
Em diversos Bancos	2.913.651,80	Titulos descontados	350.000,00
		Dividendos a pagar	3.327.484,40
		Percentagem da Diretoria	328.111,90
Realizável a curto e longo prazo		Idem, p/participação dos empregados no lucro	328.111,90
Acionistas	3.882.800,00	Impostos e taxas a pagar	659.800,00
Mercadorias — inventariadas	7.648.182,00		6.462.207,30
Duplicatas e obrigações a receber	8.557.934,90	Compensado	
Contas Correntes	721.556,00	Titulos endossados	4.551.346,00
Participação em outras Sociedades	120.000,00	Titulos caucionados	1.000.000,00
Valores pertencentes à Sociedade	689.457,30	Caução da Diretoria	15.000,00
Impostos reembolsoáveis	90.608,80		5.566.346,00
Depósitos diversos	282.842,90		
	21.984.381,90	Lucros e Perdas	
Compensado		Saldo anterior	611.568,30
Endossos	4.551.346,00	Saldo dêste ano	375.767,10
Ações em caução	15.000,00		984.335,40
Cauções	1.000.000,00		48.306.031,00
	5.566.346,00		
	48.306.031,00		

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1954. — João Francisco Gomes Puga, Presidente, — Antônio de Amorim, Tesoureiro, — José Gomes de Barros, Secretário. — Manoel de Jesus, Contador Regs. C.F.C. 4.176,

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA LUCROS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1954

D É B I T O		C R É D I T O	
	Cr\$		Cr\$
Aluguéis	206.371,50	Saldo do exercício anterior	611.568,30
Combustíveis e refrigeração	593.000,50	Lucro apurado neste ano	25.832.022,00
Comissões	2.069.822,60	conta Mercadorias	
Despachos e fretes	1.870.754,50		
Despesas gerais	1.619.800,60		
Forragens	151.877,80		
Gastos de escritórios	86.005,40		
Gratificações	175.162,90		
Honorários da Diretoria	360.000,00		
Imposto de Vendas Mercantis	3.598.977,40		
Indenizações e férias	796.675,20		
Juros e descontos	128.856,30		
Licenças e impostos	1.133.081,20		
Luz, força e telefones	197.941,60		
Propaganda	206.465,10		
Quotas e contribuições	506.421,40		
Salários	7.304.086,90		
Seguros	126.978,90		
Salos e estampilhas	146.000,60		
Despesas de instalação — amortização	22.857,40		
Taxa de matança	169.199,50		
	21.470.343,30		
Fundo de depreciação do material art. 31 do Estatuto	497.324,70		
Fundo de provisão para perdas, idem, idem	497.324,70		
Percentagem p/participação dos empregados no lucro	328.111,90		
	1.322.761,30		
Fundo de reserva legal	248.662,40		
Percentagem da Diretoria	328.111,80		
Dividendos aos acionistas	2.089.376,00		
	2.666.150,30		
Saldo à disposição da Assembléia Geral	984.335,40		
	26.443.590,30		26.443.590,30

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1954. — João Francisco Gomes Puga, Presidente. — Antônio de Amorim, Tesoureiro. — José Gomes de Barros, Secretário. — Manoel de Jesus Martins, Contador Regs. C.F.C. 4.116.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Os abaixo assinados, membros efetivos do Conselho Fiscal do Abatedouro Modelo Brasil, S. A., declararam que, examinado os atos da administração e os livros Caixa, Balanço e contas apresentados pela Diretoria, relativos ao exercício de 1954 tudo encontraram na mais perfeita ordem e regularidade. Assim são de parecer que sejam os mesmos aprovados pela Assembléia Geral Ordinária.

Rio de Janeiro, Domingos Pereira da Silva. — Manoel Esteves Cabo — André Trilha Domingues.

NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES

Exportação de açúcar da Dinamarca

A exportação de açúcar de beterraba da Dinamarca para a Suécia, em 1954/1955, terminou com um total de 148.453 toneladas métricas (menos 10.000 toneladas que o ano anterior).

70.º aniversário da indústria açucareira em Havaí

No corrente ano completará seu 70.º aniversário a próspera indústria açucareira de Havaí. O presidente da Hawaiian Sugar Plants Association em seu relatório anual focalizou as dificuldades iniciais dessa indústria em Havaí.

Erosão em São Paulo.

O dr. Cruz Martins, Secretário da Agricultura de São Paulo, falando aos lavradores em Jaú, lembrou que, em face dos estudos já realizados sabe-se que cada hectare de terras cultivado em São Paulo perde em consequência da erosão, 65 kg de azoto, 25 kg de potássio, equivalente em fertilizantes a 435 kg de Salitre do Chile, 200 kg de superfosfato e 60 kg de cloreto de potássio, no valor de Cr\$ 2.128,00.

Pôsto de Classificação de Café

Foi inaugurado em Jaú, Estado de S. Paulo, um Pôsto de Classificação de Café, instalado pela Divisão de Economia Rural na Casa da Lavoura, com o auxílio financeiro do Instituto Brasileiro de Café.

Comissão Parlamentar para investigar a crise do café

A Câmara Federal designou em fins de Abril os membros da Comissão Parlamentar incumbida de investigar a crise do café. A referida comissão ficou integrada pelos seguintes Deputados: Pacheco e Chaves, Octacílio Negrão de Lima, Jefferson Aguiar, Firman Neto, Ferraz Igreja, Newton Carneiro, Magalhães Pinto, Nogueira da Gama, Batista Ramos, Devonsir Côrtes e Ferreira Martins.

Congresso Internacional de Horticultura

Realizou-se no período de 29 de agosto a 6 de setembro em Scheveningen (Holanda), o XIV Congresso Internacional de Horticultura.

Exposição Internacional de Açúcar

Realizou-se de 15 a 26 de abril, no Edifício do R. A. I., Amsterdam, a III Exposição Internacional "O Açúcar".

IX Exposição Internacional de Conservas e Embalagens

Foi inaugurada em Parma, a IX Exposição Internacional de Conservas Alimentícias e Embalagens.

Arroz para a Alemanha

Segundo informações divulgadas em junho, a Delegação Alemã, que esteve no Brasil mostrou-se interessada em adquirir arroz de Goiás para exportar para o seu país. Aliás isso é decorrente do recente Acôrdio Comercial que o Brasil assinou com a Alemanha.

Produção Rural Brasileira

A produção rural brasileira, no ano passado atingiu a 165 milhões de cruzeiros (valor bruto). De acôrdo com os estudos feitos as atividades rurais contribuíram em 140 bilhões de cruzeiros para a formação da renda nacional.

Produção de alho em Minas Gerais

De acôrdo com as estimativas a colheita de alho, em Minas Gerais, no corrente ano, foi estimado em 7.900 toneladas no valor de Cr\$ 99.626.000,00, sendo de 3.544 hectares a área cultivada.

Produção de milho

De acôrdo com a previsão do Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura a produção de milho em 1955 será igual ou levemente inferior a do ano passado.

Curso de Extensão de Cooperativismo

O Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura programou para o mês de agosto, um curso de Extensão de Cooperativismo para funcionários públicos, dirigentes, contadores, gerentes de cooperativas e outros interessados.

Exposição Pecuária Pan Americana

Realizar-se-á no período de 8 a 16 de outubro do corrente ano em Dallas, Texas, Estados Unidos, uma Exposição Pecuária Pan-Americana.

VI Semana do Laticinista

Realizou-se, no período de 11 a 16 de julho, na Fábrica Escola de Laticínios Candido Tostes, da Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho de Minas Gerais a VI Semana do Laticinista.

IV Semana Ruralista Feminina

Realizou-se, no período de 3 a 9 de julho, em Conceição de Macabú, Estado do Rio de Janeiro, a IV Semana Ruralista Feminina.

II Exposição Agro-Pecuária

Realizou-se em Campos, Estado do Rio de Janeiro, no período de 7 a 11 de agosto a II Exposição Agro-Pecuária e Industrial Norte Fluminense.

VII Semana do Agricultor Fluminense

Realizou-se, no período de 13 a 18 de junho, no Aprendizado Agrícola de Macabú, a VII Semana do Agricultor Fluminense.

VII Exposição de Flores e Frutos

Realizou-se, em Quitandinha, Petrópolis, Estado do Rio, no período de 5 a 7 de março do corrente ano, a VII Exposição de Flores e Frutos promovida pela S. A. I. C.

X Exposição Agro-Pecuária e Industrial Sul Fluminense

Realizou-se, no período de 26 a 30 de junho, em Barra do Pirai, Estado do Rio, a X Exposição Agro-Pecuária e Industrial Sul Fluminense.

Abastecimento de Manaus

O Estado do Amazonas cederá ao Instituto Nacional de Imigração e Colonização uma área de terra cultivável a 30 quilômetros da cidade de Manaus, com uma extensão de 5.000 hectares, destinado a fim de colonização.

Azoto atmosférico na produção de adubos

O Laboratório da Produção Mineral do Ministério da Agricultura está realizando estudos sobre a aplicação em nosso país do moderno processo de utilização do azoto atmosférico para a produção de adubos nitrogenados.

Pesquisa de salgema em Sergipe

O Ministério da Agricultura, está realizando pesquisas a fim de esclarecer definitivamente a questão do salgema no Estado de Sergipe.

Regulamentação da Caça no Território Nacional

O Diretor da Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura assinou, no fim do primeiro trimestre do corrente ano, portaria regulamentando a caça em todo o Território Nacional.

Segundo a referida portaria o período de permissão de caça de animais silvestres no país será de 1 de maio a 31 de agosto, sendo entretanto a captura de pássaros e aves ornamentais ou de pequeno porte permitida apenas no período de 1 de maio a 15 de agosto.

Policlínica dos Pescadores

A Policlínica dos Pescadores atendeu, só no mês de março do corrente ano a 3.007 consultas no Ambulatório Central.

Vacinação de animais

No ano passado foram vacinados três milhões e meio de animais pela Divisão de Defesa Sanitária Animal do Ministério da Agricultura.

Cooperativas de Abastecimento

O sr. Ministro da Agricultura assinou, em 27 de maio do corrente, a Portaria n.º 523 baixando

instruções sobre a forma pela qual deva constituir-se uma Cooperativa de Abastecimento, uma vez que tal tipo de cooperativa previsto no Decreto 22.239 de 22 de dezembro de 1952 não estava ainda caracterizado.

Gratificação de Pesquisas

O sr. Ministro aprovou em maio do corrente ano a regulamentação da Portaria n.º 1.682 de 13 de novembro de 1954, sobre a regulamentação de pesquisas.

Animais que não podem ser caçados em todo o Território Nacional

De acordo com a portaria baixada pela Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura não podem ser abatidos ou capturados, em todo o Território Nacional, os seguintes animais:

- a) **Mamíferos:** anta, cervo, guará, pacarana, peixe-boi, preguiça, tamanduá e veado (Bororó);
- b) **Aves:** colheireiro, gaivota, ema, flamengo, pavão do mato, urubú-rei, harpia, tabá, frango d'água, João Grande, tucano.
- c) **Repteis:** jacuruxim, jacaretinga, jacararana e mussurana.

SNR. AGRICULTOR,
Lavoura Abundante e Econômica terá
V. S. com a extinção completa das
formigas saúvas pelos extintores
"Z. WERNECK"

**Extinção Racional dos Formigueiros**

A venda nas Boas Casas de Ferragens
FABRICANTES

A gravura acima mostra a técnica perfeita do
trabalho de extinção de formigueiros

Z. WERNECK & CIA. LTDA.

R. dos Arcos, 27 — RIO DE JANEIRO

Aveia no país

Em 1954 o Instituto Agrônômico do Sul semeou 360 variedades e linhagens de aveia, sendo multiplicadas não só na sede do referido Instituto, como também na Estação Experimental de Caçador, as espécies mais importantes.

Curso de Treinamento para Líderes Rurais

Teve início, em 6 de junho, em Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais, um Curso Rápido de Treinamento para Líderes Rurais, no Educandário Carlos Chagas, por iniciativa da CBAR. O curso, com a duração de quatro semanas, destinou-se, principalmente à professoras e outras pessoas interessadas.

Indicados pela congregação, professores e diretores

O Presidente Café Filho aprovou a indicação que lhe havia sido remetida pelo ministro Munhoz da Rocha, no sentido de que, doravante (junho), o Reitor da Universidade Rural e os diretores dos institutos de ensino que a compõem serão indicados pelos respectivos conselhos e congregações. Ficou, igualmente estabelecida, a praxe da renovação de mandatos de três em três anos.

Curso de Extensão de Cooperativismo

Realizou-se em agosto, sob os auspícios do Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, um Curso de Extensão de Cooperativismo que versará sobre os seguintes assuntos: economia política e fundamentos doutrinários do cooperativismo, direito cooperativo, história do cooperativismo mundial e brasileiro, legislação cooperativista nacional, educação e propaganda cooperativas, prática cooperativa, contabilidade cooperativa, pesquisas econômicas e sociais e sociologia rural.

Curso Técnico de Inseminação Artificial

Realizou-se na Universidade Rural um Curso Avulso Técnico de Inseminação Artificial, especialmente organizado para engenheiros agrônomos e veterinários.

Colônia Agrícola Modelo

O Instituto de Imigração e Colonização em cooperação com a Secretaria de Agricultura de Pernambuco e a ANCAR, instalará, nas proximidades do Recife, uma Colônia Agrícola Modelo, que disporá de 1.500 hectares de terras escolhidas. A instalação da referida colônia importará em uma despesa total de Cr\$ 22.000.000,00 que serão aplicados em cinco anos.

Escola Agrotécnica de Muzambinho

No corrente ano serão gastos Cr\$ 2.700.000,00 com a manutenção e funcionamento da Escola Agrotécnica de Muzambinho, em Minas Gerais, sendo que o Governo Federal contribuirá com Cr\$ 1.800.000,00 e o Governo Estadual com Cr\$ 900.000,00.

Terreno para a Rádio Rural

Foi assinado o termo de cessão de um imóvel situado na rua Couto de Magalhães, em Benfica, Distrito Federal, onde serão instaladas algumas

SUPREMO VITAMINOL

Manipulado agora em modernas instalações



No bairro do Engenho Novo, à Rua Jaú n.º 9, ergue-se agora uma construção moderna graças ao arrojo da AVICULTURA ALONSO LTDA., fabricante do SUPREMO VITAMINOL e fornecedora de utensílios e alimentos para pássaros e aves em geral....

Organização tradicional de relevo no ramo de sementes, alimentação, utensílios e tratados de pássaros e aves em geral, a AVICULTURA ALONSO LTDA., que há mais de 40 anos dedica suas atividades nesta praça, viu-se forçada pela urbanização da cidade a mudar sua sede da Rua 7 de Setembro. Ocupando agora uma área de 1.760 metros quadrados, está a nova sede equipada com o que há de mais moderno em matéria de construção, inclusive para o seu fabrico do Supremo Vitaminol.

Medicamentos para gado em geral, de todos os Laboratórios.

Dispondo hoje de um serviço próprio de transporte para suas entregas, atenderá qualquer pedido pelo telefone 49-8185. — D. Federal.

dependências do S. I. A., inclusive a Rádio Rural de 7,5 Kw em ondas curtas.

Cursos Avulsos no Serviço de Economia Rural

A fim de atender às necessidades de instituições oficiais, estatais, paraestatais e particulares o Serviço de Economia Rural está realizando, no corrente ano, os seguintes Cursos Avulsos:

- a) Classificação de Fibras Vegetais
- b) Classificação de Madeiras

Gratificação aos pesquisadores agrícolas

Serão concedidas gratificações, pelo Serviço Nacional de Pesquisas Agrônômicas nas bases de Cr\$ 1.500,00 a Cr\$ 8.000,00 mensais, conforme determina a Portaria Ministerial assinada em maio, pelo titular da Pasta da Agricultura.

Curso de Hormônios Vegetais

Realizou-se na Universidade Rural um Curso Avulso de Técnico de Hormônios Vegetais, organizado para Engenheiros Agrônomos, alunos do quarto ano de agronomia e outras pessoas interessadas que tenham conhecimentos de botânica e química vegetal.

A propósito da picada das abelhas

EURICO SANTOS

A abelha, (*Apis mellifica*), a alma do verão, como lhe chamava Maeterlinck, esta professora de química, e exemplo vivo e voante do trabalho, para aqui trazida pelos portugueses e por isso chamada abelha do reino, para distingui-la das que por aqui havia, munuiu-a a natureza dum dardo respeitável.

A ferroadada desta abelha, que constitui um dos precalços da apicultura, não determina dor facilmente suportada e não é destituída de perigo.

Na literatura médica há referências a casos de morte ocasionados por um destes acidentes.

Ithering diz: "Conforme o grau de idiosincrasia pode dar-se o caso de morte dentro de um quarto de hora em consequência de uma única picada".

Isto constitui sempre, aliás, caso excepcional.

Os apicultores em geral zombam impunemente das ferroadadas das abelhas e riem-se do pavor que elas causam aos profanos da arte de criar abelhas.

Langer verificou que entre 164 apicultores, 11, desde o início da profissão, demonstraram-se insensíveis às ferroadadas; dos 153 restantes, 27 conservaram sempre a mesma sensibilidade e 126 foram-se, pouco a pouco, habituando-se ao veneno.

O ferrão da abelha encontra-se na extremidade do abdome.

É um órgão complicadíssimo e composto de três peças finas, com farpas, motivo pelo qual a abelha quase sempre deixa o ferrão na ferida e muitas vezes morre em consequência disso. Este ferrão está em comunicação com três glândulas peçonhentas, duas, cujas secreções desembocam no saco de veneno por longos canais curvos, elaboram um veneno ácido e a terceira segrega veneno que vai diretamente ao ferrão por um canal curto.

A junção das duas secreções dá eficiência absoluta à peçonha daquele inseto, louvado pelos poetas e principalmente por quem lhes vende o mel.

O ideal da apicultura seria a criação de abelhas sem ferrão, como são, aliás, as abelhas indígenas que habitam o Brasil inteiro.

Infelizmente tais abelhas, algumas das quais produzem mel delicioso, como a jati, a urucu, não se adaptam às colmeias de quadro móvel, única que permite exploração lucrativa da apicultura. Assim mesmo há quem crie e explore, em colméia natural, as abelhas urucus.

Como ficou dito, as abelhas nativas, meliponas, são desprovidas de ferrão. Algumas são extremamente mansas, outras ao invés, exaltadamente agressivas.

Como não possuem ferrão, valem-se das mandíbulas e com elas mordem, enroscando-se quase sempre nos cabelos, chegando a cortá-los.

Há até uma espécie de abelha (*Melipona tataira*), chamada abelha de fogo, *tataira*, dizia o indígena, significando o mesmo, cuja mordedura é relativamente dolorosa, causando inflamação no ponto ofendido.

Curioso é notar que tal abelha morde e rapidamente encurva o abdome e deixa, na ferida causada pela mandíbula, um líquido que causa verdadeira sensação de queimadura.

O povo que conhece bem os segredos da vida dos bichos do mato e não prima pelo recato da linguagem, deu um nome chulo a esta abelha, nome que lhe vem do ato de curvar o abdome quando morde, deixando na pele a sensação de fogo.

Quanto ao tratamento das ferroadadas das abelhas, consiste o mesmo em extrair o ferrão.

Extrair o ferrão é o principal cuidado e isso se faz tendo em vista que as glândulas do veneno estão em conexão com ele e, retirando-se tal agulhão, evita-se que o veneno ali contido continue a se instilar nos tecidos da vítima.

Feito isso com cuidadosa perícia, (a gente do campo sabe fazê-lo a preceito), passa-se uma pincelada de iodo.

Quando as dores sejam grandes, por muito sensível a vítima, pode usar-se compressas mornas, uma pomada mentolada ou qualquer dos preparados do comércio, de preferência os que tenham por base o álcool benzílico, que age imediatamente e quase sempre associado a outras drogas de propriedades analgésicas de ação mais lenta e duradoura.

Para imunizar apicultores, ou qualquer pessoa muito sensível à picada das abelhas (*Apis mellifica*), usam injeções diárias intradérmicas de doses em concentrações crescentes do próprio veneno das abelhas. E. G. Mac Lane (Successful treatment of extreme allergy to bee body and bee venom) Minnesota Med. 26, 1961, 1943, relata um caso de cura completa de um apicultor extremamente sensível àquele veneno, curado com injeções sempre mais concentradas.

VERMINOSE DAS AVES

(SINGAMOSE)

JORGE VAITSMAN

Médico — Veterinário

Singamose é uma infestação provocada por um verme que se localiza somente na traquéia das aves (galinhas, perus, galinhas d'angola, etc.). Denomina-se este verme *Syngamus trachea*, que se apresenta no estado adulto, fixado na traquéia, sempre aos pares (macho e fêmea, formando uma forquilha ou um Y, sendo menor o macho).

Esta parasitose pode ser confundida com afecções e infecções comuns do aparelho respiratório. O gôgo, o bocêjo, o pigarro, a gosma são outras designações que sempre encobrem esta infestação, embora em nosso meio aquelas denominações possam ser tomadas como sintomas de outras doenças.

SINTOMAS: — A doença ocorre principalmente nos animais de pouca idade, mas os adultos também são vítimas frequentes do parasitismo deste verme. Os sintomas são todos decorrentes de perturbações respiratórias. As aves mostram-se sufocadas, mantêm os bicos abertos, forçando a passagem de ar, ficam aflitas e inquietas, enquanto que pelo canto da boca escorre uma gosma. A gravidade das perturbações respiratórias depende da quantidade de vermes fixados à traquéia. A respiração será tanto mais difícil e estertorosa quanto maior for este número. Em muitos casos ocorre obstrução total da traquéia, causando a morte da ave por asfixia. Um parasitismo ligeiro acarreta, além dos sintomas já referidos, anemia, perda de peso, falta de apetite, tosse frequente, etc.

DIAGNÓSTICO: — Os sintomas não são suficientes, contudo, para estabelecer o diagnóstico. Este pode ser facilmente obtido pelo exame da traquéia, o qual é feito tanto na ave viva como em qualquer que seja sacrificada para este fim. Para o exame "in vivo" da traquéia, basta suspender a ave e expor o órgão à transparência de um foco de luz natural ou artificial. A abertura de uma traquéia é o melhor método. Notam-se os vermes aderidos à parede do órgão, em forma de Y, sendo a perna maior correspondente a fêmea, que mede de 15 a 20 mm de comprimento, e a menor do macho, cujo tamanho não passa de 5 mm. Os vermes assemelham-se a pequenos fios vermelhos (a verdadeira cor dos parasitos é creme, mas com a absorção de sangue aparecem ao exame com a cor vermelha). Os pontos onde se fixa a forquilha ou o Y também são manchados de vermelho, demonstrando que eles provocam pequenas hemorragias na traquéia.

EVOLUÇÃO DO PARASITO E CONTAMINAÇÃO DO GALINHEIRO: — No estado adulto, fecundadas, as fêmeas põem ovos, que, com os acessos de tosse, caem ao chão contaminando alimentos, a água de bebida e o solo. Encontrando condições satisfatórias, os ovos transformam-se em larvas, as quais, ingeridas por uma ave sadia, transformam-se em exemplares adultos que se fixam na sua traquéia. As minhocas podem ingerir larvas

e ovos destes vermes e conservá-los em seu interior durante muitos meses. As aves também se infestam quando revolvem o solo, ingeridas as minhocas que contêm os ovos embrionários, ou suas larvas.

PROFILAXIA: — Quando a singamose aparece em um aviário (geralmente aves criadas em parque), o melhor é abandonar o local, revolver bem a terra e desinfetá-la com ácido sulfúrico de modo a destruir os ovos e larvas. A utilização do local poderá ser feita passados pelo menos 6 meses.

Entre outras medidas profiláticas, recomendam-se: criação de pintos em locais afastados e não utilizados antes por aves adultas; criação quando possível, em confinamento total (sobre pisos de tela ou sarrafo) durante pelo menos os primeiros quatro meses de vida; desinfecção rigorosa de todas as instalações onde tenham estado aves doentes (limpeza geral com soda cáustica 5% e depois caiação completa), etc.

TRATAMENTO: Os vários métodos de tratamento aconselhados ou não dão resultado integral, satisfatório, ou são de emprego difícil. Quase sempre, não aparece uma só ave doente e sim muitas ao mesmo tempo, o que complica a medicação.

Nos Estados Unidos, aconselha-se o seguinte método, que permite tratar várias aves ao mesmo tempo: os doentes são colocados em uma caixa de madeira bem vedada, com uma portinhola corrediça. Introduzem-se as aves na caixa e, pela portinhola, pulveriza-se tartarato duplo de antimônio e bário. Agita-se bem a gaiola, de modo que todas as aves sejam obrigadas à inalação do pó. Repete-se a pulverização mais duas vezes, com 10 minutos de intervalo. Ao fim das três operações as aves são soltas e os vermes estarão atingidos e mortos pelo medicamento. A quantidade da droga a insuflar dentro da caixa, dependerá do tamanho desta, em geral 30 gramas para cada 30 decímetros cúbicos do espaço existente.

Os demais processos são individuais, isto é, cada ave é tratada isoladamente. O mais comum, de resultados nem sempre positivos, é o de pingar diretamente na traquéia do doente um macerado bem forte de alho. Várias fórmulas de injeções também têm sido aconselhadas. A que melhores resultados tem dado, em centros de experimentação no estrangeiro, é a seguinte: iodo — 1 grama; iodeto de potássio — 2 gramas e água destilada 250 centímetros cúbicos. Para injeção, toma-se uma gota desta solução e dilui-se em um centímetros cúbicos de água. As doses são as seguintes: nos pintos até três semanas, injeta-se diretamente na traquéia um oitavo de centímetro cúbico; 3 a 5 semanas, um quarto; nas aves de dois a quatro meses, meio centímetro cúbico; nas galinhas adultas um centímetro cúbico. Tratando-se de perus, as doses são duplas.

★ NOTICIÁRIO ★

da Escola de Horticultura Wenceslão Bello

Cursos Permanentes

É o seguinte o movimento de matrículas nos Cursos Permanentes em 1955 :

Curso de Hortelão

1.º ano	20 alunos
2.º ano	8 alunos

Curso de Fruticultor

1.º ano	20 alunos
2.º ano	4 alunos

Curso de Floricultor

2.º ano	4 alunos
Total	56 alunos

Cursos Práticos Agrícolas

Na primeira série de Cursos Práticos Agrícolas ministrados em colaboração com a C. B. A. R., matricularam-se 186 alunos.

Rubem Henrique Jacundá

Ao concluir o Serviço Militar, o Fruticultor Rubem Henrique Jacundá, ex-alunos da Escola de Horticultura Wenceslão Bello, fez jús à Medalha Comemorativa do 1.º Centenário de Nascimento do Marechal José Caetano de Farias.

Cursos Práticos Agrícolas

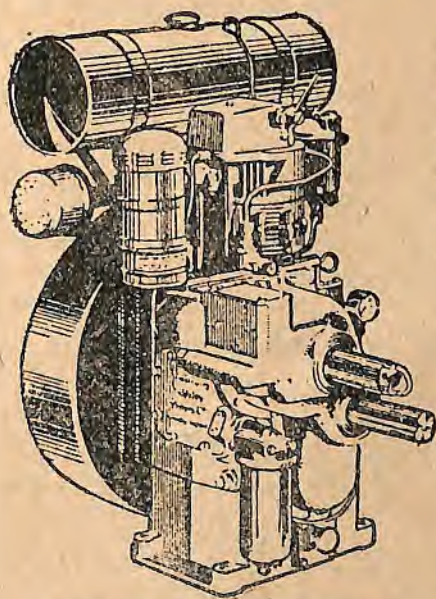
Estão em funcionamento, na Escola de Horticultura Wenceslão Bello, os seguintes Cursos Práticos Agrícolas :

- a) Inseticidas e Fungicidas
- b) Organização de Pomares
- c) Multiplicação Vegetal
- d) Botânica Agrícola
- e) Administração de Propriedades Rurais
- f) Máquinas de Defesa Sanitária Vegetal
- g) Cultura de Citrus
- h) Cultura de Raízes e Tubérculos Hortícolas.

Esses cursos são ministrados na referida Escola em colaboração com a CBAR.

ARMSTRONG SIDDELEY

MOTOTES DIESEL



O Motor Diesel Armstrong Siddeley para todos os fins — disponível como unidade monocilíndrica (6 h.p. — 8 h.p.), ou unidade de cilindros gêmeos (14 h.p. — 20 h.p.). Esfriamento a ar, dispensa abastecimento de água. Transportável, de desenho simples, de baixo consumo de combustível, de partida fácil. O Motor Diesel Armstrong Siddeley tem inúmeras aplicações onde quer que se precise de fornecimento assegurado de energia a baixo preço. Para informações mais completas dirija-se a

Thornycroft Mecânica e Importadora S. A.

ESCRITÓRIO, ALMOXARIFADO E OFICINAS

RUA PREFEITO OLÍMPIO DE MELO N.º 1.435

Tel. 54-2084 — Rêde interna

OFICINAS E GARAGEM "ITA"

RUA MARQUÊS DE ABRANTES N.º 102

Tels. 25-3277 e 45-5662

Rio de Janeiro

FILIAL : — SÃO PAULO

RUA PEDROSO, 238 — TEL. 31-5866

FABRICADO POR ARMSTRONG SIDDELEY, COVENTRY, INGLATERRA

Unidade de cilindros gêmeos
(14 H.P. — 20 H.P.)

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Comentários pelo
Eng. Agr. GERALDO GOULART DA SILVEIRA
Redator Técnico d'A LAVOURA

UNIÃO RURAL

A FAREP (Federação das Associações Rurais do Estado de Pernambuco) vinha, desde o início de suas atividades publicando um Boletim Mensal informativo, agora substituído pelo jornal "União Rural", que terá, sem dúvida, grande difusão entre a classe rural. Em seu primeiro número entre outros destacam-se os artigos sobre a participação das atividades rurais na renda nacional, sobre a agricultura nordestina e a brasileira assinado por Christovam Dantas; sobre o fomento das plantas oleaginosas no Estado de Pernambuco; sobre as possibilidades de desenvolvimento da piscicultura no norte do país, além de suas seções sobre "Cooperativismo", "Estatística" e "Associações Rurais".

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA

Ano XVI — N.º 61

O número 61 da Revista Brasileira de Estatística, que é o órgão oficial do Conselho Nacional de Estatística, traz como sempre, interessante colaboração assinada por Remy Freire, Giorgis Mortara, P. V. Sukhaine, K. Rangachari, João Lyra Madeira, Aarão Reis etc. Entre os trabalhos, pelo interesse que representa para a agricultura, podemos destacar: "A amostragem nas estatísticas agrícolas", de autoria de K. Rangachari.

FAUNA

Ano XIV — N.º 5

O presente número de Fauna, referente ao mês de março de 1955 traz abundante noticiário e colaboração sobre pesca, caça, fauna em geral, etc.

BULLETIN ECONOMIQUE ET SOCIAL DE LA TUNISIE

N.º 99 — Abril de 1955

Trata-se de mais um número deste importante Boletim editado na Tunísia e contendo as suas seções permanentes de Informações, Estudos econômicos, Estudos sociais e culturais e Estatística e documentos.

VITA

Vol. VIII — Ns. 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13 e Vol. X, N.º 14

Recebemos mais esses 11 números do boletim bimensal "Vita", editado pela Confédération de l'Alimentation Belge do Groupement Central des Industries Alimentaires de Belgique.

BOLETIM DO LEITE

Ano VIII — N.º 94

O presente número do "Boletim do Leite" traz artigos assinados por Hobbes de Albuquerque, José Assis Ribeiro, Freire d'Aguiar, P. Mucciolo e O. Barbuto.

REVISTA MENSAL DA LIGA DE COMERCIO DO RIO DE JANEIRO

Ano XIX — Ns. 527-528

Trata-se do órgão oficial da Liga do Comércio do Rio de Janeiro, contendo farta colaboração de interesse para o comércio de um modo geral.

BOLETIM DO CEVI

N.º 8 — Ano 5

Boletim do Centro Cívico e Social da Produção do Rio Grande do Sul referente aos meses de Fevereiro e Março de 1955.

BOLETIM DA C.C.P.L.

Ano VIII — N.º 81

O presente número do Boletim da Cooperativa Central dos Produtores de Leite Ltda. traz artigos assinados por José Furtado, José Assis Ribeiro, Fabio Luz Filho, Nóbrega de Siqueira, Hugo de Almeida Leme, Otávio Domingues e Honorato de Freitas.

A FAZENDA

Outubro de 1954

Entre outros artigos publicados neste número de "A Fazenda", destacam-se: "Métodos fitogenéticos para melhorar cereais, de J. B. Harrington; "Feijão que tolera o calor", de R. W. Allard; "Para mais leite, estábulos modernos", de José B. Clay; "Fatos básicos da rega", de A. J. Hamman.

REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

Vol. V — Fasc. 1

O presente fascículo refere-se aos meses de Janeiro a Março de 1955 e contém numerosos artigos e temas para debates referentes a assuntos filosóficos.

COTTON

Vol. 8 — N.º 3

Trata-se um boletim trimestral de estatística editado em Washington, contendo dados os mais atualizados sobre algodão. O presente número é referente o mês de Abril de 1955.

LAVOURA PORTUGUESA

Ano 43 — N.º 2 8

Destaca-se, no presente n.º de "Lavoura Portuguesa", um magnífico trabalho intitulado "Algumas considerações sobre uma economia agrária planificada, de autoria do Dr. João Garcia Nunes Mexia, ilustrado com bem elucidativos mapas e gráficos.

REVISTA DO CLUBE DE ENGENHARIA

Março de 1955 — N.º 223

O presente n.º desta Revista trás o relatório do Clube de Engenharia referente ao ano de 1954, e entre os artigos de colaboração, um interessante "Esboço de um plano para solucionar o problema das secas do nordeste brasileiro, de autoria do Eng. civil e industrial, Américo Duarte de Viveiros.

BELGIQUE AMERIQUE LATINE

N.º 12 — 30 de Janeiro de 1955

Recebemos mais um número de Belgique Amerique Latine que é o boletim mensal de informação da Casa da América Latina A.S.B.L., na Rua de la Loi, n.º 180, Bruxelas, C.C.P. 6155.

REVENDEDOR FIRESTONE

Ano 2 — N.º 15

Recebemos mais um n.º de "Firestone", publicado pela Indústria de Pneumáticos Firestone S. A., Caixa Postal 8177, S. Paulo.

INTERAMERICAN BULLEIN

Abril de 1955

O Inter American Bulletin é publicado pelo The United States Inter-American Council, 1615 H Street, New York.

ALGODON

Vol. 8 — N.º 9

A revista "Algodon", publicada pelo Comité Consultivo Internacional do Algodão, em Washington, é um revista mensal sempre com dados os mais atualizados sobre a situação mundial do algodão.

BOLETIN INFORMATIVO

Ano XII — N.º 98

O presente boletim é o órgão das Câmaras Oficiais de Comércio, Agricultura e Indústria da República Dominicana, editado na cidade de Trujillo.

ASSOCIAÇÃO RURAL DE MARÍLIA

N.º 12 — Maio de 1955

Trata-se de um boletim mensal mimeografado, publicado pela Associação Rural de Marília, Estado de S. Paulo.

BRASIL-RURAL

N.º 153 — Abril de 1955

Como sempre, a revista "Brasil Rural", da Federação das Associações Rurais do Estado de S. Paulo, traz farto noticiário sobre associativismo rural e sobre assuntos vários de interesse para os lavradores.

TUCAN

Ano VI — N.º 260

Traz farto noticiário a revista "Tucan", que é um periódico semanal de informação econômica editado pelo Instituto Assessor Técnico do Comércio Exterior, de Madrid — Espanha.

A LAVOURA

(ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA)

Fundada em 1897

Eng.º Agrônomo ARTHUR TORRES FILHO
Presidente da Sociedade

Eng.º Agrônomo ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
Diretor

Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD
Diretor Técnico

Eng.º Agrônomo GERALDO GOULART DA SILVEIRA
Redator-Técnico

LUIZ MARQUES POLIANO
Diretor Responsável e Redator-Secretário

Redação e Administração:

General Justo, 171

Telefone: 42-2981

Caixa Postal: 1245

Rio de Janeiro

Nem a redação da Revista nem a Sociedade Nacional de Agricultura são responsáveis pelos conceitos emitidos em artigos assinados

Representante para todo o Estado de S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar — Tel.: 33-1432 — End. Tel.: "LINEFE. C. A.: 7257

— SAO PAULO —

HILGARDIA

Vol. 23 — Diversos números

Hilgardia é o Journal of Agricultural Science, publicado pela Califórnia Agricultural Experiment Station. Recebemos os seguintes números da referida revista:

- Aphid transmission of nonpersistent plant viruses with special reference to the Brassica Nigra virus — Edward S. Sylvestre;
- Interaction of environment and genotype in the expression of a virescent gene, pale-yellow —, of maize — Bernard O. Phinney e Robert E. Kay.
- Cromotropic acid method for determining 2, 4 D residues in rinses, por Louis C. Ericckson e B. L. Brannman.
- Self-incompatibility in specico of Lycopersicon Sect, Eriopersicon and hybrids with L. Esculentum, por Donald C. McGuire e Charles M. Rick.
- Leaf analyses of differnetially cover-cropped deciduous fruit trees por E. L. Proebsting e J. G. Brown.
- Phytotoxicity of hydrocarbons por H. B. Currier e S. A. Peoples.

SIEMBRA DE ALAFABA EN TUCUMAN

A circular n. 147, da Estação Experimental Agrícola de Tucuman, na Argentina, foi escrita para esclarecer os lavradores que desejam instruções seguras sobre a semeadura de alfafa naquela República.

BETTER CROPS WILH FOOD

Vol. XXXIX — N.º 4

Contém este número do Pocket Book of Agriculture editado em Washington, entre outros os seguintes trabalhos: "That agricultural wake", Potash prevents cul Leaf of sour chenies", North Caroline Farmers prepare for cut in usual income"; "greener parture mean better living, "Leaf analysis reveals potash need in Southern Oregon".

BOLETIM DA ASSOCIACION NACIONAL DE INGENIEROS AGRONOMOS

Vol. III — N.º 60

O número referente ao mês de Abril do Boletim da Asociación Nacional de Ingenieros Agrónomos, editado em Madrid, Espanha, traz, entre outras, duas importantes colaborações. Uma, de autoria do Eng. Agr. Dario Maravall Casesnoves, intitulada "La evolución de las frecuencias de genes mendelianos alelomorfos en una población en Panmixia, sin selección ni mutación", e outra, uma conferência sobre uma viagem aos Estados Unidos, pronunciada pelo Eng. Agr. D. César Fallalo, no Instituto Nacional de Engenheiros Cívís, de Espanha.

TUCAN

Ano VI — N.º 261

Recebemos mais este número de Tucan, que é uma revista semanal de informação e eco-

nomia do Instituto Asesor Tecnico del Comercio Exterior, editada em Madrid, Espanha.

MONTHLY AGRICULTURAL REPORT

Vol. XXX — N.º 1

O Monthly Agricultural Report é editado pelo Government of Northeim Ireland Ministry of Agriculture.

REVISTA DO CLUBE DE ENGENHARIA

N.º 224 — Abril de 1955

O presente número do órgão oficial do Clube de Engenharia, transcreve, na íntegra, o magnífico discurso proferido pelo Prof. Maurício Joppert da Silva, ao empossar-se como presidente do referido Clube, para o triênio 1955-1958.

FARM CIENCE

Vol. 9 — N.º 11

O presente número do boletim editado pelo Iowa State College, Amcs, Iowa, traz, entre outros, os seguintes artigos:

- How big will our farms get?, de Dean E. Mekke e Earl O. Heady;
- Protec forage crops from insect, por R. J. Walfrom e J. H. Lilly;
- A problem among Iowa Womem, por Pearl Swauson, Ilisabeth Willis e Pauline Mairs.

LAVOURA PORTUGUESA

Ano 43 — N.º 29

Entre outros, destacam-se no número referente ao mês de Maio de 1955 de "Lavoura Portuguesa, os artigos:

- Terra — Propriedade e proprietários, pelo Dr. Ruy d'Andrade.
- Marrocos florestal — O fomento da arborização e seus resultados, pelo Eng. Agr. Ernesto Goes.

GAZETA DAS ALDEIAS

N.º 2303 — Maio de 1955

O presente número de "Gazeta das Aldeias" traz trabalhos assinados pelo Prof. Antonio J. Rosa Junior, Eng. Agr. Vasco Correia Paixão, Reg. Agr. A. Lopes Vieira, Reg. Agr. J. Costa Rosa, Almeida Coquet.

HOLLAND SHIPPING AND TRADING

Recebemos o N.º 5, Ano 8, referente aos meses de Março e Abril de 1955, da edição especial para a América Latina de Holland Shipping and Trading.

ANALES DE LA SOCIEDAD CIENTIFICA ARGENTINA

Julho-Dezembro de 1954

O presente número dos anais da Sociedade Científica Argentina, traz os seguintes artigos:

- a) Florentino Ameghino — Centenário de su nacimiento;
- b) Maximo Velentinuzzi — Florentino Ameghino como biólogo matemático;
- c) Pedro Loughini — Analisis dimensional;
- d) Guillermo Hozmark — Influencia climática en los juegos olímpicos.

LIGA MARÍTIMA BRASILEIRA

Ano XLVIII — N.º 568

VITA

Vol. XII — N.º 9

“Vita” é a revista bimensal da Confédération de l’Alimentation Belge, editada em Bruxelas — Bélgica. O presente número é referente ao mês de Maio de 1955.

VIDA AGRÍCOLA E COMERCIAL

Ano VI — N.º 71

“Vida Agrícola e Comercial” é um jornal mensal, editado em Lisboa, Portugal, com noticiário de interesse para agricultores e comerciantes. O n.º 71, é referente ao mês de Maio de 1955.

REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA

Ano 8 — N.º 4

A Revista Brasileira de Economia é editada pela Fundação Getúlio Vargas sob a orientação do Instituto Brasileiro de Economia. O presente número, referente ao mês de Dezembro de 1954, traz os seguintes artigos:

- a) O impacto do novo salário mínimo — Alexandre Kafka.
- b) Os salários na indústria e a influência dos novos salários mínimos — Jorge Kingston;
- c) A estrutura do comércio exterior da América do Norte — Gustaaf F. Loch;
- d) Liderança comercial e progresso tecnológico — Yale Brouzen;
- e) O desenvolvimento da produção real e dos recursos disponíveis no Brasil — 1939-1953 — Gustaaf F. Loch e Pierre Van Der Meisen.

REVISTA AGRONÔMICA

Ano XVII — Ns. 215 a 219

Destacam-se no presente número, referente aos meses de Novembro de 1954 a Março de 1955, os seguintes trabalhos:

- a) A podridão das raízes de mandioca, por A. P. Viegas;
- b) Erosão, por Armando C. Oliveira e Faustino F. C. Teixeira;
- c) Contribuição à pesquisa relativa ao emprego de fungicidas em tomateiro, por Manuel A. de Oliveira.

- d) Luta contra os insetos por A. Paiva Netto;
- e) Emprego de bactérias fixadoras de nitrogênio, por J. R. Jardim Freire.

INGENIERIA AGRONOMICA

Ano XIII — Ns. 7 e 8

Recebemos mais dois números relativos aos meses de Janeiro/Fevereiro e Março/Abril de 1955 de Ingenieria Agronomica, que é a revista do Centro Argentino de Ingenieros Agronomos. Entre os artigos, destacamos os assinados pelos Engs. Agr. Carlos R. Morandi, Eng. Agr. Oswaldo G. Córdoba, Dr. Armando Navarro Sampaio, Eng. Agr. Juan B. Morchionatto, Eng. Agr. Candida E. Cababallo, Dr. Héctor C. Rollieri, Dr. Manuel Morales, etc.

REVISTA MENSAL DA LIGA DE COMERCIO DO RIO DE JANEIRO

Ano XVIII — Ns. 248 e 249

O presente número do órgão oficial da Liga de Comércio do Rio de Janeiro, traz farto noticiário de interesse para a classe comercial.

PARANÁ ECONÔMICO

Ano III — N.º 26

O número 26 de “Paraná Econômico”, que é um órgão de defesa dos interesses da produção do Estado do Paraná, é referente ao mês de Maio de 1955 e traz amplo noticiário de interesse para as classes produtoras.

REVISTA DA BOLSA DO COMÉRCIO

Ano LVII — N.º 4

Trata-se do órgão oficial da Câmara Nacional do Comércio de Montevideo, Uruguai. O presente número é referente ao mês de Abril de 1955.

REVISTA CAFETERA DE COLOMBIA

Recebemos e agradecemos a remessa dos seguintes números da Revista Cafetera de Colombia, para completar a coleção da biblioteca da S. N. A.

- a) Vol. VI — Ns. 58 a 62.
- b) Vol. VIII — N.º 109
- c) Vol. VIII — N.º 116
- d) Vol. X — N.º 120
- e) Vol. X — N.º 123.

A CORRESPONDÊNCIA DA REVISTA

Tôda a correspondência destinada a esta revista deverá ser endereçada para A LAVOURA — Av. General Justo, 171-2.º and. — Rio.

Sócio Correspondente da Sociedade Nacional de Agricultura no Uruguai

Em sessão da diretoria foi eleito, por unanimidade, sócio correspondente da Sociedade Nacional de Agricultura no Uruguai, o Dr. Alberto Boerger.

Trata-se sem dúvida, de uma feliz escolha, pois o Dr. Alberto Boerger, pela sua cultura e pelos seus trabalhos é figura de destaque nas ciências agrônômicas e muito honrará a nossa Sociedade Nacional de Agricultura.

São os seguintes os dados biográficos de nosso sócio correspondente:

Alberto Carlos Boerger, nasceu em 4 de novembro de 1881 em Foerdekeftalia (Alemanha).

Boerger iniciou seus estudos superiores em Hannover (ciências naturais e engenharia em geral), cursando logo depois Agronomia e Economia Política em Bonn, especializando-se sob a direção de Remy, em Fitotécnica e completando sua carreira universitária com o doutorado em Filosofia e Ciências da Universidade de Giessen.

Depois de haver atuado como Diretor Técnico da seção de "Semillero" da importante empresa agrícola "Mahndorf", voltou a Bonn como ajudante de seu mestre Remy.

Comissionado pelo Ministério de Agricultura da Prússia, realizou importantes viagens de estudos pelos países Escandinavos, Suíça e Áustria.

Em 1912 foi contratado pelo governo do Uruguai para organizar um serviço de genética vegetal aplicada, centro de investigações que a partir de 1914 encontrou sua sede definitiva no Instituto Fitotécnico Nacional do "Estanzuela", Departamento de Colonia.

Sua atuação ininterrupta durante mais de 40 anos no Uruguai, permitiu a Boerger imprimir ao seu trabalho um cunho específico de continuidade, conseguindo ao mesmo tempo a formação de um núcleo de colaboradores competentes "uma escola científica".

No continente sulamericano Boerger realizou viagens de estudos na Argentina, no Brasil, no Paraguai e nos países situados sobre o Pacífico e o Mar Caribá.

Várias vezes atuou também como assessor de autoridades estrangeiras em questões relacionadas com a produção agrícola.

Participou de numerosos congressos científicos sulamericanos, realizou inúmeras conferências não só nesses congressos como em outros auditórios e publicou vários trabalhos.

Entre as mais de 500 publicações técnicas do Dr. Alberto Boerger, destacam-se as obras "Observaciones sobre Agricultura". (1928); "Investigaciones Agronomicas" (3 tomos, 1943); "Agronomia - Consejos Metodológicos" (1946); "Selección de Conferencias" ((1949, e "Recursos sudamericanos ante la amenaza de una crisis alimenticia mundial" (1952).

Em 1935 o Dr. Boerger iniciou a edição de "Archivo Fitotécnico del Uruguay" revista a qual até agora apareceram 5 volumes.

É Corresponding- Editor das publicações editadas pelo Bureau of Plant Genetics, Seção Herbage Plants em Aberystwyth (Inglaterra), integrando o corpo de redação de outras revistas européias e americanas.

Em 1949 foi presidente da Comissão Organizadora do Primeiro Congresso Sul Americano de Investigações em matérias Agrônômicas, realizado em Estanzuela.

É presidente da Sociedade Rioplatense de Genética.

Entre as numerosas distinções conferidas ao Dr. Alberto Boerger podemos destacar as seguintes:

- 1 — Medalha de ouro da Sociedade Rural Argentina, pelos seus trabalhos relevantes em Genética Vegetal.
- 2 — Membro do Conselho Científico do Instituto Internacional de Agricultura de Roma.
- 3 — Professor "ad honorem" da Faculdade de Agronomia de Montevideu.
- 4 — Cavaleiro da Ordem Cruzeiro do Sul do Brasil.
- 5 — Membro da Academia Leopoldina de Naturalistas da Alemanha, fundada em 1652.
- 6 — Medalha de prata do Instituto de Relações Culturais da Alemanha para o exterior.
- 7 — Membro correspondente do Instituto Equatorial de Ciências Naturais, em Quito.
- 8 — Doutor Honoris Causa da Universidade de Montevideu.
- 9 — Doutor Honoris Causa em Ciências Agrárias da Universidade de Buenos Aires.
- 10 — Professor Honoris Causa da Escola de Agronomia "Eliseu Maciel" de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.
- 11 — Professor Honoris Causa da Universidade do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.
- 12 — Acadêmico Honorário da Academia Nacional de Agronomia e Veterinária da República Argentina.
- 13 — Sócio Honorário da Sociedade de Biologia do Rio Grande do Sul.
- 14 — Oficial da Ordem de Orange Nassau dos Países Baixos.
- 15 — Grã Cruz da Ordem de Hérito, do Governo da República Federal Alemã.
- 16 — Membro correspondente do Centro Central de Investigações Agrônômicas da Alemanha Ocidental em Braunschweig — Völknerode.
- 17 — Consultor Técnico da Diretoria de Agricultura Científica do Instituto Técnico Industrial do Rio de Janeiro.
- 18 — Doutor Honoris Causa da Universidade de Bonn, Alemanha Ocidental.

São esses, em linhas gerais, os principais dados biográficos do Dr. Alberto Carlos Boerger, que muito honrará a Sociedade Nacional de Agricultura, como seu sócio correspondente no Uruguai.

BIBLIOTECA DA S.N.A.

OFERTA DO SR. WALDEMAR LOPES

Monografias — de Maceió, Bagé, Jaguarão.

OFERTA DO SR. TAYGOARA FLEURY DE AMORIM, DIRETOR DO INSTITUTO DE QUÍMICA AGRÍCOLA

Boletim do Instituto de Química Agrícola — n. 1 ao n. 36.

Memória do Instituto de Química — n. 6 — 1944.

OFERTA DO SR. JOÃO GONÇALVES DE SOUZA

Anais do Seminário Latino-Americano de Bem Estar Rural — vol. II — janeiro-fevereiro — 1954-1955.

OFERTA DO SR. ANTONIO JOSÉ ALVES DE SOUZA

Paulo Afonso — Ministério da Viação e Obras Públicas — 1955.

Companhia Hidro-Elétrica do S. Francisco — Relatório de suas atividades em 1954.

OFERTA DO DR. ALBERTO RAVACHE

Instituto Nacional do Mate — Boletim estatístico — 1951-1952.

Anteprojeto de consolidação das leis de colonização.

OFERTA DO I. B. G. E., CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

Divisão territorial do Brasil — 31-12-1954.

OFERTA DE "GUIA DOS EXPORTADORES E IMPORTADORES DE MOÇAMBIQUE"

Boletim n. 1-2-3-4-5-6-7-8.

OFERTA DO INSTITUTO DE INVESTIGACIONES SOCIALES Y ECONOMICAS A. C.

El fracaso del socialismo en Inglaterra — Frederico Sanchez Fogarty — México, 1953.

OFERTA DO DR. ARTHUR TORRES FILHO

- 1) Agriculture in some of its relations with chemistry — F. T. Stores — New York, 1910 — 3 volumes.
- 2) Tropical agriculture — Earley Vernon Wilcox — New York, 1916.
- 3) A Guide to the scientific Examination of soils — Dr. Felix Wahnschaffe — Philadelphia, 1892.
- 4) Biology — Joseph Mc Farland — Philadelphia, 1920.
- 5) The cereals in America — Thomas F. Hunt — New York, 1912.
- 6) Elementary Biology — Benjamin C. Gruenberg — New York, 1919.
- 7) Dry-Farming — William MacDonald — New York, 1911.

- 8) Mathematics — Alfred Monroe Kenyon and William Vernon Lovitt — New York, 1919.
- 9) Rural Credits — Myron T. Herrick and R. Ingalls — New York, 1919.
- 10) Elementary agricultural chemistry — Herbert Ingle — London, 1908.
- 11) Soil management — F. H. King — New York, 1916.
- 12) Insects and insecticides — Clarence M. Weed — New York, 1911.
- 13) The economics of railway transport — Sydney Charles Williams — London, 1911.
- 14) Comment prévoir le temps — L'abbé Th. Moreux — Paris, 1919.
- 15) Entomology for beginners — A. S. Packard — New York, 1899.
- 16) The soil — F. H. King — New York, 1910.
- 17) Précis de chimie agricole — Edmond Gain — Paris, 1918.
- 18) Amélioration des plantes cultivées et du bétail — E. Coquidé — Paris, 1920.
- 19) Théorie et pratique d'un mouvement des terres — Ernest Henry — Paris, 1910.
- 20) Génie rural appliqué aux colonies — Max Ringelmann — Paris, 1908.
- 21) Cours de routes — Léon Durand-Claye — Paris, 1906.
- 22) Instructions météorologiques — Alfred Angot — Paris, 1918.
- 23) Instruções meteorológicas — J. Sampaio Ferraz — volumes I e II — Bruxelas, 1914.
- 24) Travaux et expérience du Dr. A. Voelcker — A. Roma — 2 vols — Paris, 1888.
- 25) Le café dans l'État de Saint Paul — A. Lallière — Paris, 1909.
- 26) Cours de chimie agricole — P. P. Dehérain — Paris, 1873.
- 27) Anatomie et physiologie végétales — Er. Belzung — Paris, 1900.
- 28) Arité de physiologie végétales et agricole — Leclerc du Sablon — Paris, 1911.
- 29) La matière vivante et la vie — Alb. Jacquemin — Paris, 1910.
- 30) Traité de zootechnie — André Sanson — Tome I — Paris, 1907.
- 31) Analyse et essai des matières agricoles — Auguste Vivier — Paris, 1898.
- 32) Traité de zootechnie — Tome I e II — P. Dechambre — Paris, 1911, 1912.
- 33) Logements des animaux II Ecuries etables — M. Ringelman — Paris, 1919.
- 34) La cyanamide calcique — C. Granier — Paris, 1921.
- 35) Culture potagère — J. Vercier — Paris, 1919.
- 36) A handbook for cane-sugar manufacturers — G. L. Spencer — New York, 1916.
- 37) La motoculture — Tony Ballu — Paris, 1914.
- 38) Elements de botanique — Ph. Van Tieghem — Paris, 1906.
- 39) Le perfectionnement des plantes — L. Blaringhem — Paris, 1913.
- 40) Précis d'analyse chimique — parte I e II — E. Frank — Paris, 1906-1907.
- 41) Problèmes et exercices d'arithmétique avec solutions — P. Philippe e F. Dauchy — Paris, 1911.
- 42) Elementos de cosmografia — Eugenio de Barros Raya Gabaglia — Rio de Janeiro.

- 43) Routine et progrès en agriculture — R. Dumont — Paris.
- 44) Alimentação, instinto e cultura — A. da Silva Melo — Rio de Janeiro, 1943.
- 45) Imigração — Rio de Janeiro, 1926.
- 46) Manual das famílias naturais phanerogamas — Alberto Lofgren — Rio de Janeiro, 1917.
- 47) Économie forestière — tome I e II — G. Huffel — Paris — 1920-1926.
- 48) Comment diminuer la misère — B. S. Rowntree — Paris.
- 49) L'hérédité — Yves Delage — Paris, 1903.
- 50) Traité élémentaire de météorologie — Alfred Angot — Paris, 1916.
- 51) Cours d'économie rurale — Edouard Lecouteux — tome I e II — Paris, 1879.
- 52) Les syndicats agricoles et leur oeuvre — Rocquigny — Paris, 1918.
- 53) Dictionnaire des connaissances pratiques — E. Bouant — Paris, 1918.
- 54) La vie intense — Th. Roosevelt — Paris.
- 55) Cours de cosmographie — Paris, 1927.
- 56) Les moteurs agricoles — G. Passélèque — Paris, 1926.
- 57) L'organisation de la science — Louis Favre — Paris, 1900.
- 58) Le sol en agriculture — A. D. Hall et A. Demolon — Paris, 1906.
- 59) Histoire des doctrines économiques — De Platona Quernay — René Gonnard — Paris, 1924.
- 60) Histoire des doctrines économiques de quema a stuart mill — René Gonnard — Paris, 1922.
- 61) Notre avenir — Victor Cambon — Paris, 1918.
- 62) Nouveau traité de machine agricole — L. Fontaine — Paris, 1901. Compreende os seguintes volumes:
 - I — Les moteurs et les machines motrices.
 - II — Les machines à vapeur.
 - III — Les moteurs à gaz.
 - IV — Les moteurs à vent.
 - V — L'hydraulique agricole.
 - VI — L'électricité en agriculture.
- 63) Roles des vers de terre — Ch. Darwin — Paris, 1882.
- 64) Practical farm drainage — Charles Elliott — New York, 1919.
- 65) Climate — Robert de Courey Ward — New York, 1918.
- 66) L'école active — Ad. Ferrière — Genève, 1926.
- 67) Resumo de geologia — A. de Lapparent — Rio de Janeiro, s. d.
- 68) Minha formação — Joaquim Nabuco — Rio de Janeiro, 1900.
- 69) Lições práticas da língua portuguesa — vol. II — Cândido de Figueiredo — Lisboa, 1917.
- 70) O meu físico e a produção agrícola — Girolamo Azzi — Rio de Janeiro, 1938.
- 71) A F. E. B. pelo seu comandante — Marechal J. B. Mascarenhas de Moraes — São Paulo, 1947.
- 72) Princípios de economia política — I. Lapidus e K. Ostrovitianov — Rio de Janeiro, 1944 — 1.º volume.
- 73) Um mundo só — Hendell Willkie — São Paulo, 1944 — Vol. I.
- 74) De ré rústica — Discursos e conferências — Paulo de Lima Corrêa — São Paulo, 1942.
- 75) Reforma agrária no mundo e no Brasil — Série estudos e ensaios n. 4 — Ministério da Agricultura — Serviço de Informação Agrícola, 1953.
- 76) Terceiro catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil — Angelo M. da Costa Lima — Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro, 1936.
- 77) Elementos de química agrícola — Adubos e adubações. — E. Malavolta — São Paulo, 1954.
- 78) Consolidação das leis do trabalho — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1952.
- 79) Meteorologia brasileira — J. de Sampaio Ferraz — Série V — Brasiliana — Vol. 33 — São Paulo, 1934.
- 80) A educação pública em S. Paulo — Fernando de Azevedo — Série V — Brasiliana — Vol. 98 — São Paulo, 1937.
- 81) História econômica do Brasil — 1950-1920 — Roberto C. Simonsen — Tomos I e II — Série V — Vols. 100 e 100-A — São Paulo, 1937.
- 82) Ensaios de etnologia brasileira — Herbert Baldus — Série V — Brasiliana — Vol. 101 — São Paulo, 1937.
- 83) Peter Wilhelm Lund no Brasil — Aníbal Mattos — Série V — Brasiliana — Vol. 148 — São Paulo, 1939.
- 84) História das expedições científicas no Brasil — C. de Mello Leitão — Série V — Vol. 209 — Brasiliana — São Paulo, 1941.
- 85) Flora da Bahia — A. Inácio de Menezes — Série V — Brasiliana — Vol. 264 — São Paulo, 1949.
- 86) Ensino agrícola — Arthur Torres Filho — Rio de Janeiro, 1924.
- 87) Ensino agrícola — Arthur Torres Filho — Rio de Janeiro — 1925.
- 88) A cana por semente — A. E. M. Torres Filho — Campos, 1918.
- 89) The soil — study of the Growth of crops — A. D. Hall — M. A. New York, 1912.
- 90) Consolidação das leis do trabalho — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro, 1952.
- 91) Peixes de água doce — Eurico Santos — Zoologia Brasileira — Rio de Janeiro, 1954.
- 92) Instruções para organização de Sociedades Cooperativas — 4.ª edição — Serviço de Economia Rural — Rio de Janeiro, 1953.
- 93) Cours d'arithmétique — P. Philippe — F. Dauchy — Paris, 1918.
- 94) Irrigation Farming — Lucius Wilcox — New York, 1918.
- 95) Propagation of plants — A. S. Fuller — New York, 1912.
- 96) Cours élémentaire de Zoologie — Remy Perrier — Paris, 1906.
- 97) O crédito agrícola em Portugal — J. H. Ulrich — Lisboa, 1908.
- 98) Leçons élémentaires de microbiologie generale — M. Emm. Pozzi-Escot — Paris, 1909.
- 99) Ecologia agrícola — Michele Briccoli Bati — Firenze, 1913.
- 100) Inquérito sobre os processos de cultura da cana de açúcar em Campos — A. M. Torres Filho — Campos, 1917.
- 101) Bosquejo de história econômica do Brasil — A. Torres Filho — Rio de Janeiro, 1913.
- 102) O Estado do Espírito Santo e seu desenvolvimento econômico — A. E. M. Torres Filho — Rio de Janeiro, 1913.
- 103) Cultura e beneficamento da juta — Okiro de Senna Braga — Rio de Janeiro, 1952.
- 104) Anais do 1.º Congresso Florestal Brasileiro — Curitiba, 1953.
- 105) Demonstração de processos de combate à saúva — Relatório — Ministério da Agricultura, 1936.

- 106) Anuário Brasileiro de Economia Florestal — Ano VI — N. 6 — Rio de Janeiro — 1953.
 107) O solo — Ano XLIII — Piracicaba, 1951.
 108) Rodriguesia — N. 22-23-26 — Rio de Janeiro.
 109) O agrônomo — n. 60-61-62 — Campinas, 1954.

REVISTAS RECEBIDAS EM MAIO E JUNHO

- Agricultural Review (The) — n. 1.
 Agronomia — ns. 79-80.
 Algodon — ns. 10-11.
 Américas — n. 5.
 A C I B P — ns. 4-5.
 Boletim da C. C. P. L. — n. 82.
 Boletim Fluminense de Agricultura — n. 41.
 Boletim do leite — ns. 95-96.
 Boletim de la Asociación Nacional de Ingenieros Agronomos — n. 62.
 Boletim de Informaciones — ns. 10, 12 e 13.
 Brasil Rural — n. 154.
 Bulletin Economique et Social de la Tunisie — ns. 100 e 101.
 Carta quincenal de la Cámara de Comercio de Chile — ns. 230 e 231.
 Chácaras e Quintais — vol. 91 — ns. 5 e 6.
 Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores — n. 21.
 Conjuntura Econômica — vol. IX — ns. 5 e 6.
 Extension Service News — vol. X — ns. 5 e 6.
 Fauna — vol. XIV — n. 5 e 6.
 Fazenda (A) — ano L — n. 5.
 Gazeta das aldeias — ns. 2.302 a 2.305.
 Granja (A) — ano XI — ns. 96 e 97.
 Ifap News — vol. 4 — ns. 5 e 6.
 Informação agrícola — vol. VIII — n. 116.
 Iowa Farm Science — vol. 9 — n. 11 e 12.
 Lavoura Portuguesa — ns. 29 e 30.
 Massey Harris — n. 330, 331.
 Mercado do café — ns. 931 a 938.
 Mundo agrícola — ano 4 — ns. 5 e 6.
 Novo Mundo — ano III — ns. 28 e 29.
 Observador Econômico e Financeiro — ano XX — ns. 231 e 232.
 Paraná Econômico — ano III — n. 26 e 27.
 Piauí Rural (O) — ano I — n. 1.
 Pioneiro (O) — ano I — n. 10, 11 e 12.
 Revista de Agricultura — vol. XXX — ns. 4, 6 e 6.
 Revista Brasileira de Panificação — vol. XX — ns. 237 e 238.
 Revista do Clube de Engenharia — ns. 225 e 226.
 Revendedor Firestone — ano 2 — ns. 15 e 16.
 Revista Industrial — vol. 23 — ns. 5 e 6.
 Revista mensal da Liga do Comércio do Rio de Janeiro — ns. 259 e 260.
 Revista dos Mercados — vol. VI — n. 57.
 Rodovia — n. 183.
 Saúde — vol. VIII — ns. 90 e 91.
 Seleções Agrícolas — ano X — ns. 109 e 110.
 Touring — ns. 260 e 261.
 Tucan — n. 260 a 266.
 União Rural — n. 1.
 Vida agrícola e comercial — ns. 71 e 72.
 Vita — vol. XII — n. 9 a 12.

JULHO — AGOSTO

OFERTA DO DR. FÁBIO LUZ FILHO

- 1) Petit traité d'agriculture tropicale — H. A. A. Gord Nicolls — E. Raoul — Paris, 1901.
 2) La connaissance du bétail — J. Ginieis — Paris, 1912.

- 3) Législation rurale — E. Jouzier — Paris, 1912.
 4) Agriculture générale — Semailles et récoltes — P. Diffloth — Paris, 1913.
 5) Météorologie de l'agriculture et prévision du temps — L. M. Granderye — Paris, 1913.
 6) Analyses agricoles — R. Guillin — Paris, 1919.
 6) Analyses agricoles — R. Guillin — Paris, 1919.
 7) Aménagement de la ferme — Roger Laquerrier — Paris, 1919.
 8) Le règne de Lenine — Baron Boris Nolde — Paris, 1920.
 9) La production et la population — Robert Lascaux — Paris, 1921.
 10) L'aventure italienne — Silvio Frentin — Paris, 1928.
 11) Sous Lenine — Odette Keun — Paris, 1922.
 12) Économique — Georges Valois — Paris, 1931.
 13) Lecheria — Carlos Martins — Barcelona, 1922.
 14) Algebra — Augusto José da Cunha — Lisboa.
 15) Notas de estudo — Moreira Teles — Lisboa, 1916.
 16) Carestia da vida nos campos — Bazilio Telles — Porto, 1904.
 17) Jardinagem — Joaquim Rodrigo — Lisboa, 1945.
 18) Consejos praticos a los horticultores — M. de Industrias — Montevideu, 1913 — fl.
 19) Produzca fruta — I. H. C. — Buenos Aires, 1925 — fl.
 20) Obtenga mayores ganancias de su gallinero — Buenos Aires, 1925 — fls.
 21) Castracion de pollos — Pedro de Sarasqueta — Buenos Aires, 1930 — fls.
 22) Buenos Vecinos Buenos Amigos — Manuel Avila Camacho — México, 1943.

(Conclusão da pág. 56)

tovam Dantas, Secretário da Agricultura do Estado de Pernambuco sobre "O problema da produtividade do algodão no Brasil.

ASSOCIATIVISMO RURAL EM MARCHA

Até maio do corrente ano era de 1.030 instituições a cadeia de associações rurais registradas no Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, assim distribuídas:

- a) 910 Associações Municipais
 b) 60 Associações Regionais
 c) 30 Associações Especializadas
 d) 20 Federações de Associações Rurais

Essa rede, que se amplia dia a dia, já conta com 150 mil associados.

ASSOCIAÇÃO RURAL DE SALINAS

... Foi empossada a 3/7/1951 a seguinte diretoria da Associação Rural de Salinas, Estado de Minas Gerais, para o período 1955/1957.

Presidente — Carlos Aloisio Corrêa
 Vice-Presidente — Deusdedit Medrado Fernandes

- 1.º Secretário — Lucio Ramos
 2.º Secretário — Delio Bernardino
 1.º Tesoureiro — Adail Melo
 2.º Tesoureiro — Sizino Brito.

Comissão Fiscal — Asdrubal de Oliveira Santos, Abdias Crispim da Costa e Albino Muniz Teixeira.

Suplentes — Eloy Gonçalves Quintino, Idalino Sarmento e Eurico F. Sarmento.

ASSOCIATIVISMO RURAL

ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE CRIADORES DE BOVINOS

Foi eleita e empossada a seguinte diretoria que dirigirá os destinos da Associação Paranaense de Criadores de Bovinos no biênio 1955-1957.

Presidente : Antônio Batista Ribas

1.º Vice-Presidente : Mário Marcondes Loureiro

2.º Vice-Presidente : Jaziel Soutomaior Lagos

1.º Secretário : José Quirino dos Santos

2.º Secretário : Cláudio Franco de Macedo

1.º Tesoureiro : Theodoro Pinheiro Machado

2.º Tesoureiro : Theodoro Guimarães

Conselho Técnico e suplentes :

Nelson Batista Ribas, Carlos Itiberê da Cunha, Leonidas Vicente de Castro, Luiz Natal Bonin, Hilton Teles de Menezes, Cid Rocha, Euclides Ribas Maciel, Nilo Gasparetto, João Toledo Mascarenhas, Amazonas Marcondes, Eurico Batista Rosas e Lauro Martins Araújo

Comissão Fiscal e suplentes

Ernani Guarita Cartaxo, Saturnino Luz, Lyndandro Almeida, José Pires Braga, Manoel Lustosa Martins e Paulo Gutierrez.

ASSOCIAÇÃO RURAL DE MARÍLIA

A Associação Rural de Marília, Estado de São Paulo, edita um Boletim Mensal mimeografado, com noticiário de interesse para os lavradores. O endereço da referida Associação Rural é Caixa Postal 538 — Marília.

ASSOCIAÇÃO AVÍCOLA DE IBITINGA

Foi fundada em S. Paulo, a Associação Avícola de Ibitinga, cuja primeira diretoria ficou assim constituída :

Presidente — Dr. Flavio Pinheiro

1.º Vice-Presidente — William Côrtes

2.º Vice-Presidente — Silvestre Custódio

1.º Secretário — Mario Dert

2.º Secretário — Horizontino Negrão

Conselho Fiscal — Evangelista Maziers, Francisco Eufrazio, Naim Alem, Pedro Cudogio e José Amancio de Moraes.

SUBVENÇÕES EXTRAORDINÁRIAS A ENTIDADES RURAIS MINEIRAS

O Orçamento da República do corrente ano consigna na parte referente ao Ministério da Agricultura a importância de Cr\$ 9.750.000,00 para subvenções extraordinárias a entidades rurais situadas em Minas Gerais. São as seguintes as entidades que receberão o referido auxílio:

Associação Rural de Alfenas, Cr\$ 300.000,00; Associação Rural de Araguari, Cr\$ 100.000,00; Associação Rural de Barbacena, Cr\$ 600.000,00; Associação Rural de Carangola, Cr\$ 300.000,00; Associação Rural de Caldas, para os Parques de

Exposição, Cr\$ 950.000,00; Associação Rural de Campestre, Cr\$ 300.000,00; Associação Rural de Carangola, Cr\$ 300.000,00; Associação Rural de Contagem, Cr\$ 20.000,00; Associação Rural de Dionísio, Cr\$ 500.000,00; Associação Rural de Ferros, Cr\$ 100.000,00; Associação Rural de Francisco Sá, Cr\$ 100.000,00; Associação Rural de Governador Valadares, Cr\$ 600.000,00; Associação Rural de Guanhães, Cr\$ 120.000,00; Associação Rural de Itabrito, Cr\$ 20.000,00; Associação Rural de Juiz de Fora, Cr\$ 700.000,00; Associação Rural de Lavras, Cr\$ 150.000,00; Associação Rural de Leopoldina, Cr\$ 700.000,00; Associação Rural de Machado, Cr\$ 200.000,00; Associação Rural de Manga, Cr\$ 100.000,00; Associação Rural de Monte Sião, Cr\$ 20.000,00; Associação Rural de Muriaé, Cr\$ 500.000,00; Associação Rural de Pechanha, Cr\$ 30.000,00; Associação Rural de Pouso Alegre para os Parques de Exposição, Cr\$ 200.000,00; Associação Rural de Salinas, para os Parques de Exposição Presidente Vargas, Cr\$ 300.000,00; Associação de Sudoeste de Minas, Cr\$ 20.000,00; Associação Rural São Domingos de Prata, Cr\$ 300.000,00; Associação Rural de Tocantins, Cr\$ 50.000,00; Associação Rural de Triângulo Mineiro de Uberaba, Cr\$ 300.000,00; Associação Rural de Uberlândia, Cr\$ 100.000,00; Escola Agrícola Dom Bosco, de AN 00 Cr\$ \$\$\$ou.

Cachoeira do Campo Cr\$ 400.000,00, Associação Rural de Virgíópolis, Cr\$ 100.000,00; Escola Primária junto ao posto Agropecuário de Caldas, Cr\$ 150.000,00; Exposição de Uvas e Vinhos da Associação Rural de Caldas (para a construção do Recinto Permanente), Cr\$ 350.000,00; Jockey Clube de Paracatú, Cr\$ 50.000,00; e Sociedade de Proteção ao solo de Guaxupé, Cr\$ 400.000,00.

CLUBE DE ENGENHARIA

Foi a seguinte a diretoria eleita e empossada que dirigirá o Clube de Engenharia no triênio 1955-1958 :

Presidente : Maurício Joppert da Silva

1.º Vice-Presidente : Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves

1.º Secretário : Cezar Reis de Catanhede Almeida

2.º Secretário : Ulysses Rodrigues Hellmeister

Tesoureiro : Amandino Ferreira de Carvalho

Bibliotecário : Nearch Joaquim da Silveira e Azevedo

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES RURAIS DE PERNAMBUCO

A Federação das Associações Rurais do Estado de Pernambuco em substituição ao seu antigo Boletim Rural está editando agora um bem noticioso jornal chamado "União Rural".

ATIVIDADES DA FAREP

A FAREP programou para o corrente ano uma série de palestras e conferências sobre assuntos rurais. Já se realizaram, entre outras, a palestra do Engenheiro Agrônomo Lauro Borba sobre "Residências de Agronomia" e a do Dr. Cris-

(Continua na pág. 55)

COOPERATIVA DOS AVICULTORES DE BENFICA

Se você é avicultor e quer vencer no seu empreendimento, filie-se à Cooperativa dos Avicultores de Benfica (C.A.B.) que lhe garante :

- colocação imediata e vantajosa dos seus produtos; e
- fornecimento regular de rações balanceadas.

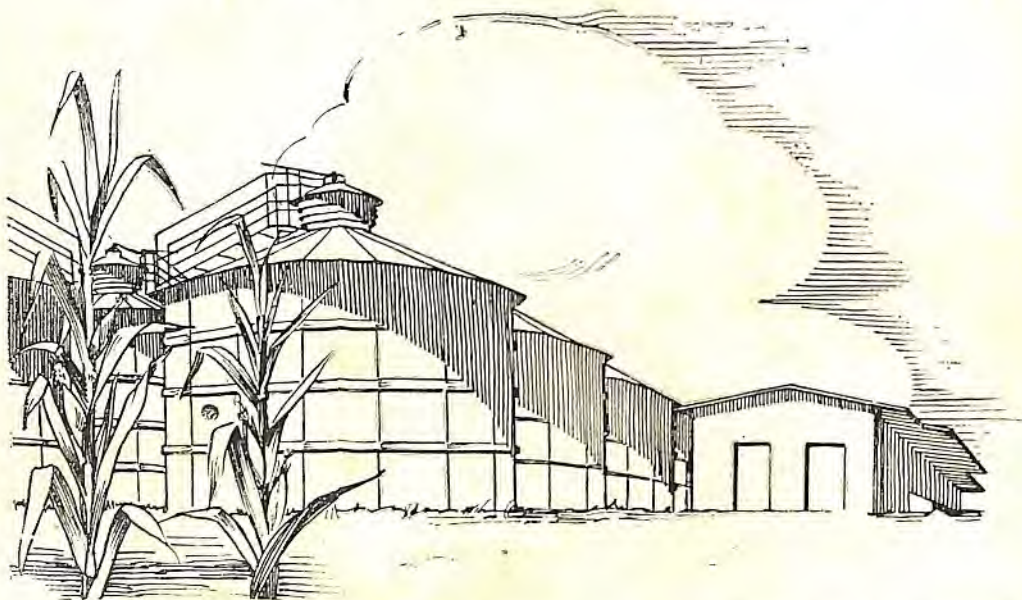
●
A Cooperativa dos Avicultores de Benfica fornece, também, pintos de 1 dia, das raças New Hampshire e Leghorn Branca, oriundos de reprodutores importados e criados em plena liberdade. Fabrica todos os materiais necessários a um aviário moderno, para abastecer os seus associados.

●
A C. A. B. realiza, todos os meses, encontro de contas com os seus associados e distribui, no fim do ano, as sobras do seu movimento comercial. Em 1952, essa distribuição atingiu a Cr\$ 3.066.375,90, elevando-se em 1953, a Cr\$ 4.046.111,90, e, em 1954, a Cr\$ 4.239.149,60 !

●
Visite a C.A.B. e informe-se dos serviços que ela pode prestar-lhe: Largo de Benfica — Rio de Janeiro, D. F. — Telefones: 28-6718 e 48-1041.

CASA MAYRINK VEIGA S. A.

RUA MAYRINK VEIGA, 17-21 — RIO DE JANEIRO



Silos DUVENT

INDÚSTRIA NACIONAL — PATENTE 48.236

O ÚNICO SILO EXPERIMENTADO E APROVADO PELO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

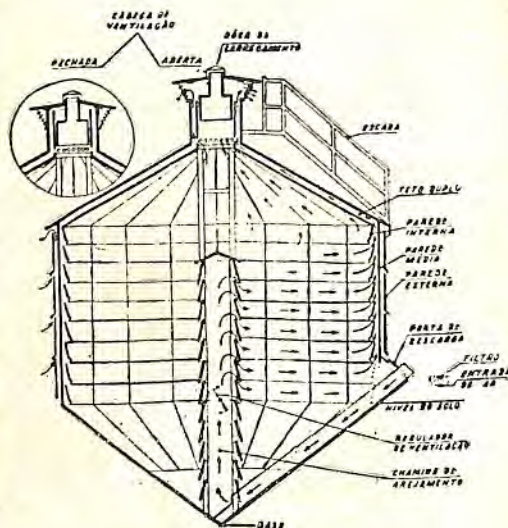
UM SILO DE FUNCIONAMENTO AUTOMÁTICO IDEALIZADO PARA O NOSSO CLIMA

PRÉFABRICADO, INTEIRAMENTE METÁLICO, desmontável e facilmente transportável, dispensando qualquer fundação ou obra de alvenaria, ou qualquer tipo de amarração.

Com PAREDES TRIPLAS, que evitam totalmente a absorção do calor externo, assim como, isolando a massa ensilada da parede média, facilitam a circulação de ar entre elas, impedindo desta maneira que se formem condensações e aquecimentos.

FÁCIL INSPEÇÃO da massa estocada através da porta de descarga. Possui dispositivos para ficar herméticamente fechado, possibilitando assim o expurgo com brometo de metila ou outro gás leve ou pesado.

O Silo "DUVENT" tem as vantagens de funcionar como CÂMARA DE EXPÚRGO, e SECA-DOR, uma vez que devido ao sistema contínuo de ventilação é possível diminuir o teor de umidade interna dos grãos ensilados, e finalmente como SILO propriamente dito, uma vez que os produtos nele guardados não sofrem alterações prejudiciais. Além de impedir totalmente fermentações devido ao desenvolvimento de microorganismos, impede as reinfestações e a ação dos roedores.



FORNECEMOS SILOS PARA QUALQUER TONELAGEM